



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA
LORANNOELLY VARGAS COSTA PAZ

**POSSIBILIDADES DE ABORDAGEM DO FENÔMENO DA
TATUAGEM EM FREUD E LACAN**

Campo Grande – MS

2015

LORANNOELLY VARGAS COSTA PAZ

**POSSIBILIDADES DE ABORDAGEM DO FENÔMENO DA
TATUAGEM EM FREUD E LACAN**

Trabalho de Dissertação de Mestrado,
apresentado à Universidade Federal de Mato
Grosso do Sul, ao Programa de Pós-Graduação
em Psicologia, como exigência parcial para a
obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Dr. Tiago Ravanello

Campo Grande – MS

2015

DISSERTAÇÃO

Paz, Lorannoelly Vargas Costa.

Possibilidades de abordagem do fenômeno da tatuagem em Freud e Lacan / Lorannoelly Vargas Costa Paz. – 20015. 91f.

Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2015.

Orientação: Prof. Dr. Tiago Ravanello, Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

1. Tatuagem 2. Linguagem 3. Corpo. I. Título.

**POSSIBILIDADES DE ABORDAGEM DO FENÔMENO DA TATUAGEM EM
FREUD E LACAN**

Lorannoelly Vargas Costa Paz

Orientador: Professor Dr. Tiago Ravanello

Dissertação de Mestrado apresentado como exigência parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia à Comissão Julgadora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, campus de Campo Grande.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Tiago Ravanello (UFMS/Orientador)

Prof. Dr. Antônio Carlos do Nascimento Osório (UFMS)

Prof.^a Dr.^a Regina Herzog (UFRJ)

Prof.^a Dr.^a Zaira de Andrade Lopes (UFMS/Suplente)

Campo Grande – MS, Setembro de 2015.

AGRADECIMENTOS

Quando nos propomos a fazer um trabalho, inúmeras são as dificuldades que aparecem em nosso caminho, mas também, inúmeras são as pessoas que se dispõem a contribuir com nossa jornada. Por isso, muito obrigada àqueles que direta ou indiretamente contribuíram com a construção desta pesquisa, principalmente aqueles que tornaram a caminhada menos árdua.

Obrigada ao meu orientador Dr. Tiago Ravanello por acreditar em mim como pesquisadora desde o tempo da graduação. Por ser além de pesquisador, um excelente professor. Por ter me ensinado lições que levarei ao longo da minha vida.

Aos professores Dr. Antônio Carlos do Nascimento Osório e Dr.a Regina Herzog de Oliveira, muito obrigada pelas valorosas contribuições no exame de qualificação o que fez com que minha pesquisa ganhasse novo fôlego.

Obrigada aos colegas membros do LAPPEL pelas produtivas discussões durante os encontros, por serem os primeiros avaliadores das pesquisas, pela agradável companhia em viagens (de congressos) e pelos bons momentos de descontrações.

À Flávia Milanez de Farias, que entrou junto comigo nessa missão que se chama mestrado; sofremos juntas, comemoramos juntas e terminamos juntas. Obrigada por aguentar minhas queixas e estar sempre disponível para acolher minhas angústias.

Às minha ‘amorinhas’ (Stéfanie, Amanda, Carolina, Ronilce, Luiza) por me lembrarem de que eu tinha vida social, embora muitas vezes eu afirmasse que não. Obrigada por acreditarem em mim e serem os presentes que a psicologia me deu.

À Luiza M^a de Souza Nabarrete e à Ronilce Cavichioli de Santana que me passaram todas as ‘manhas’ do mestrado, já que haviam entrado na turma anterior. Pelos incentivos, apoios, questionamentos, discussões teóricas e idas ao Escobar.

Aos professores do programa pela generosidade em partilhar seus conhecimentos.

Obrigada aos meus irmãos, Lander e Loranni, que acreditaram em mim e que muitas vezes fizeram parecer que o aquilo que eu fazia era mais importante do que de fato era ao me colocarem como o ‘orgulho da família’.

Ao meu namorado Tiago Zandona, por pegar no meu pé e me cobrar mais do que eu mesma me cobrava, por ter sido paciente e me ajudado com tudo o que pode e não pode. Obrigada por ser um dos meus maiores incentivadores e por estar sempre presente na minha vida.

Aos meus amigos que sempre estiveram ao meu lado me apoiando. Em especial a minha querida cunhada Patrícia Zandona, grande incentivadora e excelente pessoa, sempre celebrando comigo minhas conquistas e realizações além de aturar minhas reclamações e desesperos.

Aos meus familiares pela confiança e por me obrigarem a estar presente nas festas de família. Obrigada aos meus avós, tios, tias, primas, primos, cunhado e afilhado.

Em especial, quero agradecer aos meus pais, Suely e Athos, meus maiores incentivadores. Aqueles que se sacrificavam e ainda se sacrificam por mim. Obrigada por serem meus exemplos de vida. Por me cobrarem e me forçarem a ser uma pessoa melhor. Muito obrigada!

Obrigada a CAPES pelo financiamento da pesquisa.

Foi nos tropeços desta longa caminhada e tendo vocês como minhas pequenas alteridades que me fiz sujeito e, hoje, sou diferente do que era quando comecei essa pesquisa.

Grata, Loran.

RESUMO

Ao se abordar a teoria freudiana, pode-se pontuar que suas construções teóricas foram baseadas, sobretudo, no entrelaçamento de sua visão clínica com a aspiração de fundamentar um novo campo científico que possibilitasse a abordagem de fenômenos variados, no sentido da constituição de uma clínica ampliada, ou seja, na abordagem não só de fenômenos psicopatológicos, mas também, dos ditos normais (como o caso dos sonhos). Com esse intuito, propomos abordar o fenômeno da tatuagem enquanto fenômeno da vida cotidiana. Porém, não tendo sido encontrada uma abordagem direta deste fenômeno nas teorias freudiana e lacaniana buscamos questionar se a teoria freudiana dos processos oníricos com seus modos de constituição e interpretação e, se a teoria lacaniana do significante permitiria uma abordagem diferenciada do fenômeno. Com assim, buscamos denotar a tatuagem como expressão de linguagem no corpo bem como explorar a relação entre corpo e linguagem tendo a tatuagem como mote.

PALAVRAS-CHAVE: Tatuagem; Psicanálise; Linguagem; Corpo.

ABSTRACT

When addressing the Freudian theory, we can point out that their theoretical constructs were based primarily on the intertwining of their clinical vision with the aspiration to support a new scientific field that would allow the approach of various phenomena in the sense of setting up a clinic expanded, so, not only the approach of psychopathological phenomena, but also the so-called normal (like a case of dreams). To that end, we propose to address the phenomenon of tattoo as a phenomenon of everyday life. However, having been found a direct approach this phenomenon in Freudian and Lacanian theories, we seek to question the Freudian theory of the dream processes with their modes of formation and interpretation and, if the Lacanian theory of the signifier would allow a differentiated approach to the phenomenon. With so, we seek to denote the tattoo as an expression of language in the body and to explore the relationship between body and language with the tattoo as a motto.

KEY-WORDS: tatoo; psychoanalysis; language; body.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	08
2- PROCESSOS ONÍRICOS E TATUAGEM	16
2.1 – Sonho: origem, função e finalidade	20
2.2- Elaboração onírica: questões linguageiras	30
2.2.1- Condensação/Metáfora e Deslocamento/Metonímia	32
2.2.2- Figurabilidade (Darstellung)	35
2.2.3- Elaboração secundária	40
3- A TATUAGEM E A QUESTÃO DA CORPOREIDADE	44
3.1- Antecedentes	45
3.2- A tatuagem na sua relação eu-corpo	51
3.3- A relação do corporal com os três registros	58
4- ENTREVISTA EM PSICANÁLISE	62
4.1- Coletando e analisando os dados	70
4.2 – Sujeitos	71
4.2.1- Critérios de inclusão de sujeitos	72
4.2.2 – Critérios de exclusão de sujeitos	72
4.3- Riscos e benefícios	72
4.3.1- Riscos	72
4.3.2 – Benefícios	73
4.4- Lócus da pesquisa	73
4.5 – Procedimentos	73
5- O FENÔMENO DA TATUAGEM: IMPLICAÇÃO DISCURSIVA	75
5.1- Dimensão de ato	76
5.2- Nova dimensão de corpo: da ordem de um vazio	78

5.3- Prevalência do significante	80
6- CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
7- REFERÊNCIAS	86
Anexo A: Aceite da plataforma Brasil	93
Anexo B: Relatório de atividades da secretaria municipal de vigilância sanitária – CG/MS 95	
Anexo C: Termo de consentimento livre esclarecido	99
Anexo D: Ficha de identificação	102
Apêndice A: Convite para a participação da pesquisa	103
Apêndice B: Termo de autorização para uso do estabelecimento comercial	104
Apêndice C: Roteiro de entrevistas	105

1- INTRODUÇÃO

Ao interessarmo-nos pela temática da tatuagem, com os discursos daqueles que se tatuam e daqueles que tatuam, buscamos uma possibilidade de abordagem do fenômeno da tatuagem pela ótica da teoria psicanalítica (em Freud e Lacan). Segundo Lise (2010), a tatuagem – enquanto prática de ornamentação da pele –, tem seu histórico datado entre 2000 e 4000 anos a.C, ao serem encontradas em múmias desse período. Ainda de acordo com a autora, não se pode fazer afirmação quanto sua difusão, se a mesma foi fruto das grandes navegações dos países europeus ou se ela surgiu ao redor do globo de forma independente. Quanto ao termo tatuagem (em português) seria derivado “do taitiano ‘tau’ ou ‘tatau’, que significa ‘ferida, desenho batido’. Trata-se de uma onomatopéia relacionada ao som produzido pelo instrumento utilizado para bater no tronco oco.” (LISE, 2010, p. 632). A tatuagem enquanto prática de modificações corporais para fins de ornamentação da pele tem sua origem desconhecida e sua finalidade difere de acordo com meio cultural na qual ela está inserida. Para tanto, optamos pela abordagem da tatuagem que é praticada voluntariamente e dentro do nosso contexto social, ou seja, daqueles que voluntariamente buscam profissionais do ramo para marcar em sua pele as inscrições por eles eleitas. Vale ressaltar que não desconsideramos seus outros contextos e nem suas possíveis relações com a teoria psicanalítica, apenas estamos recortando qual a parcela do fenômeno a qual nos propomos abordar com esse estudo.

Sendo assim, em levantamento realizado, entre agosto de 2013 e março de 2014, em bancos de dados on-line (scielo e periódicos capes), foram encontrados dez artigos, uma dissertação e uma tese, que fizessem referência à tatuagem em uma perspectiva psicanalítica (totalizando 12 produções). Em contrapartida, de acordo com o site brasilsus¹, informações obtidas na Setap-sp (Sindicato das Empresas de Tatuagem e Body Piercing de São Paulo), informava que em 2008, estimava-se haver cerca de 25 milhões de brasileiros tatuados, de uma população, que no mesmo ano, perfazia um total de 189, 952 milhões de pessoas (aproximadamente 190 milhões)², ou seja, em torno de 13% da população brasileira possuía algum tipo de tatuagem no referido ano, o que demonstra o grau de popularização desse fenômeno.

¹ Site acessado em 23 de maio do ano de 2011. Página de acesso <http://www.brasilsus.com.br/noticias/9-principais/106054-tatuagem-evite-riscos-de-arrependimento-e-de-saude.html>. Na impossibilidade de atualização dos dados, pois o referido site está fora do ar, optamos por manter a estatística obtida no ano de 2011.

²Segundos dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), relativo à Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) de 2008. Fonte: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1455&id_pagina acessado em 23 de maio do ano de 2011.

Nossa primeira intenção foi de buscar subsídios na obra freudiana, haja vista que, a psicanálise adquire status de corpo teórico em Freud, porém quando empreitamos nessa vereda, em um levantamento realizado nas “Obras Psicológicas Completas de Freud” na edição *standard* de 2006, não encontramos nenhuma referência aos termos tatuagem/tattoo/tatuado. Logo, não havia ali nenhuma possibilidade da abordagem direta do fenômeno da tatuagem. Como pontua Costa (2006), Lacan vai radicalizar a proposta freudiana ao afirmar que a metáfora (condensação) e a metonímia (deslocamento) são mecanismos de constituição de todas as formações inconscientes. Porém, Lacan (1957/1998) aponta que o que vai distinguir a condensação e o deslocamento (metáfora e metonímia) no desempenhar de suas funções no trabalho do sonho, daquele desempenhado no trabalho dos demais discursos, trata-se, apenas, do papel da figurabilidade. É nesse sentido que:

O que distingue esses dois mecanismos [metáfora e metonímia], que desempenham no trabalho do sonho, *Traumarbeit*, um papel privilegiado, de sua função homologa no discurso? – Nada, a não ser uma condição imposta ao material significante, chamada *Riicksichtauf Darstellbarkeit*, que convém traduzir por ‘consideração para com os meios da encenação’ (sendo por demais aproximativa, aqui, a tradução por ‘papel da figurabilidade’). (LACAN, 1957/1998, p. 515).

Dessa maneira, o fenômeno da tatuagem, da mesma forma como ocorre com as chamadas formações do inconsciente, se utilizaria da condensação e deslocamento na sua constituição. E, se aproximaria dos processos oníricos pelo fato de ambas terem a questão da consideração à figurabilidade na base de sua constituição, a qual, segundo Lacan (1957/1998) é uma condição imposta ao material significante, sendo relacionada ao este material, mas não da ordem do deste. Deste modo, visamos propor uma possibilidade de abordagem do fenômeno da tatuagem por meio da aproximação a elementos teóricos que lhe fossem próximos ou fizessem fronteira, o que nos conduziu aos processos oníricos, já que a condensação e o deslocamento estariam presentes na maior parte dos fenômenos discursivos e, a figurabilidade pelo fato de ambos de apresentarem de forma figurável e presentificável. Logo, o que aproximaria o fenômeno dos sonhos com o da tatuagem seria a figurabilidade e, para tanto, nos utilizamos da leitura desse conceito realizada por David-Ménard (1989, 2000). Para a autora a figurabilidade freudiana (*Darstellug*) deveria ser entendida, não apenas em sua relação ao caráter figurável, mas, sobretudo ao caráter de apresentação e presentificação. Dessa maneira, ao se tomar o sonho como uma via privilegiada de acesso ao inconsciente, mesmo que deformado, temos a figurabilidade como aquilo que o diferencia de outros fenômenos discursivos e, ao aproximar a tatuagem do sonho pelo caráter figurável de ambos,

nos propomos a abordar, em um primeiro capítulo, a tatuagem a partir dos processos constitutivos e interpretativos do fenômeno do sonho. E assim, trabalhamos com o fenômeno da tatuagem a partir das delimitações da interpretação dos processos oníricos, para tal nos utilizamos da figurabilidade como ponto de aproximação entre ambos os fenômenos. Contudo, deve-se levar em consideração que só é possível a abordagem da figurabilidade – do seu caráter de presentificação –, por suas representações.

Entretanto, em referência aos processos oníricos, Costa afirma não haver em Lacan a divisão em duas partes do discurso do sonho, latente e manifesto, haja vista que não existiria processo de deformação que não o da própria linguagem: “assim, a deformação resulta da própria linguagem que deforma o real, constituindo uma outra cena, com leis e desígnios próprios.” (COSTA, 2006, pp. 28-9). Nesse sentido, a divisão entre latente e manifesto seria abordado como a divisão entre saber e Verdade³, e esta outra cena, fruto da deformação do Real estaria na base do mecanismo da figurabilidade.

Buscando subsídios teóricos na obra freudiana e trabalhando com os textos que abordam o tema referente ao fenômeno dos sonhos, visamos atentar para a possibilidade de transpor alguns de seus mecanismos para a abordagem da tatuagem (condensação, deslocamento e figurabilidade). Assim, optamos por iniciar esse estudo começando pela discussão de algumas das “Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Partes I e II)” (FREUD, 1915-1916/2006), haja vista que nelas encontramos os construtos teóricos referente aos sonhos, em que ele apresenta o tema de forma sistematizada, possibilitando-nos o entendimento dos processos constitutivos e interpretativos e, assim, buscar sua correlação com nosso objeto de estudo. Ao abordar as referidas conferências, foi possível acompanhar o percurso adotado por Freud de forma pontual, trabalhando as questões referentes ao sonho ponto a ponto: sua origem, sua finalidade e seus processos. Assim, buscamos apresentar conteúdos ligados à temática dos sonhos e, também, trabalhando com outras obras do autor e suas revisões.

Logo, trabalhamos os textos: “A interpretação dos sonhos” (1900/2001) – obra fundamental que contempla esse fenômeno –; “Sobre os sonhos” (1901/2006) – estudo que apresenta e aborda de maneira mais sucinta o fenômeno, logo em sequência a sua obra principal –; “Cinco lições de psicanálise: Terceira Lição” (1910[1909] /2006) – lição que

³Quando tratar-se do conceito lacaniano de verdade, entendida como aquela da ordem do inconsciente a grafia será com a primeira letra maiúscula. “Digo sempre a verdade: não toda, porque dizê-la toda não se consegue. Dizê-la toda é impossível, materialmente: faltam as palavras. É justamente por esse impossível que a verdade provém do real” (LACAN, 1974/1993, p. 11).

aborda o fenômeno do sonho: trabalhando seu processo de interpretação e a deformação onírica, não deixando de ressaltar a importância desse fenômeno ao ser este uma via real de acesso ao Inconsciente –; e “Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos” (1917[1915]/2006) – texto no qual Freud abarca questões referentes ao funcionamento dinâmico do estado do sonho, com suas regressões temporais, as comunicações entre os sistemas, além de trabalhar qual a participação do narcisismo nesses mecanismos.

Mesmo utilizando-se dos processos oníricos de Freud para abordarmos nosso objeto de estudo, também nos utilizamos da releitura lacaniana do campo freudiano para embasar nossa pesquisa. Dos textos lacanianos, buscamos contribuições, sobretudo de textos presentes no Seminário um: “Os escritos técnicos de Freud” (LACAN, 1953-1954/1986) nos auxiliando no estudo de conceitos teóricos, técnicos e metapsicológicos da teoria freudiana; “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise” (LACAN, 1953/1998), ao trabalhar a questão da produção discursiva em psicanálise, nos abrindo caminho para relacionar a tatuagem ao sonho; e o Seminário 11: “Os quatro conceitos fundamentais de psicanálise” (LACAN, 1964/1988), em que nos utilizamos, sobremaneira, da leitura lacaniana de [eu], do descentramento do sujeito e suas manifestações, tais como o sonho, além de outras obras que se fizeram necessárias na sistematização e compreensão do tema. O objetivo principal foi o de trabalhar estes textos em conexão, tanto uns com os outros, como também na relação entre os fenômenos pertinentes ao sonho e os conceitos que lhe fazem fronteira, transpondo os mecanismos dos sonhos para a tatuagem quando fosse possível. Essa empreitada nos conduziu a uma das possibilidades de abordagem do fenômeno da tatuagem, ou seja, enquanto uma tentativa de impressão do Real e presentificação da falta, sendo que discutiremos em maior profundidade esta e outras possibilidades mais adiante no texto.

Quando nos deparamos com o fenômeno da tatuagem, além da relação que buscamos fazer como sonho, evidenciou-se, sobretudo, a relação entre tatuagem e corpo. Então, optamos por trabalhar a implicada reação entre corpo e linguagem tendo como mote a teoria do significante em Lacan, e assim, abordamos a tatuagem enquanto uma inscrição linguageira no corpo.

No primeiro momento, em levantamento nos Seminários de Lacan, nos seus Escritos e Outros Escritos, não encontramos nenhuma menção ao termo *tattoo*, encontramos uma menção ao termo tatuado, que aparece no texto “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano” (LACAN, 1960/1998, p. 818) enquanto metáfora utilizada pelo autor ao fazer referência ao conceito de pulsão em Freud que seria um saber que não comportaria em si qualquer conhecimento, ou seja, o tatuado desconheceria essa inscrição, assim como seu

sentido e seu texto e a língua em que foi escrita. Já em relação ao termo tatuagem, foram encontradas seis menções nas referidas obras lacanianas, no texto: “A agressividade em psicanálise” (LACAN, 1948/1998, p. 108) que está nos “Escritos” (LACAN, 1966/1998) em relação à agressividade como intenção de agressão, em que apresenta a tatuagem enquanto prática social do homem com o seu próprio corpo, entrando em um agrupamento laciano denominado de “imagos do corpo despedaçado”; no Seminário cinco (LACAN, 1957-1958/1998) a tatuagem é dada como exemplo da relação entre marca e desejo que é atravessada pela ameaça de castração:

Insisto nesse caráter de marca. Aliás, fora da análise, em todas as suas outras manifestações interpretativas ou significativas, e certamente em tudo o que a encarna em termos cerimoniais, ritualísticos e sociológicos, a marca e o sinal do que sustenta a relação castradora cuja emergência antropológica a psicanálise nos permitiu perceber. (p. 319).

Já no Seminário 10, o termo tatuagem ali é posto como correlato com o da “angústia que emerge na visão, no lugar do desejo comandado por *a*” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 278). Lacan vai apontar o objeto *a* como aquilo que nos falta – o conceito de *objeto a* em Lacan, trata-se de um objeto causa do desejo, resto de uma operação de divisão do sujeito. Já em Freud, a questão do objeto pode ser lida como objeto fundamentalmente perdido do desejo ou, reconstituído fantasiosamente enquanto objeto parcial da pulsão (VIOLA & VORCARO, 2009) –, e na relação com a tatuagem seria o olhar que se direciona para a tatuagem, o olhar como um objeto inapreensível por excelência.

No seminário 11 (LACAN, 1964/1988, p. 87), ao abordar o termo tatuagem, Lacan o faz na sua relação com a dimensão do campo do olhar, que pontua algo de simbólico na sua função de falta. No mesmo texto, o termo tatuagem aparece na sua explicação do traço unário, no qual “o próprio sujeito a ele se refere, e de começo ele se marca como tatuagem, o primeiro dos significantes” (p. 135), em que ele pontua a função do entalhe como correlata a da tatuagem. Por fim, no seminário 16, o autor se refere à tatuagem para exemplificar a marcação enquanto identificação, ou seja, com a finalidade de identificar numericamente alguém, ou seja, como “[...] a de um [termo numérico] que fosse ocasionalmente colocado na palma de sua mão, à maneira de uma tatuagem, para identificá-los num certo contexto, como já aconteceu.” (LACAN, 1968-1969/2008, p. 344, grifos do autor).

Ao abordarmos a tatuagem em sua relação entre corpo e linguagem, começamos por abordar a questão do corporal em Freud. Para tanto, nos utilizamos da leitura em textos freudianos de conceitos como: pulsão, narcisismo, ego, representação. Em função disso,

foram utilizados, principalmente os textos “O ego e o id” (1923/2006) e a “Dissecção da personalidade psíquica” (1933[1932] /2006). Dessa forma, buscou-se apresentar brevemente este processo de estruturação e, para tal, a discussão a respeito de conceitos que se fazem necessários para a explanação dessa questão, a saber: a segunda tópica – em que um id, após contato com o mundo externo, proporcionado pela percepção, desdobra-se também num ego e superego, com toda a complexidade conceitual envolvida nesse processo –, os princípios de prazer e de realidade, pulsão de vida e de morte, dentre outras questões que serão apresentadas de forma sucinta, mas possibilitando uma compreensão da implicação da estruturação egóica no esquema corporal.

Vale aqui ressaltar, que a opção pela segunda tópica (id-ego-superego/isso-eu-superego), não é dada em detrimento da primeira tópica (inconsciente/pré-consciente/consciente), e nem parte de uma leitura em que o ego é tido como síntese do aparelho psíquico, até porque, segundo a releitura lacaniana do tema (1954-1955/1985), haveria mais do que estes três personagens (isso-eu-superego) em atuação no aparelho psíquico, haja vista que o inconsciente passaria a ser tido como uma dimensão radical de alteridade.⁴

A formação do ego enquanto corpo psíquico é tido como o meio para a transposição de material de uma instância psíquica a outra. De maneira que, como aponta Freud: “o ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície.” (FREUD, 1923/2006, p. 39). A este respeito, David-Ménard vai dizer que:

A superfície do corpo ou o corpo como superfície intervém aqui duas vezes. Uma vez como superfície real, isto é, perceptível pelo sujeito. Superfície interna ou externa, mas contendo, para o sujeito, o mínimo de realidade considerada objetiva que pressupõe a fisiologia quando ela constrói uma psicofisiologia de sensações. Mas essa realidade de superfície, mesmo quando percebida pelo sujeito como realidade de seu corpo, indica – aí está sua segunda ocorrência – uma montagem pulsional na qual a superfície do corpo, aliás real, onde se inscreve o gozo, é somente material para uma aparelhagem que faz do corpo o próprio lugar do imaginário ou o imaginário como lugar. (2000, p.74).

É nesse sentido que o conceito de ego pode ser trabalhado enquanto imagem, enquanto delimitação imaginária de um corpo na sua relação com o outro, na qual a montagem pulsional que delimita esse corpo será construída pela relação imaginária com um outro que possibilita a relação com o Outro.

⁴Nas palavras de Lacan: “o ego nunca é apenas o sujeito, que ele é essencialmente relação ao outro, que ele toma seu ponto de partida e de apoio no outro. E a partir deste ego que todos os objetos são olhados” (1954-1955/1985, p. 224).

Para compreender a formação desse corpo psíquico, buscamos percorrer uma das questões chave da teoria freudiana, e que no decorrer de sua estruturação foi revisada e modificada pelo mesmo, a saber, o seu conceito de pulsão. Inicialmente pensado no interior do dualismo entre pulsão sexual e pulsão de autoconservação (1905/2006), posteriormente relacionado à oposição libido do eu e libido do objeto (1914/2006), por fim, entre a pulsão de vida e a pulsão de morte (1920/2006), a pulsão, assim, é tida como a força que coloca o ser em movimento, e a representação enquanto um de seus delegados caminha para que essa força seja expressa, e logo, descarregada, minimizando as condições do desprazer.

Uma pulsão nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida de exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo (FREUD, 1915d/2006, p.127).

Essa mediação torna-se possível quando a pulsão se encontra representada, ou seja, quando essa exigência de trabalho feito à mente encontra-se vinculada a uma ideia que a represente e que torne possível que a mesma possa ser expressa, sendo a simbolização um de seus meios. Temos aqui a questão da inscrição da representação que é presentificada (*Darstellung*) no corpo e, esta representação passou pelos processos de deformação, o mesmo sofrido pelo conteúdo onírico, a deformação linguageira. Trata-se de um “[...] registro psíquico [que] é, antes de mais nada, linguagem e que esta tem efeito sobre o corpo [...], o que Freud sublinha é a incidência da linguagem sobre o corpo e as representações, sendo então o caminho metodológico para o estudo do psiquismo.” (BIRMAN, 1993, p. 71).

Nesse ponto, para compreensão desse tópico, utilizamos, principalmente, dois textos freudianos: “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/2006) e, “Instintos e suas vicissitudes” (1915e/2006), além de autores que puderam proporcionar uma releitura desse fenômeno. Além disso, por meio da leitura lacaniana, abordaremos a questão corporal sob o enfoque da teoria do significante e do sujeito súbdito ao mesmo, presente no texto “Função e campo da fala e da linguagem” (LACAN, 1953/1998). E assim, ao abordamos a teoria do significante, somos levados à questão deste sujeito que é subvertido pelo significante, em que há a divisão de um sujeito do enunciado e um sujeito da enunciação, alienado *na* e *pela* linguagem, leitura esta proposta em seu texto “Subversão do sujeito e dialética do desejo” (LACAN, 1960/1998). Dessa forma, visamos retomar a questão da constituição do sujeito, seu reconhecimento enquanto outro, pelo registro do imaginário, não deixando de levar em conta que não há como dissociar Real, Simbólico e Imaginário (R-S-I), como visto na leitura

proposta pelo texto “O estádio do espelho como formador da função do eu” (LACAN, 1949/1998).

Por fim, optamos em um terceiro capítulo trabalhar a discussão das entrevistas sob três enfoques: a tatuagem na sua relação com uma nova dimensão de corpo, enquanto dimensão de ato e sua relação com a primazia do significante. Vale ressaltar que uma parte da nossa pesquisa foi realizada por meio de entrevistas semiestruturada com tópicos que nortearam a elaboração das questões, ou seja, a partir de determinados pontos surgiram questões que foram realizadas, não de forma rígida, mas sim, de acordo com o desenvolvimento de cada entrevista com os tatuadores e tatuados e mantendo em vista o intuito de evidenciarmos os processos que descrevemos teoricamente no estudo do fenômeno da tatuagem. Assim, trabalhamos as entrevistas realizadas em conformidade com a abordagem teórica escolhida ao longo do trabalho. Sabe-se que, usualmente os dados coletados em psicanálise ocorrem, sobremaneira, no atendimento clínico, porém, em decorrência do curto período da pesquisa (os dois anos de mestrado) não pudemos esperar que esse discurso aparecesse na clínica, haja vista que o mesmo deveria ser um discurso espontâneo e na forma de demanda, discurso esse que poderia não aparecer em um atendimento durante os dois anos do mestrado. Decidimos, então, abordar esse discurso onde o mesmo é demandado, por excelência, a saber, nos estúdio de tatuagem. Abordaremos a metodologia que nos conduziu a realização das entrevistas quando formos trabalhar com a análise das gravações, o que se dará nos dois últimos capítulos do trabalho.

2- PROCESSOS ONÍRICOS E TATUAGEM.

Na psicanálise freudiana vemos que a construção da teoria psicanalítica parte de uma concepção de uma clínica ampliada, posto que a mesma não se interessa apenas pelos fenômenos psicopatológicos, mas, sobretudo, pelos ditos normais – pela psicopatologia da vida cotidiana (FREUD, 1901a/2006), ou seja, os ditos fenômenos de cultura; motivo pelo qual a tatuagem se torna um objeto passível de escuta. Temos, então, a tatuagem – assim como os sonhos –, relacionada ao cultural enquanto dimensão de alteridade, um outro que possibilita a relação entre o sujeito e o universo linguageiro, assim, sujeito e fenômeno constituem-se no Outro e no outro – na sua dimensão de cultural. Vemos com isso que Freud, no decorrer de suas construções teóricas, buscou manter o seu conhecimento acessível não somente à comunidade científica, mas também, ao público leigo que pudesse demonstrar interesse, tais como: ex-pacientes, artistas, pensadores da cultura, dentre outros⁵. Ao pontuar que o homem trocou a satisfação imediata de suas pulsões por um “quinhão” de segurança, Freud (1930[1929]/2006) defendia que a moral sexual vigente estaria correlacionada, como defendido por ele em seu texto de 1908, com o aumento das doenças nervosas da época: “nossa civilização repousa, falando de modo geral sobre a supressão das pulsões” (FREUD, 1908/2006, p. 173).

Quando Freud se deparou com fenômenos que não possuíam causa aparente, indagou-se da existência de uma instância que, até então, não havia sido delimitada, mas que poderia determinar o surgimento de tais fenômenos. A histeria conversiva apontava ao autor a relação da expressão do fenômeno com a cultura vigente e, também para sua determinação por uma instância psíquica para além da consciência. Nas palavras de Freud:

Entretanto, um método peculiar de investigação, conhecido como psicanálise, possibilitou-nos perceber que os sintomas desses distúrbios (histeria, neurose obsessiva, etc.) são *psicogênicos* e dependem da atuação de complexos ideativos inconscientes (recalcados). Esse mesmo método revelou-nos a natureza desses complexos inconscientes, mostrando que, de maneira geral, possuem um conteúdo sexual. (FREUD, 1908/2006, p. 173, grifo do autor).

Na abordagem psicanalítica, haveria uma instância que regularia a vida consciente das pessoas, regida pela forma conflitante, dentre outras, desencadeada pela moral vigente na cultura em que o sujeito se encontra. Instância esta que o sujeito não teria conhecimento nem

⁵Como exemplo destes diálogos, podemos citar a troca de correspondência entre Freud e interlocutores por ele privilegiados, tais quais: Romain Rolland, Thomas Mann, Stephan Zweig, Albert Einstein.

de sua existência, assim como, nem que estaria assujeitado a ela. Caberia ressaltar que: “em psicanálise, enunciar qualquer proposição teórica e crítica sobre a questão do sujeito na cultura implica sublinhar, logo de início, que é impensável para o discurso psicanalítico qualquer tematização sobre o sujeito na exterioridade do campo da cultura.” (BIRMAN, 1997, p. 9).

O sujeito, então, constitui-se na sua relação com o Outro, em sentido amplo e, também, na sua relação com o outro (outro semelhante), em sentido restrito, sendo que dessa relação deriva-se uma posição de Lacan quanto ao tema da cultura: “desta maneira, a cultura é o outro do sujeito, sem a qual é impossível pensar nas condições de possibilidade para a constituição do sujeito.” (BIRMAN, 1997, p. 9).

A cultura enquanto um derivado discursivo do campo do Outro estaria em uma posição de alteridade em relação ao sujeito, um outro a(i)⁶ que na sua interação com o sujeito possibilita a sua existência. E assim, para Freud, a relação entre sujeito e cultura é marcada pelo mal-estar, no sentido de que o sujeito, desnaturalizado e radicalmente imanente à cultura, funda-se no conflito entre a manutenção desta e a busca da satisfação de suas pulsões, além da não possibilidade em solucionar este conflito de forma absoluta. As manifestações resultantes desse conflito entre estes pólos seriam a possibilidade de abordagem dessa instância.

No sonho, no ato falho, no chiste – o que é que chama atenção primeiro? É o modo de tropeço pelo qual eles aparecem. [...] O que se produz nessa hiância, no sentido pleno do termo produzir-se, se apresenta como um achado. É assim, de começo, que a exploração freudiana encontra o que se passa no inconsciente. (LACAN, 1964/1988, pp. 29-30).

O inconsciente como sendo a lacuna da consciência, no sentido apontado por Birman (1993), demonstra que a ausência de sentido do sonho se deve ao fato de que o psíquico era, até então, restrito à consciência. Sendo o fenômeno onírico uma formação do inconsciente, este abriria uma nova concepção do psíquico circunscrito no inconsciente.

Na leitura de Lacan (1964/1988), a concepção psicanalítica de sujeito seria a de um sujeito descentrado, estando no plano principal o Inconsciente, determinante dos processos psíquicos, e, do outro, a Consciência enquanto espécie de órgão perceptivo interno. “O inconsciente não é a inconsciência, isto é, uma experiência paralela da consciência e uma segunda consciência, pois se manifestaria nas lacunas da descontinuidade da consciência pelas formações do inconsciente (o sonho, o lapso, o sintoma, etc.).” (BIRMAN, 1997, p. 23).

⁶Um outro imaginarizado.

Assim, nessa leitura de Freud, cindido entre eu e isso, ter-se-ia o *isso* enquanto alteridade – lugar da pulsão, “aonde isso fala, isso goza, e nada sabe” (LACAN, 1972-1973/1985) – e o eu como lugar de interdição do desejo. O eu, produto de processos identificatórios e, também dos significantes que vem do outro, é nesse sentido que Lacan formula que “o eu é um outro”(1954-1955/1985). Nesse processo de descentramento radical, a subjetividade seria mais do que o visível, mais do que as aparências imaginárias e os tratos que firmam um certo acesso facilitado ao que negociamos como realidade comum, ela seria composta de uma racionalidade outra e sem acesso.

Já que os fenômenos psicopatológicos apontavam para a existência de uma instância não observável e atuante nestes, instância esta que pulsava em direção a formas de expressão contra o caráter oculto inferido por seus mecanismos de defesa, colocou-se em questão se a mesma não poderia se manifestar em outros fenômenos. Sendo que, se havia uma relação do corpo com algo que não tivesse o orgânico como causa na psicopatologia (não ligado diretamente ao aparato biológico), e esta era decorrente de conflitos entre desejo e possibilidades de realização, a relação não deixava de pontuar a existência desse conflito, mas sim, a falta de eficiência da elaboração do mesmo. Dessa forma, Freud é levado a crer que essa instância deveria também ser atuante nos fenômenos ditos normais.

Assim, Freud rompia com a tradição filosófica do cartesianismo, em que a existência do sujeito estaria calcada na razão derivada do pensamento consciente:

Dessa maneira, a divisão do sujeito da enunciação e do sujeito do Cogito se estende em uma outra, aquela entre saber e verdade. E o que Lacan demonstrou foi justamente um sujeito do inconsciente, que não sabe sobre si mesmo, que se advém entre os significantes, manifestando-se nos chistes, nos atos falhos, no sintoma, etc. [...] (CHAVES, 2002, p. 80).

De um lado, o saber relacionado ao sujeito cartesiano, ao sujeito da ciência, do enunciado e, do outro, o sujeito da enunciação, da Verdade e do inconsciente. Lacan aponta que “por toda parte onde a verdade se apresenta, se afirma a si mesma como de um ideal do qual a palavra pode ser o suporte, ela não se atinge assim tão facilmente” (LACAN, 1972-1973/1985, p. 123). Assim, as manifestações do inconsciente buscariam abordar a Verdade do sujeito – as lacunas de sua cadeia significante, o lugar de onde decai a experiência de sujeito – , e o saber se relacionaria ao discurso enquanto uma tentativa de preenchimento destas lacunas, de suturar a Verdade, de fazer bordeamento do Real.

Logo, para Lacan, o sujeito da psicanálise se daria como um desdobramento importante em relação aquele do cogito cartesiano, pois para ele, o sujeito existiria onde não

pensa (mas sim onde deseja) e pensaria onde não existe: “ele [o sujeito do inconsciente] pensa porque uma estrutura, a da linguagem – como a palavra o comporta –, porque uma estrutura recorta seu corpo, e que nada tem a ver com a anatomia.” (LACAN, 1974/1993, p. 19). O sujeito é, portanto, ético ao invés de ôntico: “o que é ôntico, na função do inconsciente, é a fenda por onde esse algo, cuja aventura em nosso campo parece tão curta, e por um instante trazida à luz – por um instante, pois o segundo tempo, que é de fechamento, dá a essa apreensão um caráter evanescente.” (LACAN, 1964/1988, p. 35). Pois, o sujeito estaria no registro do desejo do inconsciente e não mais do conhecimento, como apontava a lógica do cogito cartesiano.

Lacan vai abordar o sujeito como um sujeito cindido, possuidor de uma fenda em que “esta fenda, ele a reconhece de maneira como que cotidiana. Admite-se na base, já que o simples reconhecimento do inconsciente basta para motivá-la e que, além disso, ela o submerge, por assim dizer, em sua constante manifestação.” (LACAN, 1965-1966/1998, p. 869). O sujeito do inconsciente se manifesta nas fendas, nas descontinuidades da consciência, nas lacunas no sujeito cartesiano.

Esse corte da cadeia significante é único para verificar a estrutura do sujeito como descontinuidade no real. Se a linguística nos promove o significante, ao ver nele o determinante do significado, a análise revela a verdade dessa relação, ao fazer dos furos do sentido os determinantes de seu discurso. (LACAN, 1960/1988, p. 815).

Nesse sentido, Chaves (2002), ao trabalhar o texto de Lacan “Subversão do sujeito e dialético do desejo” (LACAN, 1960/1998), pontua que o sujeito a ser subvertido é o cartesiano, aquele que se sujeita à lei do significante – à lei do desejo –, o sujeito que deseja, sempre, já que pela característica do significante de ser da ordem do engano de não fazer referência à realidade, é satisfeita parcialmente e, assim, continua a desejar.

Dito isto, é possível agora, talvez, entender por que as formações do Inconsciente – o lapso, o sonho, o sintoma – são os efeitos de verdade do Inconsciente: pois, se a linguagem é incapaz de encerrar em si mesma o sentido pleno do dito, sendo necessário que o Outro atribua sentido ao discurso enunciado pelo sujeito, abre-se aí a possibilidade que o enunciado fale mais do que objetiva a consciência, ou seja, que a linguagem se constitua como um carreador das formações do Inconsciente. Assim, o sujeito cartesiano, ‘que não é senhor em sua própria casa’, cede espaço ao sujeito (\$) que, barrado pela linguagem e pelo desejo, mostra-se, de forma caprichosa, no ato falho, no estranhamento do dito, no relato do sonho. Mostra-se dividido, falha na estrutura. (RODRIGUES; COSTA et al., 2005, p.103).

Ao se deparar com os sonhos de suas pacientes, Freud observou que estes faziam uma relação conflitante, mesmo que de forma disfarçada (entre desejo e linguagem), que teria sido

uma possível causa simbólica do adoecimento. Dessa maneira, como diria o poeta Mário Quintana, “sonhar é acordar-se para dentro”, ou seja, o ato de sonhar é um verdadeiro ato de aproximação com uma realidade psíquica interna, entendida por Costa (2006) como a resultante das condições que temos de representar as percepções, a ser entendida como a realidade determinante do sujeito na relação com a realidade externa (realidade material).

Assim, “a realidade psíquica é a tela necessária para que a ‘realidade’, tais quais representamos em nosso cotidiano, possa ter a consistência que lhe damos” (COSTA, 2006, p. 13). Nesse sentido, a realidade psíquica tece uma rede de associações com as cenas do cotidiano na sua busca pela realização do desejo inconsciente.

O que conhecemos por realidade resulta dos mesmos elementos com os quais construímos os sonhos. Pode parecer curioso, mas nossas percepções – ou seja, o que registramos do nosso meio ambiente – dependem dessas condições antes descritas. Do amplo espectro de estímulos que recebemos, registramos somente aqueles que temos condições de reconhecer, a partir das marcas deixadas por nossa experiência. É assim que também em nosso despertar construímos uma maneira de continuar sonhando. (COSTA, 2006, p. 19).

Assim, desejando e buscando a realização com base no que registramos na vida da vigília. As produções discursivas, como o sonho e a tatuagem, buscaríamos, a partir daquilo que registramos como nossa experiência a sua realização, em ato, do desejo a ele atrelado e tecido nas possibilidades e impossibilidades da linguagem.

2.1 – Sonho: origem, função e finalidade.

Sabendo-se que nos tropeços das produções discursivas do sujeito do enunciado é que pode manifestar-se o sujeito da enunciação, é, então, pela abordagem dessas produções que tentamos abordar nosso objeto de estudo, o fenômeno da tatuagem. E assim, tomamos como ponto de aproximação, entre sonho e tatuagem, os recursos de linguagem que lhe são comuns, metáfora e metonímia e, sobretudo, a consideração à figurabilidade (*Darstellung*), além de sua dimensão de ato. O que se segue é a busca pelo entendimento do discurso onírico, que nos levará ao seu processo de deformação (metáfora, metonímia e figurabilidade) e a partir dos quais procuramos sua aproximação com o processo de constituição da tatuagem.

O sonho, tomado como objeto de estudo na conferência V – “Dificuldades e Abordagens iniciais” (1915-1916a/2006) – aborda brevemente o que seria o produtor dos conteúdos oníricos, e defende defendendo que os sonhos não seriam reflexos de estimulações

externas e internas, simplesmente, como queriam os experimentalistas: “os sonhos não fazem simplesmente reproduzir o estímulo; eles o vertem, fazem alusões a ele, o incluem em algum contexto, o substituem por alguma outra coisa.” (FREUD, 1915-1916a/2006, p. 101). Podemos entender então, que o sonho é uma outra cena.

Diferentemente, os sonhos não são vistos sob a ótica freudiana como reproduções de estímulos, mas sim, como uma criação psíquica original que pode ser feita a partir do material psíquico gerado com essa excitação. Ou, como nos diz o próprio autor: “um sonho, pois, é a maneira como a mente reage aos estímulos que a atingem no estado de sono.” (FREUD, 1915-1916a/2006, p. 95). Os sonhos são produto e comunicação de quem sonha, possuindo relação com os complexos dos sonhadores e, para que fossem acessados, é que foi proposta a técnica da associação-livre,

A investigação realmente mostra que, afora o vínculo que fornecemos com a ideia inicial, essas associações são dependentes também de grupos de ideias e de interesses intensamente emocionais, os ‘complexos’, cuja participação não é conhecida no momento. [...] Constatou-se então que essas reações marcantes eram determinadas de forma muito definida pelos complexos da pessoa. (FREUD, 1915-1916b/2006, pp.113-4).

A técnica da associação-livre expõe um dos fundamentos primordiais da psicanálise: o determinismo psíquico. Segundo esse princípio, os pensamentos advindos a partir de uma ideia principal teriam ligação com os complexos do sonhador ao invés de serem representações aleatórias e/ou arbitrárias. Nesse sentido que, a significação decorrente a associação livre é retroativa “sendo cada termo antecipado na construção dos outros inversamente, selando-lhes o sentido por seu efeito retroativo.” (LACAN, 1960/1998, p. 820[806]). Assim, ao se ter conhecimento do conteúdo por meio da interpretação, na medida em que Freud inicialmente considerava que “interpretar significa achar um sentido oculto em algo” (1915-1916a/2006, p. 92), como Lacan (1960/1998) pontua, ao interpretar um sonho, o psicanalista atuaria de forma a reintroduzir o sujeito no registro do sentido.

A interpretação consistiria em uma reintrodução do sujeito e não na atribuição de um sentido a algo, seria então, uma ação de dimensão ética. Logo, “o sonho contém em si não só o cenário (a ‘outra cena’) onde o inconsciente se legitima mais patente” (BEIVIDAS, 2004, p. 138), mas, sobretudo, pelo trabalho do sonho, e por meio da busca de seu sentido é que em sua posição diante do desejo pode ocorrer à atualização frente à análise, ou seja, “na atualização ou realização furtiva de desejos” (BEIVIDAS, 2004, p. 138).

O sonho pode ser tido como o acesso real ao inconsciente, posto que, como pontua Lacan o inconsciente e suas manifestações dão-se nas descontinuidades da cadeia, na hiância presente entre dois significantes, na demarcação da presença de um sujeito que decai dessa ausência, dessa lacuna (LACAN, 1964/1988). Dessa forma, sua possibilidade de acesso se dá pelo esvaziamento do sentido, pelo seu esgotamento com vistas a um vir-a-ser sujeito. Sendo assim, este processo deve ser pensado para além da significação, passando do enunciado para a enunciação.

Nessa lógica, interpretar seria uma “técnica analítica na imanência do discurso (do paciente): nada agregar de fora, [...] [e, sim] extrair dele e somente dele as suas determinações suficientes.” (BEIVIDAS, 2004, pp. 142-3). Vista sob esse prisma, a interpretação se daria a partir do esgotamento de sentido da sua cadeia associativa, sem que sejam agregados sentidos de fora (por parte do analista). Para tanto, faz-se necessário sair do regime metonímico e deslizante da significação do paciente com vistas a se aproximar de seus significantes e, assim, aproximar-se de um vir-a-ser sujeito, de uma experiência de sujeito que decaia de sua cadeia significativa.

Dessa maneira, Freud (1915-1916c/2006), no decorrer de seu trabalho, notou que o expresso pelo paciente, seu relato, era diferente do sentido obtido por meio da análise,

Pois o sonho recordado não é o material original e sim um substituto deformado, o qual, mediante a rememoração de outras imagens substitutivas, deve auxiliar-nos a nos aproximarmos do material original, a tornar consciente aquilo que no sonho é inconsciente. Se nossa lembrança foi imprecisa, portanto, causou simplesmente uma deformação a mais desse substituto – uma deformação que, porém, não se efetuou sem motivo. (FREUD, 1915-1916c/2006, p. 118).

O conteúdo manifesto é tido como o relatado pelo paciente, seria o enunciado em sua relação com o saber, uma representação posterior do conteúdo latente que é, por sua vez, enunciação. Assim, para chegar a esse material inconsciente que foi substituído no discurso consciente por ideias que representem o conteúdo latente, porém distorcido pela deformação onírica, o autor pontua três regras técnicas importantes, a saber: a) não nos preocupar com o que o sonho pareça nos dizer, b) restringir o trabalho à recordação das ideias substitutivas, para que, c) o material inconsciente oculto surja com espontaneidade (FREUD, 1915-1916c/2006).

Como lembrado por Beividas (2004), a técnica analítica se daria *per via di levare*, tal qual um escultor que retira da rocha a estátua que está nela contida, em contraposição ao *per via de porre*, no qual um pintor põe cores numa tela em branco. Nesse sentido o que se busca

é evitar uma hipersignificação, porém, vale ressaltar que como afirma Beividas, essa metáfora não pode ser tida como perfeita, posto que uma mesma rocha pode produzir diferentes estátuas dependendo de quem a esculpe, haja vista que não há neutralidade absoluta em uma análise, pois sempre haverá ali a implicação do saber de uma analista.

Essas regras técnicas são consideradas importantes no processo de interpretação, as mesmas devem ser utilizadas na interpretação de outros fenômenos que não apenas os sonhos. Então, a partir das delimitações da interpretação dos processos oníricos, visamos abordar a tatuagem, ambos, fenômenos de linguagem, para então podermos estudar a tatuagem a partir dos processos constitutivos e interpretativos do sonho.

Freud destaca a questão das ideias substitutas que são deformadas, pelo processo de interpretar que atua simultaneamente ao processo de resistência empregado pelo aparelho psíquico como mecanismo de defesa. Assim, “se a resistência é pequena, o substituto não pode estar muito distante do material inconsciente; contudo, uma resistência maior significa que o material inconsciente está muito distorcido” (FREUD, 1915-1916c/2006, p. 143).

Ao se deparar com a resistência trabalhando-se com o substituto, pode-se concluir que há algo oculto por trás desse elemento, ou seja, há uma Verdade inconsciente que é desconhecida pela consciência, refutada por ela e, mascarada pela censura. Sobre a questão, Lacan vai dizer que “[...] se encontra uma resistência tanto maior quanto mais o sujeito se aproxima de um discurso que seria o último e o bom, mas que ele recusa de maneira absoluta” (1953-1954/1986, p. 33). Como diria Oscar Wilde, “a verdade jamais é pura e raramente é simples”, sendo o sujeito da psicanálise cindido e a Verdade não absoluta logo, como afirma Lacan, ela é determinada pela lógica inconsciente em que o sujeito é onde não pensa.

Não há possibilidade de se dizer a Verdade sobre o verdadeiro – no que se trata do sujeito do inconsciente – posto que esta “se funda pelo fato de que fala, e não dispõe de outro meio para fazê-lo” (LACAN, 1965-1966/1998, p. 882). Nesse sentido, a distorção torna-se um índice da presença de uma Verdade inconsciente e a censura, consequentemente, a principal guia no processo interpretativo.

Essa resistência é mais atuante nos sonhos dos adultos, que já possuem a instância censora definida, haja vista que para Freud, o superego já estaria formado e, não em processo de formação como no caso das crianças. De tal forma que, foi por meio dos estudos dos sonhos infantis que Freud (1915-1916d/2006) apoiou suas hipóteses, dentre elas a de que o sonho opera como reação a um estímulo psíquico que possui a origem em um desejo e busca sua satisfação no conteúdo do sonho. Ou seja,

[...] a origem dos sonhos deve ser sempre um desejo, não uma preocupação, uma intenção ou uma censura; isso, porém, não afetará a outra característica: a de que o sonho não faz simplesmente reproduzir, esse estímulo, mas remove-o, elimina-o, maneja-o, através de um tipo de vivência. (FREUD, 1915-1916d/2006, p. 132).

Desse modo, os sonhos infantis não seriam aparentemente tão absurdos, na medida em que se mostrariam como uma satisfação direta e indisfarçada do desejo não satisfeito durante o dia por meio de uma vivência alucinatória. Os sonhos infantis, por não possuírem uma instância censora desenvolvida como a do adulto, não apresentam deformações oníricas da mesma forma que os sonhos deste, o que tornaria o material menos distorcido.

Seguindo a linha traçada por Freud, tem-se então a questão de o porquê dos sonhos dos adultos serem ininteligíveis. Nesse sentido, vemos em Lacan (1953/1998, 1972-1973/1985) que ao se questionar a ininteligibilidade dos processos oníricos, deparamo-nos com o fato de que somos inseridos no simbólico, e então não há signo que faça referência à materialidade, pois o signo é arbitrário – conforma a tese saussuriana (SAUSSURE, 1915/2006) – e, o significante da ordem do engano – conforme Lacan. Nessa lógica saímos da relação manifesto/latente e entramos na relação saber/Verdade, na qual pela via do saber que é possível se contornar o furo do real.

Por essa razão, as formações do inconsciente nos parecem absurdas, porque não pertencem nem a um sistema, nem a outro. São uma maneira de registrar nossos produtos pulsionais – que resultam da desnaturalização de nosso corpo submetido à linguagem – fazendo um enlace com as leis da própria linguagem. (COSTA, 2006, pp. 29-30).

Seguindo a lógica freudiana (1915-1916e/2006) –, a questão é colocada tendo a deformação onírica como guia. Nos sonhos, tem-se um substituto deformado para que este pareça estranho, haja vista que o sonho se encontra sujeito às exigências morais do sonhador. Essa deformação só se torna viável pela elaboração onírica, ou seja, transformando os sonhos em uma satisfação alucinatória: “os sonhos são coisas que eliminam, pelo método da satisfação alucinatória, estímulos (psíquicos) perturbadores do sono.” (FREUD, 1915-1916e/2006, p. 139). O que já havia sido apresentado pelo autor:

Na medida em que um sonho é uma reação a um estímulo psíquico, deve equivaler a um manejo de estímulo de maneira tal que este seja eliminado e o sono possa continuar. Ainda não sabemos como esse manejo do estímulo pelo sonho se torna possível, dinamicamente; porém, já estamos verificando que *os sonhos não são perturbadores do sono*, como erroneamente são denominados, mas *guardiães do sono que eliminam as perturbações do sono*. Pensamos que deveríamos dormir melhor se não houvesse sonho, porém nos equivocamos; de fato, sem o auxílio do sonho, não poderíamos, absolutamente, ter dormido. (FREUD, 1915-1916d/2006, pp. 131-2, grifo do autor).

Dessa maneira, podemos delimitar as duas teses fundamentais da teoria freudiana sobre os sonhos: a) todo sonho é uma satisfação de desejo; e b) essa satisfação ocorre por meio de uma experiência alucinatória, que é vivenciada pelo sonhador. Já para Bevidas (2004), haveria três teses maiores, a saber: a) há desejo, b) há interpretação e c) há sentido; o que a nosso ver iria ao encontro às duas teses fundamentais supracitadas no sentido de que: se todo o sonho é uma satisfação de desejo, logo há o desejo em pauta, lembrando nesta perspectiva o desejo é desejo do Outro: “numa palavra, em parte alguma se evidencia mais claramente que o desejo do homem encontra seu sentido no desejo do outro, não tanto porque o outro detenha as chaves do objeto desejante, mas porque se primeiro objeto é ser reconhecido pelo outro.” (LACAN, 1953/1998, p. 269).

E assim, temos o sonho enquanto formação de compromisso entre a realização de um desejo e a manutenção do sono. Isto nos remete ao fato de que:

Se por um lado, na constituição do sujeito, há uma série de interpolações que medeiam à satisfação – o ‘desvio’ que permite ligar a satisfação com representantes simbólicos –, por outro, o campo das representações fica também marcado pela carga (que Freud denominou ‘libido’) das relações primárias. Temos, então, uma via de mão dupla: de um lado, a possibilidade de substituir o objeto da satisfação primária, o que lança o sujeito num campo simbólico; mas, de outro, o deslocamento da forma de relação – ou de satisfação – para o objeto substituto, constituindo, então, uma maneira de ‘preservar’, de manter a forma de ligação com o objeto primário. (COSTA, 2006, pp. 17-18).

O sonho possibilita que o desejo seja satisfeito de uma forma simbólica em que os representantes atuantes ainda mantenham ligação com o objeto desejante. Assim, o processo onírico tem a intenção de trabalhar, elaborar um estímulo psíquico. Esse estímulo psíquico é um desejo proveniente de necessidades que não foram satisfeitas na vida da vigília por terem sido barradas de emergirem a consciência pela repressão⁷, pelo contra investimento organizado pela censura. Ou por terem sido despertados na vida da vigília, mas sendo considerados perigosos ao ego, foram mandados para o inconsciente por meio do recalque, ou seja, são considerados impulsos plenos de desejos censuráveis pelo sonhador na vida da vigília (FREUD, 1915-1916g/2006).

Como resolução, esses desejos são mascarados para que possam transpor a barreira da censura, sendo que esta, no momento do sono, encontra-se rebaixada para que se preserve o estado de dormir. Logo, o sonho é a saída, ou como diz o próprio autor, o sonho é o guardião

⁷Quando se tratar do correspondente em alemão *Unterdrückung*, será utilizado termo repressão.

do sono. Então, coloca-se em questão como determinados sonhos podem causar o despertar. Seligman-Silva (2000), em relação ao despertar traumático, traz uma discussão com Jorge Semprun, ao pontuar que o despertar seria como um momento de transição, como se fosse uma fresta entre a vida e a morte o qual nos treinaria no esboço e desvanecimento dos limites. Esse limite instrumenta a capacidade de discernimento entre o real e o irreal, sendo que, na experiência traumática, há mais realidade do que o possível de ser suportado. Dessa maneira, temos a “incapacidade de recepção de um evento que vai além dos ‘limites’ da nossa percepção e torna-se, para nós, algo *sem-forma*.” (Seligman-Silva, 2000, p. 84, grifo do autor).

Nesses casos em que a realidade não é suportável, o sonho não consegue manter a capacidade de dormir: logo, o acordar atuaria de forma a cessar a angústia produzida por esse algo sem-forma. Lacan no Seminário 10 (1962-1963/2005) vai dizer que a angústia é um afeto, e que como todo afeto ela não é recalcada, o que se recalca são os significantes que são a ela atrelados, porém é um afeto especial que tem “estreita relação estrutural com o que é um sujeito.” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 23).

Nessa lógica, os sonhos de angústia, repletos de afetos, causariam o despertar, já que a angústia, pensada na dimensão de ato, deve ocupar o lugar entre significantes, deve ser um efeito destes, e assim, estaria diretamente ligada à dimensão de Verdade, não sendo da ordem do engano.

Retomando a temática de Freud (1917[1915]/2006) sobre o sonho, é no estado onírico que ocorre uma regressão temporal dos investimentos pulsionais que visam possibilitar uma restauração alucinatória do narcisismo primário⁸. Posto que, a finalidade desta restauração alucinatória é a de retirar o investimento das ideias de objetos (representações), tanto do *Ics* quanto do *Pcs*, e deslocar esse investimento para a manutenção do sono e, conseqüentemente, da vivência da realidade psíquica.

Garcia-Roza (2008) aponta que foi a partir do conceito de narcisismo que se tornou claro que as pulsões sexuais poderiam retirar a libido dos objetos externos e redirecioná-las ao próprio ego e assim, constituir uma libido narcísica. No caso do sono, haveria investimentos provenientes da libido do eu, com a finalidade de manter o sono, atuando em conjunto com a libido do objeto (que visa à obtenção de prazer por meio do direcionamento da libido a um objeto, que mais tarde verificou-se poderia ser direcionada ao próprio ego no chamado

⁸Para Garcia-Roza (2008) narcisismo primário corresponderia “ao momento de unificação do eu, que Freud denomina *eu ideal* (*Ideal Ich*)” (pp. 46-47, grifo do autor)

segundo dualismo pulsional). Em relação à última, ocorre uma retirada de investimento de um objeto externo para direcioná-la ao próprio ego para manter o sono realizando o desejo atrelado ao sonho. Porém, esse investimento posteriormente é transmitido aos objetos.

Assim, formamos a ideia de que há uma catexia libinal, original do ego [libido do ego], parte da qual posteriormente é transmitida a objetos [libido do objeto], mas que fundamentalmente persiste e está relacionada com as catexias objetais. [...] Também vemos, em linhas gerais, uma antítese entre libido do ego e a libido objetal. Quanto mais uma é empregada, mais a outra se esvazia. (FREUD, 1914/2006, p. 83).

Dessa maneira, tem-se a libido do ego sendo redirecionada ao objeto, tratadas de certa forma como contrárias umas às outras. Segundo Freud, o indivíduo teria uma “existência dúplice uma para servir suas próprias finalidades e a outra, como um elo numa corrente, que ele serve contra sua vontade ou pelo menos involuntariamente”. (FREUD, 1914/2006, p. 85)⁹. A relação entre o ego e o objeto reflete, na teoria freudiana, nos impasses ligados à delimitação do conflito pulsional. No primeiro dualismo, entre pulsão de autoconservação *versus* pulsão sexual, a questão gira em torno do investimento na permanência do ego em conflito com a sexualidade voltada para o objeto. No segundo dualismo, a introdução do conceito de narcisismo na teoria implica em pensar que a sexualidade também é referente ao ego, colocando em risco a compreensão do dualismo anterior.

Freud assume, portanto, o conflito entre libido do ego *versus* libido do objeto para acentuar a questão da sexualidade como base dos fenômenos psíquicos, em que, de um lado a libido é direcionada ao ego e de outro ao objeto externo. Estes dois dualismos não chegam a serem superados, mas sim modificados, na medida em que é proposto o seu terceiro dualismo pulsional: pulsão de vida (*Eros*) *versus* pulsão de morte (*Thanathos*). Nesta última versão, as pulsões de autoconservação e sexual são abarcadas pelas pulsões de vida e de morte, cabendo a *Eros* as funções de agregação e construção, enquanto que à pulsão de morte, a busca pelo retorno ao inanimado (FREUD, 1920/2006, 1930[1929]/2006).

Contudo, partindo da questão referente à libido do ego *versus* libido do objeto, pode-se pontuar que no caso do sonho, Freud (1914/2006) afirma que assim como outros fenômenos, como no caso da dor, ocorre uma retirada narcísica das posições da libido (prazer) até o ego

⁹Como aponta Fraz Kafka (2013) em seu miniconto *A coleira*: “Livre e confiante cidadão da Terra, eis que está preso a uma corrente longa o bastante para lhe proporcionar a liberdade sobre todo o espaço terrestre; conquanto longa apenas de maneira a que não o solicite coisa alguma fora dos limites da Terra. É ao mesmo tempo livre e confiante cidadão do Céu, e eis que está preso a igual corrente celeste. Quando pende muito para a Terra, estrangula-o a corrente celeste; quando pende muito para o Céu, estrangula-o a coleira terrestre.... Tem, todavia, todos os recursos, sente isso; sim, mas obstina-se em negar que tudo se dava a um erro inicial na fixação dos grilhões.” (p. 66).

(conservação), para a manutenção do sono, ou seja, há uma alteração da distribuição da libido oriunda de modificações do ego. E assim, “como o aparelho psíquico está regulado pelo princípio do prazer é função do ego proteger-se contra o excesso de excitação que gera uma tensão desagradável” (QUEIROZ, 2012, p. 852), como ocorre na dor e nas excitações que ocorrem durante o sono e que poderia perturbar o estado de dormir. Ainda no que tange a questão da dor, ela vai indicar.

[...] a presença da pulsão no corpo e pressupõe uma organização psíquica na qual o ego pode reconhecê-la. Como a angústia, ela é sinal de perigo e, portanto, está a serviço da pulsão de vida. Nos casos em que a ação da pulsão de morte se sobrepõe a de vida, a dor tende a ser inócua e a transmutar-se em gozo. (QUEIROZ, 2012, p. 853).

Podendo ser correlacionado a tatuagem, esta indicaria a representação da pulsão no corpo por meio da dor, que a serviço da pulsão de vida atrelada à pulsão do ego estaria relacionada ao retorno para a própria pessoa; já relacionada à pulsão de morte, essa presença da pulsão no corpo faria referência ao gozo para além do prazer-desprazer. Em que “só o significante é capaz de fazer borda ao gozo. O gozo, como a dor, pressupõe a ultrapassagem do limiar, sendo que, no segundo, há certa circunscrição do gozo, limitando-o, fragmentando-o. A dor faz limite entre a experiência de prazer e a de gozo”(QUEIROZ, 2012, p. 859). Como afirma a autora, dor e gozo estariam para além do princípio de prazer, a dor relacionada ao desprazer e o gozo para além da relação prazer-desprazer.

Retomando a questão da relação libido do ego e libido do objeto em relação ao sono, pode-se dizer que o investimento retirado do mundo externo durante o estado do sono tem a finalidade de preservá-lo e direcioná-lo à manutenção do mesmo. Contudo, esses investimentos continuam retidos na fantasia, substituindo-os por objetos representacionais. Esse rebaixamento da censura constitui um passo decisivo na formação do sonho, já que é devido ao fato da censura estar menos atuante que o material recalado pode emergir a consciência. Mesmo pouco investida, a censura ainda encontra-se presente, impelindo o material a passar por mecanismos com o intuito de proporcionarem sua distorção, para que o torne ininteligível e irreconhecível à consciência, posto que a linguagem se encontra na base desta distorção.

Para tanto, parte dos contra-investimentos devem permanecer para auxiliar a censura entre os sistemas *Ics* e *Pcs* com o intuito de manter o desejo de dormir, haja vista que é a partir deste que ocorre uma reorganização dos processos econômicos no aparelho psíquico. Dessa forma, como apresenta Freud: “todos os caminhos desde a percepção até o *Ics*.

permanecem abertos e só os que partem do *Ics.* estão sujeitos ao bloqueio pela repressão.” (FREUD, 1915c/2006, p. 199).

Porém, os impulsos carregados de desejos e representantes de uma moção pulsional, que se formaram no *Pcs* como fantasia para a satisfação de um desejo (pensamento onírico), podem se ligar a ideias conscientes que façam relação com esse material. Freud denominou esse conjunto de ideias, que dá alicerce para a realização do desejo, de restos diurnos. Estes podem manter seu investimento devido ao fato de possuírem ligações com as moções pulsionais inconscientes, ou seja, com o material recalcado. Sobre o recalcado, Freud vai dizer em seu texto “Repressão” (FREUD, 1915f/2006), que há um recalque primário que opera uma ligação original entre ideia e afeto, sendo este processo o formador do núcleo do inconsciente como pólo atrator de novos representantes, o que possibilitaria a ligações das moções pulsionais com os restos diurnos. Nas palavras de Lacan:

As formas que toma o recalque são atraídas por esse primeiro núcleo, que Freud atribui então a uma certa experiência, a que chama a experiência original do trauma. [...], cuja noção deve ter sido relativizada, mas retenham que o núcleo primitivo é de um nível diferentes dos avatares do recalque. É o fundo e o suporte de 1es (1953-1954/1986, p. 56).

E então, temos o recalque enquanto pressões nos derivados mentais do material recalcado primariamente ou, ainda, incidindo sobre pensamentos que possuam associação com o mesmo, ou seja, um “[...] processo interno ao sujeito, é também verdadeiro que este processo se dá em decorrência da censura, da lei enquanto algo que é externo ao sujeito” (GARCIA-ROZA, 2008, p. 165). Estas pressões posteriores ao material recalcado possibilitariam a ligação entre os restos diurnos (pensamentos relacionados a fatos ocorridos na vida da vigília que de alguma forma possuem vínculo associativo com o recalcado) com o material que busca emergir a consciência, ou seja, os desejos censuráveis. Assim, a fantasia de um retorno possível ao estado de narcisismo primário buscado no pensamento inconsciente (processo primário— modalidade de funcionamento psíquico em que nos mecanismos de condensação e deslocamento em que a energia psíquica flui livremente de uma representação a outra, atuando a nível inconsciente), embora produza uma série de miragens passíveis de serem expressas, seja nos sonhos, seja nas artes, seja na tatuagem, é frustrado na medida em que estas possuem ligações com o material recalcado que luta por tornar-se consciente e, sobre as quais, incide o processo de censura.

O desejo de dormir esforça-se por absorver todos os investimentos transmitidos pelo ego e por estabelecer um narcisismo absoluto. Isso só pode ter um sucesso parcial,

pois o que é recalcado no sistema *Ics.* não obedece ao desejo de dormir. (FREUD, 1917[1915]/2006, p. 232).

Assim, o desejo inconsciente luta por transpor as barreiras da censura e acessar a consciência, perturbando o desejo de dormir, que só se mantém pelo sonho enquanto formação de compromisso. Tal formação de compromisso impede o retorno ao narcisismo primário, mas também, impede os desejos inconscientes de levarem o aparelho psíquico a um despertar traumático.

Dessa maneira, esse desejo é submetido a um processo de distorção com o intuito de permitir acesso à consciência, processo denominado por Freud de elaboração onírica, levando-se em conta que a distorção que está na base da relação entre manifesto e latente – em Freud –, relaciona-se a questão entre saber e Verdade – em Lacan –, é dado pelo caráter deformador da própria linguagem. Dessa forma, trata-se de questões languageiras, esta estaria na base de todas as produções discursivas, na estreita relação de sujeito do enunciado e sujeito da enunciação.

2.2 – Elaboração onírica: questões languageiras

A dificuldade de reconhecimento do desejo inconsciente nos sonhos bem como a sensação de estranhamento é causada justamente pelas distorções efetuadas pela elaboração onírica, tal como Freud delimita desde “A Interpretação dos sonhos” (FREUD, 1900/2001). A questão, retomada na Conferência XII – “Elaboração Onírica” (1915-1916f/2006) –, aponta que o processo de elaboração é pensado como a transformação do sonho latente em sonho manifesto (retomamos esta questão em Lacan na sua relação entre Verdade e saber).

Assim, numa releitura lacaniana do tema, ao se deparar com a elaboração onírica, deve-se trabalhar de forma a ir do conteúdo manifesto ao latente, deixando o saber em suspenso para, esvaziando o discurso de significação, tentar suspender o imaginário e o simbólico para se chegar à Verdade e borderar o furo do Real. Para tanto, vemos que “[...] a arte do analista deve consistir em suspender as certezas do sujeito, até que se consumam suas últimas miragens. E é no discurso que deve escandir-se a resolução delas.” (LACAN, 1953/1998, p. 253). Logo, o intuito seria utilizar-se do saber com vistas a tocar a Verdade e, no caso dos processos oníricos, a partir do discurso manifesto chegar ao discurso latente. Assim, buscamos ver o que na relação manifesto/latente em Freud poderia ser relacionada à relação saber/Verdade em Lacan, e a partir disso, como se daria a relação destes comas

produções discursivas, incluindo o fenômeno da tatuagem. Logo, fomos levados à relação enunciado/enunciação posto que, o discurso manifesto – o saber em relação ao enunciado –, seria uma primeira tentativa de interpretar o conteúdo latente – aquele da enunciação – que visa a Verdade e, assim, borderar o furo do Real. Contudo:

Para que não seja vã nossa caçada, a nós, analistas, convém reduzir tudo a função de corte no discurso, sendo o mais forte aquele que serve de barra entre o significante e o significado. [...]. Esse corte da cadeia significante é único para verificar a estrutura do sujeito como descontinuidade no real. Se a linguística nos promove o significante, ao ver nele o determinante do significado, a análise revela a verdade dessa relação, ao fazer dos furos do sentido os determinantes de seu discurso. (LACAN, 1960/1998, p. 815)

Os furos do discurso manifesto, do saber, do sentido atribuído é o que revelará a Verdade, ou seja, as descontinuidades do Real. Nas lacunas do enunciado será possível abordar a presentificação do discurso da enunciação, de uma “enunciação que se denuncia, enunciado que renuncia a si mesmo, ignorância que se dissipa, oportunidade que se perde, que resta aqui senão o vestígio do que é realmente preciso que exista para cair do ser?” (LACAN, 1960/1998, 816). Tem-se, então, que o ato de enunciar, que advém do lugar do sujeito desejante (sujeito do inconsciente), predispõe as condições de existência de um sujeito do enunciado, que nada sabe sobre o que diz.

Em outro texto, Lacan complementa: “mesmo que não comunique nada, o discurso representa a existência da comunicação; mesmo que negue a evidência, ele afirma que a fala constitui a verdade; mesmo que se destine a enganar, ele especula com a fé no testemunho.” (LACAN, 1953/1998, p. 253). É nesse sentido que Lacan (1960/1998) afirma que a fala só se inicia com a passagem do fingimento à ordem do significante, e assim, para que a fala possa mentir, ela necessita do testemunho do Outro. O que significa que a distorção do conteúdo latente para o manifesto é dada pela relação linguageira, na qual o inconsciente se estrutura em sua relação com o Outro.

A elaboração onírica, através da deformação exercida pela linguagem, vai tornar um material tomado pela consciência como potencialmente ameaçador em uma representação passível de experiência consciente, uma outra cena, mesmo que aparentemente ininteligível como tal. Para tanto, vai utilizar-se de mecanismos discursivos que possibilitem essa deformação enquanto resultantes dos critérios estipulados na censura pelas exigências éticas, estéticas e morais do ego. O processo acima citado pode implicar em omissões, reagrupamentos, modificações, reajustes de acordo com as necessidades impostas pelo ego, a serviço do superego e da censura, de acordo com a cultura e com a história individual.

Como pontua Freud, reiteradamente, (1900/2006, 1901/2006, 1915-1916f/2006), a elaboração onírica se utiliza de três mecanismos: a condensação, o deslocamento e a consideração à figurabilidade; que em Lacan seriam respectivamente metáfora, metonímia e encenação. Haja vista a nossa busca de aproximarmos o discurso do sonho ao da tatuagem, por meio de sua constituição, abordaremos mais detalhadamente os já citados recursos linguageiros que possibilitam sua deformação.

2.2.1 – Condensação/Metáfora & Deslocamento/Metonímia

A condensação é definida por Freud (1915-1916f/2006), como um mecanismo de caráter econômico que reduz o tamanho do conteúdo manifesto, levando a um maior investimento na ideia nodal. Este mecanismo tem como um dos seus objetivos agrupar as ideias latentes em uma única, operando a sua ligação e combinação, o que acarreta numa ideia diferente e muito mais complexa.

No trabalho de condensação há uma construção de figuras coletivas e compostas, composição de palavras e imagens, nomes ou lugares. Condensar, por conseguinte, significa reunir elementos aparentemente sem qualquer vínculo nítido para a lógica consciente, de modo que os anseios inconscientes possam se manifestar sem afetar as restrições impostas pela outra instância psíquica. Este trabalho psíquico pode ser comparado à editoração ou montagem de um filme. (PARENTE, 2014, p. 13).

A tatuagem deve ser tomada enquanto possuidora de algo nodal, ou seja, como uma figura que em si carrega vários elementos distorcidos e que mantêm contato com os diferentes elementos que representa, fazendo referência ao(s) material(is) original mesmo que distante. Assim, podemos abordá-la como tendo sido marcada pela condensação, em que representantes distintos se agruparam formando um novo representante, entendendo aqui o que Ferreira (2002) delimita por representante como sendo o da ordem do significante (simbólico), ao passo que a sua representação estaria na ordem do signo (imaginário).

O pensamento onírico é transformado pelo trabalho da censura (condensação, deslocamento, figurabilidade) em um conteúdo manifesto (FREUD, 1900/2001), cuja ideia possui um vínculo que carrega em si derivados condensados de forma a possuir um ponto nodal ininteligível que consiga chegar à consciência. Estas ideias podem possuir mais de um centro, todavia, possuem um ponto de contato, algo que torna o material possível de se vincular e se condensar.

Na leitura lacaniana da condensação, abordada inicialmente pelo viés da linguística, ele vai correlacioná-la à figura de linguagem da metáfora. Para Ferreira (2002), Jakobson entende a metáfora como relações de similaridade, já na leitura lacaniana de Jakobson, a metáfora, enquanto figura de linguagem, será a originária da operação de substituição (1957/1998). Ao trabalhar a condensação como metáfora, e apropriando-se das figuras de linguagem, Lacan entende, por sua vez, esse mecanismo como a substituição de “uma palavra por outra, eis a fórmula da metáfora” (LACAN, 1957/1998, p. 510). Posto que,

A *Verdichtung*, condensação, é a estrutura de superposição dos significantes em que ganha campo a metáfora, e cujo nome, por condensar em si mesmo a *Dichtung*, indica a conaturalidade desse mecanismo com a poesia, a ponto de envolver a função propriamente tradicional desta. (LACAN, 1957/1998, p. 515).

Na condensação, como na metáfora, ocorre a substituição de um significante pelo outro, mas que mantêm relação entre ambas às ideias, a original e sua substituta. Na condensação, a expressão é feita com o intuito de omitir elementos latentes, ou ainda, permitir que transpareça ao sonho manifesto apenas um fragmento deste conteúdo. Ao se utilizar da condensação, ocorre a produção de estruturas compostas que possuem várias ideias ligadas entre si. Ao sofrerem de determinações múltiplas, as figuras coletivas produzidas pela condensação facilitam ao ponto nodal que o mesmo ultrapasse a barreira da censura ao fazer deslizar a atenção do que é realmente desejado para uma associação estabelecida por esse mecanismo. Na técnica da interpretação analítica, a presença de tal processo implica que, quando o vínculo entre os elementos parece ser superficial, estes mesmos possuem uma ligação mais profunda, exigindo a atenção do psicanalista (FREUD, 1900/2001).

Outro recurso utilizado pela elaboração onírica é o deslocamento/metonímia, em que é retirado o investimento de um elemento conflitual e transportada a outro capaz de gerar um menor impacto na consciência, o que é denominado por Freud de “acento psíquico” (1915-1916/2006). Para Lacan,

A *Verschiebung* ou deslocamento é mais próxima do termo alemão, o transporte da significação que a metonímia demonstra é que, desde seu aparecimento em Freud, é apresentado como o meio mais adequado do inconsciente para despistar a censura. (LACAN, 1957/1988, p. 515).

Ali, a parte é tomada no lugar do todo, e isso se faz notar em seu caráter de descentramento e de estranheza referente ao sonho que são provenientes desse deslocamento de intensidades psíquicas de uma ideia a outra, tendo em vista dificultar o trabalho da censura, e assim, direcionar a outra ideia o investimento retirado da “ideia mais importante”, ou seja,

que possua uma relação mais direta com o recalcado, com o intuito de não chamar a atenção da censura sobre o mesmo (FREUD, 1915-1916e/2006, 1900/2001).

Dessa forma, Ferreira (2002) aponta que, para Jakobson, o deslocamento seria entendido como combinação, em que atuaria por relações de contiguidade. Assim, a quota de investimento de uma ideia é transposta a outra através do deslocamento enquanto que, pela condensação, pode ocorrer a apropriação, por parte do ponto nodal, dos investimentos dos outros derivados. Dessa maneira, ocorre a intensificação do afeto investido no conteúdo latente em ambos os processos, dada pela vinculação do afeto à ideia (representação), e assim, torna-se possível que o material recalcado surja à consciência, mesmo que de forma ininteligível ao processo secundário.

Em relação ao fenômeno da tatuagem – este transporte de significação de um representante ao outro, desse deslizar na cadeia associativa –, podemos inferir que o recorte corporal que a tatuagem possibilita engendra uma nova forma de abordar essa borda, ou seja, há um deslocamento de afeto e representação (significação) a este órgão. A ideia nodal que originou a tatuagem retirou o “acento psíquico” de sua significação para a nova significação desse recorte pulsional (a tatuagem que foi impressa na pele). Em outros termos, a tatuagem na sua relação ao par metáfora e metonímia estaria implicada no deslizamento de significantes na cadeia a na substituição de um pelo outro, remetendo continuamente a um mais além, a significação que é dada de uma forma retrógrada.

Quanto a isso, insisto em que todos vocês tomem conhecimento dos exemplos, que dei em “A instância da letra”, daquilo a que chamo funções essenciais do significante, na medida em que é por elas que o arado do significante sulca no real o significado, literalmente o evoca, o faz surgir, maneja-o, engendra-o. Trata-se das funções da metáfora e da metonímia. . (LACAN, 1957-1958/1999, p.33).

A metáfora e metonímia sulcam o Real, posto que o deslizar da cadeia permite que o significante seja significado, que o Real seja bordeado. Assim esse bordeamento do Real no corpo, essa busca de abordar a Verdade pelo saber, pelos significados produzidos nessa relação de significação, possibilita uma forma de abordar o corpo, ou seja, (a)bordar; isso porque desse processo sempre decairá um resto (a) a partir do que o sujeito irá se dividir na medida em que não se apreende enquanto ser. Da mesma forma, o bordeamento do real não implica em sua abordagem no sentido de uma apreensão, mas sim, da limitação de suas fronteiras e da imaginarização de uma forma: uma (de)limitação e uma (de)formação.

A tatuagem, enquanto um significante condensado e deslocado permite essa apreensão dessa nova forma de corpo, nesse processo de significação. Sabendo-se que o significado é

retrogrado, ou seja, o significado de um significante vai ser dar no próximo significante e, entre ambos (significantes), decaíra a experiência de sujeito.

2.2.2 – Figurabilidade (*Darstellung*)

O terceiro mecanismo da elaboração onírica, o da *figurabilidade*, é comumente abordado enquanto ideias de caráter figurável, mas não somente, ele devendo ser entendido também, em relação à apresentação e presentificação. Em relação ao termo *Darstellung*, (a figurabilidade freudiana) David-Ménard vai dizer que este pode “certamente, ter o sentido geral de meio de expressão e de representação [...]”, porém, “[...] trata-se aqui não somente da figurabilidade, mas também da presentificação.” (2000, pp. 102-3). Segundo a autora, o erro de tratar a figurabilidade, de modo geral, como possuindo o mesmo sentido da representação seria dado pelo erro na tradução do termo *Darstellung* feita por figurabilidade, o que levaria os tradutores a enfatizar a linguagem figurativa em detrimento de seu caráter de presentificação (DAVID-MÉNARD, 2000). Neste sentido, acompanhando o pensamento da autora, a representação estaria na ordem da significância, ou seja, estaria na ordem simbólica na qual a palavra mataria a coisa e, a *Darstellung* próxima à presentificação do gozo, da tentativa, dada a incompletude radical, de impressão do Real. Logo, a figurabilidade seria da ordem de “[...] – imagens que presentificam e figuram coisas –, [...]” (DAVID-MÉNARD, 2000, p. 104). A *Darstellung* é a presentificação no corpo de uma falta, logo estria na ordem da realização de um desejo, como nos diz a autora:

A *Darstellung* muda de registro como se, quando o conteúdo de uma imagem se torna uma alucinação no sonho, a presença do objeto aí se encontrasse na plenitude, projetada nas sensações e nas impressões motoras. É sabido que estes acontecimentos no sonho provocam frequentemente, com a angústia, o despertar. A eminência do objeto que é presentificado no corpo, e não mais somente colocado em linguagem de imagens, exige talvez que se retorne à ideia de que o sonho é a realização de um desejo. (DAVID-MÉNARD, 2000, p. 104)

Dessa forma, “[...] o objeto da pulsão é um substituto do vazio [...]” (DAVID-MÉNARD, 2000, p. 19) e, a *Darstellung* se relaciona a presença do objeto como se estivesse em sua plenitude, podemos deduzir que, tratar-se-ia, então, da presentificação de um vazio, ou como no caso das tatuagens, em uma falta projetada e impressa – projetada porque ela demarca a presença de algo que não está lá (sua ausência) e, na impressão da ausência que se presentificana pele tatuada –.

Assim, neste mecanismo ocorre uma regressão topográfica na qual a excitação oriunda do pré-consciente transcorre do *Ics* até a percepção. Mecanismo este que, a nosso ver, seria aquele que aproximaria a constituição do fenômeno onírico ao da tatuagem. No caso dos sonhos, teríamos uma encenação desse discurso que foi deformado, utilizando-se dos traços mnêmicos na junção entre percepção (imagens acústicas, visuais, cinestésicas e outras) que dá suporte à figurabilidade e à representação. Porém, no caso da tatuagem essa outra cena é impressa na pele. Este significante encarnado se imprime e exprime uma nova forma de constituição desta borda. Entretanto, cabe ressaltar que a *Darstellung* não é correlata à representação (*Vorstellung*). Pois, a “[...] *Darstellung* (isto é, a ‘atualização do gozo’), que ele [Freud] progressivamente isolou e distinguiu da representação do desejo (*Vorstellung*).” (DAVID-MÉNARD, 1989, pp. 78-8). Dessa forma, a partir da discussão da sintomatologia histérica a autora pontua que:

“[...] o sintoma histérico não é uma representação (*Vorstellung*), é uma apresentação ou uma presentificação (*Darstellung*). A histérica coloca o objeto de seu desejo no elemento da presença, como se ele estivesse lá, enquanto a derrapagem do obsessivo é mais uma caricatura da *Vorstellung*, daquilo que existe necessariamente marcado pelo signo da ausência no objeto.” (DAVID-MÉNARD, 2000, p. 101).

Assim, aborda-se a *Darstellung* pelo sintoma na sua relação com a inscrição metafórica, que não se dá pela representação, mas pelo ato da apresentação, e é nesse sentido que buscamos abordar a relação da figurabilidade nos sonhos e nas tatuagens. Quando se entra na significância, saímos da presentificação e entramos no campo da representação.

Para delimitarmos a forma como o termo “representação” é utilizado no trabalho, retornamos a Freud para demarcarmos o uso que faremos deste conceito na sua relação com a figurabilidade. Assim, fomos direcionados à questão relativa aos conceitos de *representação-palavra* e *representação-coisa* abordados no texto “O Inconsciente” (FREUD, 1915b/2006), e esboçado anteriormente na obra “Introdução às afasias” (FREUD, 1891/1977). Isso possibilita uma melhor compreensão dos fundamentos que sustentam a hipótese lançada por Freud em seu texto de 1900, sob o mote da regressão topográfica. Nela, a excitação oriunda do pré-consciente transcorre do *Ics* até a percepção, sendo que a figurabilidade atua a favor da deformação onírica. Nesse sentido, acaba por atuar igualmente a favor do acesso à consciência por parte desta ideia, ou seja, os pensamentos são transformados em imagens, principalmente nas de ordem visual. O processo é efetuado levando as representações-palavras de volta ao estado de representação-coisa, o que nada mais é do que “transformar os

pensamentos latentes, que são expressos em palavras, em imagens sensoriais, a maioria na forma de imagens visuais” (FREUD, 1915-1916f/2006, p. 181).

Retomando a questão da representação-coisa, temos que esta possibilita uma maior gama de derivados do que a representação-palavra. Assim, como explica Freud em seu texto “O Inconsciente” (FREUD, 1915d/2006), a palavra possui um complicado processo associativo que reúne em si elementos de origem visual, acústica e cinestésica. Já a representação-coisa é um complexo associativo, envolvendo além dos mesmos elementos da palavra, também outros elementos das mais diversas representações (FREUD, 1891/1977).

A representação-coisa, por manter a possibilidade de carregar em si o seu contrário e comportar, igualmente, os diferentes mecanismos acima enunciados, abre a possibilidade de abarcar elementos contraditórios, logo, acaba por dificultar o processo de interpretação. Nesse sentido, como abordado por Costa (2008) ao buscar a articulação entre letra e escrita nas diferentes produções psicanalíticas, “o principal interesse de Freud aqui é a aproximação do sonho com uma escritura que não apresenta um texto unívoco, mantendo sentidos antitéticos, bem como uma condição primária de figurabilidade na composição entre letra e desenho” (COSTA, 2008, p. 41).

O sonho, sendo imanente à linguagem, se utiliza da palavra enquanto ato significante, em que, ao se aproximar da condição primária da figurabilidade, permite ao sonho uma maior gama de derivados, inclusive os de sentido opostos, já que como pontua Freud, o sonho desconhece a oposição, posto que:

os sonhos tomam, além disso, a liberdade de representar qualquer elemento, por seu contrário de desejo; não há, assim, maneira de decidir, num primeiro relance, se determinado elemento que se apresenta por seu contrário está presente nos pensamentos do sonho como positivo ou negativo. (FREUD, 1910/2006, p. 161).

Ao combinar contrários e contradições em um mesmo elemento, pode-se pontuar que isto seria possibilitado pelo fato de que na base do fenômeno está a linguagem e, sendo o inconsciente estruturado como linguagem, portanto a mesma estaria presente nas formações do inconsciente. Dessa maneira, tendo a palavra na base desses sistemas, há a utilização da diferenciação por oposição, em que ao se representar algo simbolicamente, encontra-se implicado sua oposição em sua construção.

A diferenciação estaria no nível da significação, ou seja, no nível da experiência do sujeito, na interpretação de seus atos. Poderíamos pontuar que a inscrição artística na pele em conjunto com a elaboração discursiva referente à mesma poderia ser comparada ao conteúdo manifesto justamente por se submeter aos mesmos processos que a deformação onírica,

tornando o material potencialmente estranho, no sentido freudiano do termo, ou seja, do estranho em relação ao que é familiar, mas que fora recalcado, estranheza essa que já foi um dia familiar, conhecida (FREUD, 1919/2006). Dessa maneira, o fenômeno da tatuagem, assim como o sonho, permitiria um acesso diferenciado à consciência. Ao passo que ambas sendo produções discursivas estão igualmente sujeitas aos três registros de deformação (metáfora, metonímia e encenação), a deformação inerente à própria estruturada linguagem. Logo, sustentamos a hipótese de que podemos abordar uma pelos mecanismos presentes na outra.

[...] para ali [*Traumdeutung*] nos lembrarmos que o sonho tem a estrutura de uma frase, ou melhor, atendo-nos à sua letra, de um rébus, isto é, de uma escrita da qual o sonho da criança representaria a ideografia primordial, e que reproduz no adulto o emprego fonético e simbólico, simultaneamente, dos elementos significantes que tanto encontramos nos hieróglifos do antigo Egito quanto nos caracteres cujo uso a China conserva. (LACAN, 1953/1998, p. 268).

Podemos apontar que assim, tanto as tatuagens quanto os hieróglifos tem como base a letra, essa entendida como a “[...] materialidade e a essência do significante enquanto traço, é o suporte material do discurso.” (FERREIRA, 2002, p. 120). Assim, a linguagem pictórica, carrega em si derivados condensados: “isso se dá porque, em todas as línguas, os termos concretos, em decorrência da história de seu desenvolvimento, são mais ricos em associações do que os conceituais” (FREUD, 1900/2001, p. 336).

Dessa forma, por terem sido condensados outros representantes em uma expressão pictórica, este novo representante encontrar-se-á altamente investido, logo, possibilitando seu acesso ao campo da percepção, transformando-se, então, em derivados do material original que pelo processo de deformação – deslocamento e condensação –, encontram-se suficientemente afastados do representante recalcado e aparentemente não se relacionam com o mesmo.

Uma coisa pictórica é, do ponto de vista do sonho, uma coisa *passível de ser representada*: pode ser introduzida numa situação em que as expressões abstratas oferecem à representação nos sonhos o mesmo tipo de dificuldades que um editorial político num jornal ofereceria a um ilustrador. Mas não somente a representabilidade, como também os interesses da condensação e da censura podem beneficiar-se dessa troca. Um pensamento onírico não é utilizável enquanto expresso em forma abstrata, mas, uma vez que tenha sido transformado em linguagem pictórica, os contrastes e identificações do tipo que o trabalho do sonho requer, e que ele cria quando já não estão presentes, podem ser estabelecidos com mais facilidade do que antes entre a nova forma de expressão e o restante do material subjacente ao sonho. (FREUD, 1900/2001, pp. 335-6).

Esse processo se deve ao fato de que a representação-coisa possibilita em si uma gama maior de derivados, o que acarreta mais investimento implicado neste tipo de representação,

auxiliando na transposição de um sistema a outro. Por consequência da condensação do material que se vinculou a essa ideia (os vários derivados que esta comporta), este mecanismo auxiliará no processo de deformação do material, auxílio que facilitará a estas ideias passarem pelas barreiras da censura.

O afeto vinculado às representações pode ser desligado das ideias as quais esteve anteriormente conectado e se ligar a outras pelos processos de deslocamento e condensação. O que torna o novo representante – por ser portador de vários derivados, ao ser submetido a um processo de distorção e sofrer um alto investimento – um ponto nodal mais acessível à consciência do que o representante inicial. Também, pode-se assumir que estas imagens pictóricas conseguem vincular um número maior de excitações dos traços mnêmicos já que a memória não se faz presente de uma só vez, mas, ao contrário, se desdobra em vários tempos. Ou seja, ela é registrada em diferentes espécies de indicações e diferentes estratos de representação, sendo a consideração do tempo uma característica fundamental. Assim:

Cada transcrição subsequente inibe a anterior e lhe retira o processo de excitação. Quando falta uma transcrição subsequente, a excitação é manejada segundo as leis psicológicas vigentes no período anterior e consoante as vias abertas nessa época. (FREUD, 1950[1896]/2006, p. 283).

A primeira dessas transcrições se associará por simultaneidade temporal, ao passo que o mesmo material perceptivo estará em função de outros tipos de correlações, como de similaridades em sistemas posteriores. Isto demonstra a questão atemporal do sonho, haja vista que pela cadeia associativa uma percepção atual pode suscitar elementos mnêmicos que não as pertencentes ao tempo presente, mas que continuam a ser atuais, pois, se o inconsciente não é sujeito às modificações do tempo, suas manifestações e seus desejos têm caráter fundamentalmente atual. (FREUD, 1900/2001). Há uma sobreposição de ideias que se vinculam a partir de um ponto em comum e quando há um material presente nos quais essas ideias expressas no subjuntivo possam se vincular, eis que surge um substituto atemporal: “um presente expresso no subjuntivo [modo do desejo] é substituído por uma representação no presente do indicativo (FREUD, 1901/2006, p.668)”. Isso porque a substituição da realidade externa pela realidade psíquica, assim como a atemporalidade, a mobilidade do investimento e a isenção de contradição mútua são características pertencentes ao sistema inconsciente (FREUD, 1915b/2006).

Assim formulado, o que nos fica claro é que uma imagem representa determinado símbolo, de acordo com determinadas leis; leis que, para Lacan, se encontram relatadas com toda precisão na linguística, e que a condensação e o deslocamento

freudianos são pensáveis (ou seja: sistematizáveis) em termos de metáfora e metonímia. Disto podemos observar como determinado elemento se desloca (constituindo uma figura metonímica) e se condensa com outro (originando, assim, uma figura metafórica) para produzir um efeito que é puramente ilusório, a menos que retrocedamos no caminho até aceder às suas determinações. Dai a furiosa reivindicação da associação livre, como garantia de que ao menos o que se está interpretando é o discurso do paciente e não o discurso do analista refletido no outro. (GODINO CABAS, 1982, p. 88).

A elaboração onírica faz com que o sonho torne-se ininteligível ao sonhador, submetendo-se à censura, em parte para permitir a realização do desejo, mas também em parte para se submeter às exigências formais da figurabilidade bem como à manutenção do sono (formação de compromisso). Porém, ao despertar, a censura torna-se mais vigilante, já que há um reinvestimento para o mundo externo. Assim, a censura ainda atua ao utilizar-se da elaboração secundária, que busca tornar o sonho aparentemente mais inteligível, dando certo sentido que, ainda, encontra-se distante da verdadeira significação do sonho. Isto ocorre porque a elaboração secundária busca “traduzir” o pensamento onírico para a lógica da apresentação consciente e assim, reinserir normas de temporalidade e de oposição, dentre outras. Dessa maneira, tem-se a busca na cadeia associativa do significado do sonho, no entanto, há situações em que ocorrem elementos oníricos mudos, tal como expresso na conferência sobre o “Simbolismo nos Sonhos” (FREUD, 1915-1916g/2006). A respeito disso, deve-se recorrer a uma substituição desse símbolo, entretanto, sem desconsiderar a cadeia associativa, mas sim, colocando este a serviço da mesma.

2.2.3 – Elaboração secundária.

A elaboração secundária, como apresentada por Freud (1900/2001), utiliza-se muitas vezes de fantasias que já tenham sido produzidas pelo sonhador, introduzindo-os no conteúdo manifesto de forma condensada e/ou fragmentada com o intuito de lhe conferir uma aparência de devaneio. Porém, essa introdução não é arbitrária, haja vista que, se a fantasia pode surgir, é porque algo na cadeia associativa a ligou a este sonho. Desse modo, se desperta no sonhador a lembrança de uma fantasia previamente elaborada. Essa reedição do sonho se deve ao fato de, neste momento, o sonhador estar em posse do pensamento desperto, pensamento este que busca por uma primeira interpretação dos fatos ao tentar torná-lo inteligível e que acaba por gerar um desentendimento quanto ao mesmo, já que, conscientemente, esse material latente é censurado, e aquilo que não o for, será modificado de forma a ser condizente

conscientemente. Na vida de vigília, outro mecanismo que auxilia a censura quanto ao material do sonho é a resistência, atuando sobre o esquecimento dos sonhos ou de fragmentos destes, ou instalando dúvidas quanto ao que se tenha sonhado, tornando-os ainda mais ininteligíveis (FREUD, 1901/2006).

Dessa maneira, o sonho como realização de desejo, enquanto busca de satisfação por meio de uma vivência alucinatória visando à diminuição de desprazer pelo “escape” do estímulo psíquico, necessita de um rebaixamento da guarda da censura para que esses desejos inconscientes, não aceitos pela consciência, possam encontrar seu meio de realização. Para tanto, só o rebaixamento da censura não seria o suficiente. Para tanto, eis que surge a elaboração onírica, cuja finalidade é a de deformar o conteúdo latente, transformando-o em um elemento substituto – em representações que façam menções ao conteúdo em questão –, para que, assim, estas consigam desviar a atenção da censura aos conteúdos tidos como perigosos à consciência. Os conteúdos que dizem respeito aos desejos tidos como censuráveis pela vida da vigília são regidos pelo *princípio de realidade*. Assim, aqueles desejos não aceitos pelas instâncias censoras que foram internalizadas durante a infância atuam de forma a não permitir que estes acessem a consciência e, portanto, não mostrem que o eu deixou de ser senhor em sua morada. Contudo, essa não realização de desejo provoca o desprazer e, assim, uma vez que o Inconsciente é regido pelo *princípio de prazer*, busca-se uma saída para esse investimento de forma a ligá-lo a um representante.

Dessa maneira, têm-se os mecanismos presentes na deformação onírica, além daqueles oriundos da tentativa de rememorar o sonho e de expressá-lo verbalmente, ou seja, o esquecimento e a elaboração secundária, respectivamente, como atuantes na vida da vigília. O sonho comporta-se como uma formação de compromisso que atende as duas instâncias: pela formação de um material substituto e também como guardião do sono. Nas palavras de Freud: “o sonho como uma espécie de *substituto* dos processos de pensamentos repletos de significação e afetos” (FREUD, 1901/2006, p. 662, grifos do autor).

Dessa maneira, como no caso dos sonhos, teríamos a elaboração secundária do fenômeno da tatuagem, já que, o significante, inserido na pele, formaria uma nova camada discursiva apoiada no discurso da fala do tatuado para a busca de uma significação que forme identidade, na qual estaria em uma lógica de apelo ao olhar do outro e do Outro. O objetivo de transpor os mecanismos de um fenômeno a outro pela possibilidade apresentada por Freud, no texto “Sobre os sonhos” (FREUD, 1901/2006), demarca que a transformação do conteúdo latente em manifesto é tida como a primeira forma possível de transposição de um material de

uma instância a outra, o que aponta para o fato de que o mesmo poderia estar presente em outros fenômenos.

Logo, sua aplicabilidade é passível de ser vista em outros fenômenos, tais como as tatuagens. Isso seria possível na medida em que se trata, também, de um modo de expressão utilizado para transpor o material psíquico inconsciente para a consciência. Buscamos aplicar às tatuagens o mesmo processo: sem a imagem impressa no corpo da qual se retira um conteúdo manifesto (a explicação racional de seu “por quê” – elaboração secundária) nos restaria um material ininteligível, já que este tendo percorrido o mesmo caminho dos pensamentos oníricos, foi condensado, passou pelo processo de deslocamento e figurabilidade, e a transformaram em conteúdo manifesto que acessa a consciência.

Quando David-Ménard (2000) vai abordar os sonhos de Dora, ela aponta que o primeiro sonho aproxima-se mais do desenho e neste, durante o processo interpretativo, pontua-se grande utilização da condensação (metáfora). Já o seu segundo sonho, estaria mais próximo da ordem de uma charada, logo se utilizando mais do recurso do deslocamento (metonímia). “O estudo dos sonhos de Dora nos faz acrescentar que certos sonhos¹⁰ talvez estejam mais perto do desenho e que aí domina o estilo metafórico” (p. 117). Com isto podemos perceber que, no caso do primeiro sonho em que há uma grande utilização da metáfora, ou seja, aqueles sonhos que estão mais perto do desenho, neles haja talvez maior presença da *Darstellung*, da presentificação do vazio, mais próximo do sujeito da enunciação. Já em relação ao segundo exemplo de sonho, aquele mais próximo do estilo metonímico, estaria relacionado à sua dimensão de significância, próximo ao do sujeito do enunciado.

Buscamos, a partir do trabalho com os sonhos, uma forma de estruturação das entrevistas, e conseqüentemente derivarmos uma lógica constitutiva de um processo a outro, dos sonhos à tatuagem, haja vista que, se ambas passariam pelos mesmos processos de distorção, logo de constituição, a abordagem do fenômeno seria semelhante. Desse modo, o foco não deveria ser no que foi dito sobre a tatuagem (elaboração secundária), e sim, através de seus substitutos (que foram deformados pela condensação, deslocamento e figurabilidade) trabalhar a falta que fora projetada e impressa, para que assim possamos chegar ao furo da Verdade abordado pela via do saber. Dessa forma, ao se aproximar sonho e tatuagem naquilo que possibilita sua deformação e emergência à consciência, levando-se em consideração que a deformação é da própria ordem da linguagem, aquilo que a deforma são os recursos

¹⁰Aqui a autora se refere a Freud quando ele diz que o sonho é uma charada e que seus predecessores erraram ao tomá-lo como um desenho.

linguageiros, na sua dimensão simbólica e imaginária que visam abordar e bordear o furo do Real: a metáfora, a metonímia e a *Darstellung*; com vistas a trabalhar a apresentação e presentificação dessa falta, criando uma outra cena no sono bem como imprimir uma outra cena no corpo. Esse significante presentificado, trabalhando metaforicamente e que adquire significância metonimicamente (*Vorstellung*), no deslizar da cadeia, na interpretação *a posteriori*. Segundo Birman: “a psicanálise freudiana define assim o psíquico como marcado pelo sentido, em que a metodologia teoricamente adequada para sua captação é a interpretação”. (BIRMAN, 1993, p. 17).

E, se o sonho é uma via de acesso ao inconsciente por meio da interpretação, é justamente nesse sentido que Freud afirmou que “a interpretação de sonhos é na realidade a estrada real para o conhecimento do inconsciente.” (FREUD, 1910[1909]/1996, p. 46). Pela possibilidade desta, pelos caminhos abertos pelos processos oníricos que outros fenômenos puderam também vir a serem abordados, como no caso da tatuagem. E assim, nossa intenção é, por meio da teoria psicanalítica e, sobretudo, pelas bases fornecidas pelo discurso dos sonhos, propiciarem uma fala diferenciada, uma forma de enunciação, de um vir-a-ser sujeito diante da insustentabilidade das fórmulas imaginárias e dos recursos simbólicos que frente ao Real e ao desejo do Outro, implicam em escamoteamentos da castração e do horror de nossa finitude. Nesse sentido, a tatuagem é, antes de tudo, um ato desejante.

3- A TATUAGEM E A QUESTÃO DA CORPOREIDADE

Para trabalharmos o fenômeno da tatuagem na sua relação com o corpo, buscamos abordar também a questão corporal a partir do entrelaçamento do mesmo com conceitos freudianos, sobremaneira a relação entre ego e corpo e, posteriormente como Lacan retoma a questão corporal na sua releitura freudiana.

Para tanto, fez-se necessário trabalhar no tópico intitulado “Antecedentes” como se dá em Freud a estruturação desse ego corporal a partir da implicação da pulsão em sua constituição. Assim, temos como proposta abordar a questão referente às condições de uma implicação do pulsional na pele a partir de um artifício artístico tal como a tatuagem.

Para tanto, trabalhamos com um recorte de obras freudianas que abarcam a temática do ego corporal, a saber: “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade” (1905/2006) – que abarca a constituição egóica a partir do desenvolvimento das zonas erógenas –; “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914/2006) – nessa obra Freud apresenta o dualismo entre libido do ego *versus* libido do objeto –; “Os instintos e suas vicissitudes” (1915e/2006) – aqui se trabalha o caminho percorrido pelas pulsões –; “O Ego e o Id” (1923/2006) – texto que discute a constituição do ego a partir de uma diferenciação deste em relação ao Id, pela observância do princípio da realidade –; e “Dissecção da Personalidade Psíquica” (1933[1932]/2006) – nesse texto, Freud aborda as mesmas questões presentes no texto anterior de forma mais clara e resumida.

Na releitura lacaniana da temática, a corporeidade será pensada na sua relação com os três registros fundamentais (R-S-I), compreendidos como indissociados e constitutivos da tópica lacaniana, e assim, dentre alguns textos, trabalharemos com: “O estádio do espelho como formador da função do eu” (LACAN, 1949/1998), no qual Lacan aponta que é por meio da elaboração do registro do imaginário e do esquema conceitual proposto pelo estádio do espelho, que se tem a importância da imagem do corpo próprio na formação do eu¹¹, “[...] uma imagem projetada do sujeito através de seus múltiplos representantes, [em que] o Eu (Moi) só toma seu valor de representação imaginária pelo outro e em relação ao outro. O estádio do espelho é um processo precursor desta dialética” (DOR, 1989, p.122), ou seja, o corpo como imagem, e assim a relação da pulsão escópica na constituição e implicação desse corpo; “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise” (LACAN, 1953/1998), que

¹¹Cabe aqui ressaltar que quando fizermos referência ao sujeito do inconsciente (*Je*) “[...] o estatuto de sujeito do inconsciente, lugar situado no simbólico e aparentado à verdade do desejo” (SALES, 2005, p. 117), nos utilizaremos da grafia [eu] e, quando se tratar do herdeiro da imagem Espelular (*moi*), utilizaremos a grafia de eu.

aborda a relação entre corpo e linguagem, ou seja, o corpo marcado pelo significante, e suas relações com a escrita, a letra e o traço; o “Seminário 20” (LACAN, 1972-1973/1985), e o “Seminário 23” (LACAN, 1975-1976/2007), ao abordarem o corpo do ponto de vista do real apontando nessa relação o corpo enquanto sinônimo de gozo, daquilo que não cessa de não se inscrever. Nessa lógica, com a finalidade de se abordar a releitura lacaniana do corporal em Freud e, a partir da sua teoria do significante, delimitar formas de articulação com o fenômeno da tatuagem, buscaremos contrapontos entre início (Seminário 2) e final (Seminário 23) da obra lacaniana. Todavia, respeitando-se as diferenças de formalização de seu ensino, mas não deixando de colocar os pontos que nos são pertinentes em perspectiva.

3.1- Antecedentes

Utilizaremos como fio condutor da nossa leitura o conceito de Ego-Corpo tal como Assoun emprega em sua releitura do texto “O ego e o id (FREUD, 1923/2006)”. Segundo Assoun, esse conceito se estrutura a partir da seguinte relação de implicação: “[...] o corpo intervém na gênese do eu, e o eu é estruturado como o corpo, a se entender aqui como *superfície*, isto é, ao mesmo tempo como limite e extensão – e certamente não como profundidade [...]” (ASSOUN, 1996, p. 188, grifos do autor).

Assim, para entender a relação desse ego-corpo, faz-se necessário explicitar o modelo adotado para a estruturação deste, começando pela passagem do campo do auto-erotismo ao narcísico em Freud, e na releitura lacaniana da implicação do imaginário na sua constituição, ou seja, há a unificação das pulsões parciais com o advento do narcisismo, em que ocorre a projeção do narcisismo parental sobre o bebê, o olhar e o desejo do outro. A constituição do eu perpassa o caminho que vai desse corpo despedaçado para um unificado.

Essa passagem da dispersão para a unidade, que possibilita a emergência do eu e do corpo, implica a passagem do auto-erotismo para o narcisismo. Se o corpo pulsional remete a uma dispersão da pulsão, o corpo narcísico se refere a uma unidade do corpo realizada pela presença significativa do outro. Esse corpo que tende à unificação, o corpo do narcisismo, seria o correlato da constituição do eu. Para Freud, a pulsão é uma força constante e o corpo pulsional é a matéria-prima para a construção do corpo narcísico. (LAZZARINI & VIANA, 2006, p. 245-6).

Segundo Freud, as zonas erógenas dispersas durante a mais tenra idade se unificam enquanto corpo objeto de amor do próprio eu, indo do auto-erotismo ao narcisismo. Freud, no seu texto de 1914 aponta que as zonas erógenas ao serem estimuladas buscam satisfação em

seu próprio corpo (auto-erotismo), assim, esse “ponto” disperso do corpo passa a ser a origem e a finalidade da pulsão. Nesse momento, tem-se um “ego do prazer”, que se satisfaz auto-eroticamente (FREUD, 1914/2006). Entretanto, com o advento do princípio de realidade, introduzido através das percepções captadas pelo ego, que faz contato com sistema perceptual-consciente – utilizando-se dos processos secundários –, é que se tem a formação de um “ego da realidade”. Assim,

Tal como o ego-prazer nada pode fazer a não ser querer, trabalhar para produzir prazer e evitar o desprazer, assim o ego-realidade nada necessita fazer a não ser lutar pelo que é útil e resguardar-se contra os danos. Na realidade, a substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade não implica a deposição daquele, mas apenas a sua proteção (FREUD, 1911/2006, pp. 241-2).

Dessa forma, esse ego-realidade necessita de um objeto externo para o remanejo desse desprazer para que possa haver o investimento objetual (libido do objeto¹²). O primeiro objeto a satisfazer essa necessidade é o seio materno, que se torna objeto de desejo uma vez que o id direciona o investimento pulsional a esse objeto. Dessa maneira: “a significação crescente da realidade externa elevou também a importância dos órgãos sensoriais, que se acham dirigidos para esse mundo externo, e da consciência a eles ligada” (FREUD, 1911/1996, p. 239). Temos assim um corpo orgânico sobre o qual é criado um corpo pulsional. Ou seja, a percepção de si, a imagem especular atua como suportes para emergência do eu.

Por ser a partir da imagem do outro que o sujeito acede à sua identidade, ele entrará num movimento subjetivo correlativo com relação ao outro. Assim, é sob a forma do outro especular (a própria imagem do sujeito no espelho) que o sujeito perceberá igualmente o outro, ou seja, seu semelhante [...]. (DOR, 1989, p. 124).

É no estágio do espelho que a criança, ao ter seus órgãos sensoriais erogeneizados em uma relação dual, que ela se apreende enquanto significado pelo outro e, assim, ela acede a sua identidade. Como pontuado por Dor, essa relação permite o início da subjetividade da criança em direção ao acesso simbólico: “ora, é precisamente por este acesso ao simbólico que se organiza uma recaída do sujeito no imaginário, culminando no advento do Eu (Moi).” (DOR, 1989, p. 122).

Retomando a questão das zonas erógenas, elas: “trata[m]-se de uma parte da pele ou membrana mucosa em que certos tipos de estimulação provocam uma sensação prazerosa de

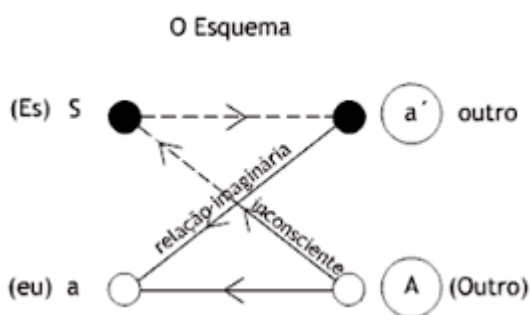
¹²Nós optaremos pelo conceito de pulsão e de investimento pulsional ao invés do de libido, com o intuito de evitar qualquer tipo de possibilidade de substancialização do processo. Sobre o tema, ver: *Linguagem como alternativa ao aspecto quantitativo em psicanálise* (Beividas&Ravanello,2009).

determinada qualidade.” (FREUD, 1905/1996, 172). Assim, transformam-se em pontos que, ao serem ligados à pulsão, adquirem uma representação no psiquismo que é modificado por essa nova finalidade.

Na erogeneização da pele, a excitação vincula-se à extremidade sensorial – tendo a pele enquanto borda –, para atingir o sistema *Pct-Cs* “[...] a pele, que em determinadas partes do corpo diferenciou-se nos órgãos sensoriais e se transmudou em mucosa, sendo assim a zona erógena *πατεξοχην* [por excelência]”. (FREUD, 1905/1996, p. 160). Temos então a tatuagem, enquanto (re)investimento pulsional nessa zona erógena por excelência, em que:

Aparentemente, teríamos uma espécie de supererotização do corpo. No entanto, aquilo que tem vigência é uma representação de corpos sem falhas, logo sem bordas. A tatuagem, como escarificação, é uma forma de fazer bordas corporais. [...] Esse recorte tem a ver com a erotização e com o funcionamento corporal, que dá suporte à erotização. As bordas constituem nossa forma de relação com o ambiente, com o outro e com a realidade. De bordas constitui-se o nosso olhar – são as bordas que fazem com que possamos ver. Ou seja, ter essa imagem que vem de fora e registramos como nossa. (COSTA, 2002, p. 57).

Estas produções de novas bordas, ao captar o olhar do outro, possibilitaria ao eu se ver naquilo que o outro vê dele, um olhar alienado de si, que tenta tamponar a falta do Real e falha, cabendo então ao simbólico produzir discursos que visam bordear o furo do Real. Como é demonstrado por Lacan (1960/1998, p. 58) em seu esquema L:



Temos assim, a constituição de S, o sujeito do discurso que se vê em *a'* – o sujeito especular em sua relação com o outro semelhante, ambos tomados como objeto –, e nessa relação entre S e *a'* temos a, enquanto uma das identidades de S, ou seja, S acredita ser a. Isto se torna possível pela barra da linguagem, em que esta relação imaginária impossibilita que S tenha acesso a A – verdadeiro sujeito.

A alienação do sujeito deve ser situada, no esquema L, do lado do eixo *a* → *a'* onde ela se exerce. Separado de si mesmo pela ordem da linguagem, o sujeito encontra-se

representado por um “lugar-tenente” que funciona no lugar de a, no lugar do Eu (Moi). O Eu (Moi) pode se tomar pelo “Eu” (Je) (para o sujeito) segundo este princípio. Em outras palavras, o sujeito do enunciado aparece como o sujeito imaginariamente convocado ao lugar do Eu (Moi), onde ele se aliena sem o saber. Nestas condições, se a “sutura” exprime ‘a relação do sujeito com a cadeia de seu discurso’, podemos precisar com maior justeza seu alcance, segundo o grau de alienação do sujeito, através do Eu (Moi). (DOR, 1989, p. 127).

Nessa relação imaginária entre outro e outro especular, evidencia-se a relação destas com a pulsão escópica, o olho como fonte da pulsão e a finalidade do ver e ser visto. Logo, a estruturação do eu está diretamente relacionada às zonas erógenas e aos processos de introjeção/identificação e projeção do eu em relação à realidade externa.

Na medida em que os objetos que lhe causam prazer são introjetados, estes acabam por modificar o próprio eu. Ao mesmo tempo, quando rejeita as partes que lhe causam desprazer, inclusive as pertencentes ao seu eu, produz as condições de consideração da realidade externa. Assim, segue-se um percurso de erotização do corpo, que posteriormente demanda investimento pulsional ao objeto externo, e deste um retorno ao próprio eu (narcisismo secundário).

Dessa maneira, trabalha-se de forma que, quando abandonado o complexo de Édipo, o afeto despendido aos pais (objeto externo ao ego – libido objetal) seja retirado destes e redirecionado ao eu com a finalidade de compensar essas perdas, o que ocasiona a identificação com o objeto.

Bem no início, toda a libido está acumulada no id, enquanto que o ego ainda se acha em processo de formação ou ainda é fraco. O id envia parte dessa libido para catexias objetais eróticas; em consequência, o ego, agora forte, tenta apoderar-se dessa libido de objeto e impor-se ao id como objeto amoroso. O narcisismo do ego é, assim, um narcisismo secundário que foi retirado dos objetos. (FREUD, 1923/2006, p. 58-9).

Na segunda tópica freudiana, o eu passa a reivindicar o amor do id para si e, da identificação com seus pais, surge então o superego, (que não é a apreensão da autoridade parental, mas sim do superego destes – no sentido de que, não se internaliza a autoridade parental em si, mas a apreensão dessas que é por sua vez a apreensão da autoridade parental que eles possuem de seus pais e assim sucessivamente). O superego, em Freud, instaura a lei e interdita o gozo; já para Lacan (1953-1954/1986), o superego é um imperativo do gozo, ligado à pulsão de morte e a serviço da repetição e do Real do gozo.

Assim, em Freud, o ideal de eu é formado como meta a ser alcançada pelo superego, visando atingir a imagem parental ainda presente no id, incorporada pelas identificações com as demais figuras que posteriormente serão tidas como modelo de autoridades (FREUD,

1923/2006). Ou seja, incorpora-se um objeto ao próprio eu, o que acarreta a identificação e transformação desse ego em outro (o eu é outro).

E assim, os investimentos dispersos no id que são reivindicados pelo eu pela identificação aos objetos que os investimentos do id são direcionados, aponta que o id enquanto instância governada pelo princípio de prazer, que não se submete ao princípio de realidade, atua com a intenção de descarregar a tensão presente no interior do aparelho psíquico, buscando levar o indivíduo a um estado inorgânico. O eu, sendo uma parte do id modificada pela proximidade com o mundo externo – pelo sistema perceptual-consciente –, busca ligar as pulsões a ideias “aceitas” pela censura e pelas exigências externas, visando o prazer e a diminuição da tensão no aparelho psíquico. É nesse sentido que, “como criatura fronteiriça, o ego tenta efetuar mediação entre o mundo e o id, tornar o id dócil ao mundo e, por meio de sua atividade muscular, fazer o mundo coincidir com os desejos do id.” (FREUD, 1923/2006, p. 68). Nessa lógica, pode-se pontuar que “a ordem motora designa a *Darstellung* ou a realização em presença do gozo” (DAVID-MÉNARD, 2000, p. 165) em que o eu procura vincular representações às moções pulsionais para, assim, descarregá-las no mundo externo pela atividade muscular. E nesse processo, o material que se relaciona com o recalco busca percorrer o caminho inverso ao da entrada das percepções (sensações), indo do sentido ao corpo, ou seja, esse material recalco do id, que teve um investimento por parte de alguma excitação, fica com uma carga de afeto que perturba o princípio da constância (FREUD, 1920/2006). Segundo Freud:

Na teoria da psicanálise não hesitamos em supor que o curso tomado pelos eventos mentais está automaticamente regulado pelo princípio de prazer, ou seja, acreditamos que o curso desses eventos é invariavelmente colocado em movimento por uma tensão desagradável e que toma uma direção tal, que seu resultado final coincide com uma redução dessa tensão, isto é, com uma evitação de desprazer ou com uma produção de prazer (FREUD, 1920/1996, p. 17).

Para tanto, o princípio do prazer atua com o intuito de evitar o desprazer. A maneira mais primordial de realizar esta tendência, Freud localiza em “Além do princípio de prazer” (1920/1996) se dá com a soma de um novo processo: o princípio de ligação. Atuante no sentido de ligar a intensidade presente no interior do aparelho a uma ideia aceita pelas instâncias censoras, buscando então um representante nos traços mnêmicos do sujeito – apreendido pelo eu por sua relação com o externo.

Processo semelhante ocorre após o fenômeno do recalco, quando, para eliminar a tensão gerada pelo conflito psíquico, o investimento é novamente ligado a uma ideia que

possa cruzar as barreiras do *Ics.* ao *Pcs.*, e deste à *Cs.*. Assim, quando um investimento pulsional encontra-se desvinculado, este necessita de um processo de vinculação a um representante para que possa ser expresso. Tem-se uma força (*drang*) que pressiona por ser descarregada, e, para atingir essa finalidade, necessita de uma representação (*Vorstellung*), ocasionando um representante-representação da pulsão:

[...] uma ‘pulsão’ nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida de exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo. (FREUD, 1915e/2006, p. 127).

Dessa maneira, como tratado no referido texto, Freud estrutura o conceito de pulsão e sua relação com o corpo somático a partir dos elementos constituintes do primeiro. O movimento se inicia nas fontes das pulsões (*Quelle*), que pressionam (*Drang*) para serem descarregadas. Ao serem representadas pelo corpo psíquico, assim, a pulsão necessita de um objeto (*Objekt*) para que a mesma seja satisfeita, que é a sua finalidade (*Ziel*).

Efetivamente original no projeto freudiano é o ser de pulsão (*Trieb*), que se situa *entre* a ordem do corpo e a ordem da representação, sendo ao mesmo tempo força (*drang*) e representação (*Vorstellung*). (pg. 75-6) [...] Por isso mesmo, a pulsão (*trieb*) é o conceito fundamental da metapsicologia freudiana, não fazendo parte nem da ordem do somático nem da ordem do psíquico, mas definida como um ‘conceito limite’, pois realiza a mediação entre esses diferentes registros da existência. (BIRMAN, 1993, p. 46, grifo do autor).

Tem-se a pulsão enquanto pressão, originária no corpo, que busca ser satisfeita ao ser representada. Segundo Monzani: "a pulsão aparece no domínio psíquico como uma energia que pressiona no sentido da descarga, através de um objeto apropriado (que pode ser o próprio corpo do sujeito, eventualmente)" (MONZANI, 1989, p. 185). E assim, ligam-se as representações pulsionais ao recalco primário de acordo com as relações passíveis de serem estabelecidas com o mesmo. É nesse sentido que Freud abordava o caráter ativo do núcleo do inconsciente, formado pelo recalco primário, enquanto um pólo atrator de novas representações. Como pontuado por Assoun (1996), as excitações corporais advindas do *soma* – corpo somático que compreende o *körper* (corpo material, objeto real e visível) + *leib* (corpo na sua própria substância viva) –, levam consigo (deslocam) energia; porém essa só se manifestará como uma moção pulsional correspondente caso ocorra a manifestação psíquica da mesma, ou seja, a manifestação de um de seus representantes.

Ainda como apresentado pelo autor, os sintomas do corpo recairiam na *corporificação* do sintoma, no caso da estrutura histérica – em que, ao evidenciar a implicada relação entre o corpo e linguagem, a histeria possibilitou a abertura do caminho para a construção da psicanálise –, sendo esta (a corporificação do sintoma) a subjetivação do afeto que é “a ‘voz’, não do corpo, mas daquilo que cai no corpo do que não pôde acender a representação” (ASSOUN, 1996, p. 171), ou seja, da *Darstellung*. Entretanto, como a expressão é, de certo modo, uma condição para a realização do prazer, devemos pensar que, segundo a lógica freudiana, isso pode ser feito através da vinculação não necessariamente de uma representação-palavra, mas do recurso à representação-coisa. Temos, portanto, uma espécie de *coisificação do afeto*. Não é o corpo que fala, mas a representação que fala através do corpo.

É por meio da percepção que o corpo dotou essa ideia (representação) de um material passível de ligação e expressão. O corpo acaba por servir, simultaneamente, de suporte e facilitador a esta representação e favorecendo seu acesso à consciência. Dessa maneira, tem-se algo deste material inconsciente que é expresso no corpo, sendo que o corpo possibilita que a moção pulsional, ao se vincular à representação, atue na transposição do processo de descarga do desprazer causado pela fonte somática que alimenta a pulsão pressionando o psíquico. Tem-se então, a pulsão como representante-representação, posto que é representante ao passo que se conhece a pulsão pelo seu representante, e representação de uma medida de exigência feita à mente. Não apenas como fonte somática que alimenta a pulsão, o corpo, ao ser inscrito pelo representante da pulsão auxilia na transposição de moções pulsionais livres e abarca suas possibilidades de serem representadas, “[...], nesse sentido, [o corpo] funciona como um meio de comunicação. A partir do excesso de informações, o bombardeio de estímulos deixa o sujeito mudo, mas seu corpo fala por meio das tatuagens, *piercing* se outras obras”. (MOREIRA et al, 2010, p. 59, grifo da autora).

3.2 – A tatuagem na sua relação eu-corpo.

No fenômeno da tatuagem, tem-se a erotização da pele neste bordeamento, ou seja, de construção de uma borda que, a partir do desejo, modifica este corpo ao inscrever na pele o representante da pulsão ou, ainda, a presentificação do gozo por meio de um ato discursivo. Na discussão de David-Ménard (2000) a respeito da constituição do corpo na histeria pontuamos que na constituição das novas bordas desse sujeito desejante, pode-se dizer que é

pela configuração metonímica da pulsão que se produz o sujeito desejante e assim seu corpo adquire limites. Além disso, devemos ressaltar a finalidade erótica de captar a atenção do outro para essa parte do corpo revestida. Podemos pontuar aqui o caráter ambivalente da pulsão escópica.

Assim, o tato produz uma sensação que equivale à percepção interna de si como uma unidade. Podemos pensar que as marcas no corpo possibilitam uma vivência sensorial que, no ato de sua criação, unem dor e prazer e criam as bordas de um eu/pele. Mas, para além deste prazer, podemos pensar em um prazer que convida o par escopofilia/exibicionismo. (MOREIRA et al; 2010, p. 592).

Isso remete à questão das finalidades das pulsões não se anularem, mas se condensarem e assim carregarem mais força (*Drang*) para que a representação (*Vorstellung*) comum atinja a consciência. Nessa lógica, a finalidade exibicionista da tatuagem carregaria em si o par ativo e passivo da pulsão, o ativo ao se fazer olhar e o passivo ao ser olhado, Assim,

Compõe-se[o ato de tatuar-se] de elementos híbridos tais como recorte e cicatriz de um órgão/libido; orifício/objeto do olhar; letra/desenho/traço corporal. Essas precondições podem ser pensadas como um balizamento, para o estabelecimento de um território, naquilo que pode vir a ser um lugar representacional. Em relação a esse lugar, acompanhamos a transição da passagem do corpo a um lugar de enunciação como *eu*, pela expressão de um sujeito indeterminado. Isso que é indeterminado aparece na maneira como se costuma enunciar o ato de tatuar. Essa indeterminação é resultante de que o sujeito busca ativamente uma posição passiva, condição própria de um circuito da pulsão. No Brasil, costuma-se dizer "eu me tatuei", apesar de haver a entrega do corpo a um tatuador. [...] Observamos aí uma composição tatuador/tatuado, em que se perde a delimitação de fronteiras entre um e outro. No suporte do tatuador, o sujeito se ausenta de seu corpo e pode gozar como terceiro no acontecimento. (COSTA, 2002, p. 62).

Nesta relação tatuador/tatuado estabelecida no ato de tatuar-se, temos que quando o tatuado entrega seu corpo a um tatuador, coloca-se em evidência a questão da autoria presente nesse processo, ou seja, quem é o autor da tatuagem. Nesse sentido, podemos trazer a contribuição de Foucault (1969/2009) sobre o que seria um autor – embora a questão na obra foucaultiana se desenvolva em torno da autoria de textos, para ele a discussão vai mais além, como no caso das artes (pinturas, esculturas e outras), logo, poderia ser abordada também no que se refere ao ato de tatuar-se. Dentre as quatro características apresentada por Foucault, no que tange a questão da autoria, chamou-nos a atenção a quarta categoria, a saber, a da “posição do autor” (1969/2009, p. 265), posto que o mesmo discute que, quando se trata de autor, há o momento decisivo na transformação de um campo discursivo, como ocorre na tatuagem, ou seja, a implicação de um sujeito no depois do ato de tatuar-se. Quando falamos de tatuagem, ao utilizar o termo “eu me tatuei”, somos remetidos à questão da autoria, quem é

o autor da tatuagem? O tatuado ou o tatuador? Supomos que nesse caso sejam ambos, haja vista que há uma nova posição de sujeito após o ato da tatuagem: no tatuado, cuja marca inscrita na sua carne – a letra encarnada –, enquanto significante que desencadeia a cadeia discursiva, e nessa relação o tatuador enquanto alteridade que traduz, simbolicamente, o desejo desse outro. Logo, o tatuador forneceria meios discursivos para tal ato.

Na escrita, não se trata da manifestação ou da exaltação do gesto de escrever; não se trata da amarração de um sujeito em uma linguagem; trata-se da abertura de um espaço onde o sujeito que escreve não para de desaparecer. [...] O que seria preciso fazer é localizar o espaço assim deixado vago pela desapareição do autor, seguir atentamente a repartição das lacunas e das falhas e espreitar os locais, as funções livres que essa desapareição faz aparecer. (FOUCAULT, 1969/2009, pp. 269-271).

O sujeito (*Je*) se faz presente na ausência da escrita, nas lacunas produzidas pelo discurso enunciado. Discurso produzido conjuntamente entre eu ('moi' do tatuado) e outro (tatuador enquanto alteridade, mediador da relação entre eu e Outro). Busca-se um lugar de representação que faça a passagem de um corpo a um lugar de enunciação, que tem por finalidade a relação ativo/passivo de uma mesma pulsão, de se dar como objeto a outro para representar em si sua marca. Dentre as possibilidades de oposição na relação ambivalente da finalidade da pulsão¹³, destacamos a dupla atividade vs passividade. Na qual vale ressaltar que esse caráter ativo-passivo se refere ao fato de que uma mesma pulsão apresenta ambos. Assim, a pulsão escópica é tida como passiva no caso do exibicionismo, em que:

[...] o que é visado pelo sujeito é o que se realiza no outro. A visada verdadeira do desejo é o outro, enquanto que forçado, para além de sua implicação em cena. Não é apenas a vítima que está envolvida no exibicionismo, é a vítima enquanto que referido a um outro sujeito que olha. (LACAN, 1964/1988, p. 173).

E assim, podemos apontar que independente da ambivalência da finalidade da pulsão, o seu objetivo será o da descarga da tensão – da satisfação de um desejo –, logo, implicado na relação entre eu e outro. Tendo o corpo como o meio para uma expressão de linguagem – a inscrição da tatuagem – e a linguagem como radicalmente sustentada pelo Outro, a pulsão sai de sua fonte (*Quelle*), para ser direcionada ao Outro e, assim, retornar sobre a sua zona erógena (LACAN, 1964/1988).

¹³Freud em seu texto *Os instintos e suas vicissitudes* (1915e/2006) trabalhava com três tipos de oposições na esfera pulsional: atividade vs passividade; ego vs mundo externo; prazer vs desprazer. Poderíamos aqui situar a tatuagem implicada na relação com estes três tipos de oposição: na sua posição passiva e ativa; na relação eu e olhar do outro; e, a relação dor/prazer implicada no ato de tatuar-se.

Exemplo disso pode ser demonstrado pela bailarina Isadora Duncan¹⁴ quando esta diz: “meu corpo é o templo da minha arte. Eu exponho-o como altar para adoração da beleza.” Partindo dessa lógica, a tatuagem se relacionaria também à pulsão exibicionista – a qual busca a visão de um outro a(i) sobre essa pele. Em resumo, a partir do funcionamento da fonte pulsional, seu funcionamento opera direcionando esta representação ao Outro, e, a partir disso, tem-se um reinvestimento pulsional a este órgão. Assim, no percurso da pulsão indo do auto-erotismo, que se encontra em consonância com os processos primários, ao narcisismo secundário, que por sua vez se encontra em consonância com os processos secundários, temos que, ao erotizar determinado órgão, busca-se o retorno do investimento despendido ao objeto que se faz presente no olhar, para que esta moção possa retornar ao próprio eu do sujeito (tatuado). Podemos demarcar assim o caráter ambivalente da pulsão, tendo o próprio eu do sujeito como objeto para a pulsão.

Sendo assim, “a pulsão não se limita ao espaço psíquico, da mesma forma que não se reduz as suas fontes somáticas, sendo fundamentalmente um *ser-da-passagem*, marcando a *transição* entre o somático e o psíquico.” (BIRMAN, 1993, p. 19, grifo do autor). É na e pela relação do somático com o psíquico que se torna possível a representação dessa moção pulsional e dessa forma, expressar o [eu] no corpo. Assim, temos a relação do eu-corpo, em que “o Eu é menos a aparelhagem mental do corpo do que a subjetivação da superfície corporal. [...] O corpo é, pois, por excelência, lugar da passagem do objeto e do Outro, de onde *nasce* o sujeito”. (ASSOUN, 1996, pp.189-190, grifos do autor).

O sujeito então se constituirá a partir da relação do corpo-pulsional com os representantes da pulsão dados pela linguagem, pelo Outro. Esta relação implicará na constituição identificatória tendo o corpo como objeto de investimento pulsional por parte desse Outro e reinvestimento no eu (narcisismo secundário).

[este corpo] cede a vez e o lugar para o próprio sujeito da enunciação e, mais que isso, para aquém, para a região do seu corpo-próprio, como lugar de primeira emergência das precondições do advento da percepção e, pois, do sentido, como lugar de mediação necessária nas passagens dos “estados de coisa” de um mundo real para os “estados de alma” de um mundo significante. (BEIVIDAS, 2003, p. 44).

¹⁴Isadora Duncan foi uma bailarina norte-americana do século 20, casada com Sergei Esenin (poeta russo), precursora da dança moderna. (Fonte: Brasil Cult)
Disponível em:
http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=806181

Dessa maneira, o corpo mediará à transposição de um estado de coisa para um mundo de significante, ao permitir que nele seja inscrito o representante da pulsão. Assim, a tatuagem seria uma tentativa de apresentar na pele esse representante-representação, de presentificá-lo. Seria igualmente uma busca de significar esse “estado de coisa” naquilo que é o primeiro suporte para a significação, o corpo, ou como diz Lacan: “nossa presença de corpo animal é o primeiro lugar onde colocar inscrições: o primeiro significante”. (1964/1988, p. 195).

Essa inscrição, ao mesmo tempo em que é direcionado ao Outro, tem também como finalidade oferecer a ele o órgão como objeto de desejo: “na origem, [...], o desejo só existe no plano da relação imaginária do estado especular, projetado, alienado no outro.” (LACAN, 1953-1954/1986, p. 197). O desejo do eu vem do outro (alienação do sujeito), daquilo que imaginariamente é apontado como sendo o tamponaria o furo d Real. Entretanto quando o sujeito percebe o outro também é castrado ele se separa do outro e se constitui enquanto sujeito, e vai se constituindo enquanto experiência de sujeito nessa continua alienação e separação, nesta relação entre eu e outros (alteridades).

Segundo Lacan: “o entalhe tem a função de ser para o Outro e, deste modo, possibilita situar o sujeito, marcando seu lugar no campo das relações do grupo, entre cada um e todos os outros” (LACAN, 1964/1988, p. 195), a tatuagem na sua função de entalhe demarca a demanda que é direcionada ao outro na sua tentativa de enlace. Assim, ao tomar o corpo enquanto suporte para a expressão de um circuito pulsional, na relação com Outro, busca-se, pelo entalhe:

[...], encontrar o *funcionamento do sujeito e as marcas de suas identificações*. Então, seria preciso superar a identidade que o indivíduo se atribui através de seu ego e em sua relação com outros egos, para que se pudesse aprender à dinâmica pulsional e seus destinos identificatórios. O objeto da psicanálise se configura em torno das *inscrições pulsionais*, com os seus impasses e impossibilidades, e nas *marcas identificadoras* que caracterizam o percurso pulsional em sua relação com os objetos da satisfação e em sua relação com o Outro. (BIRMAN, 1993, p. 18-9, grifos do autor).

Assim, após se desvencilhar dos precipitados identificatórios do ego e dos representantes do circuito pulsional que possibilitaram demarcar traços de identidades, tem-se então a dinâmica pulsional e suas inscrições que vão possibilitar a abordagem do [eu] na sua relação como Outro. Logo, se a tatuagem é uma marca que tem relação com o Outro, talvez possamos supor que a mesma pode ser utilizada como mais uma forma de elaboração da falta radical de um objeto para a pulsão, fazendo um caminho que percorra a pele enquanto suporte para o entalhe das identificações. Retomando o dito freudiano, “se alguém perdeu um objeto,

ou foi obrigado a se desfazer dele, muitas vezes se compensa disto identificando-se com ele e restabelecendo-o novamente no ego, de modo que, aqui, a escolha objetal regride, por assim dizer à identificação” (FREUD, 1933[1932] /2006, p. 69).

Dessa maneira, abordando-se a tatuagem como possibilidade de elaboração da falta de um objeto natural para a pulsão se tem o reinvestimento pulsional no eu que é destinada a este objeto faltante, haja vista que, o afeto desprovido de meios mais eficazes de expressão desequilibraria o princípio de constância, gerando desprazer. Como exemplo, podemos pontuar o caso de pessoas que perderam parte de seus corpos e sob elas tatuam algo em seu lugar, como o caso de mulheres que fizeram mastectomia a sob suas cicatrizes fazem tatuagens¹⁵.

Assim, para a busca de restabelecimento de um equilíbrio pulsional fantasiado, já que própria pulsão é da ordem do desequilíbrio, procura-se ligar esse afeto a outras representações. No caso, a tatuagem enquanto reinvestimento pulsional no ego corporal, opera uma erotização desse corpo, sendo uma formação narcísica que visa substituir o objeto radicalmente perdido por uma identificação egóica.

O corpo de que se trata para as teses freudianas [...]. referem-se, por um lado, ao organismo biológico humano que se caracteriza pelo ‘desamparo’ (prematuração do nascimento) e pela abertura ao universo de fala; por outro lado, dizem respeito ao domínio do outro [...]. (ROZENTHAL, 1992, p. 42).

Assim, diante desse domínio do Outro, se tem um entalhe na pele que busca a identificação, para assim, possibilitar um reinvestimento pulsional no eu. Dessa maneira como diz Freud em “Psicologia de grupo e análise do ego” (1921/2006), o eu cria um vínculo emocional com o objeto externo, ele introjeta o mesmo para que desta forma, posso surgir uma qualidade comum compartilhada e, esse compartilhar de qualidade é o que possibilita a formação de grupos.

Deste modo, abordamos a tatuagem a partir da inscrição de uma pulsão na pele, tendo inscrito seus representantes na pele, modificando esse corpo natural e o transformando em um novo. A tatuagem recortaria de forma diferenciada o corpo desnaturalizado, produzindo um novo corpo e logo um novo eu. “As referências biológicas, as referências à necessidade são essenciais, é claro; não se trata de as rejeitarmos, mas desde que percebamos que, de fato, a

¹⁵Uma abordagem deste sentido pode ser vista na página: <https://estilo.catracalivre.com.br/modelos/com-projeto-gratuito-tatuador-quer-recuperar-autoestima-de-mulheres-que-fizeram-mastectomia/>

diferença estrutural muito primitiva introduz rupturas nelas, cortes, introduz de imediato a dialética significante.” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 78).

Não podemos ser abordados apenas pela etologia, já que nossa posição não é natural, e não há correspondência exata em termos de comportamento humano com determinados significantes, isto por que “as percepções sensíveis operam em ressonância com as percepções inconscientes” (NASIO, 2009, p. 114).

Sendo o inconsciente estruturado como uma linguagem, estes operariam submetidos à lógica do significante que é arbitrário, logo não permitiria um acesso ao Real do corpo, posto que “o problema é que nosso corpo é um corpo de tal forma investido na relação com o Outro e de tal forma percebido segundo nossa própria imagem dele, que o corpo real do qual a imagem é o duplo foge, escapa e permanece um enigma indecifrável” (NASIO, 2009, p. 116).

Esta desnaturalização leva em conta a ética do desejo do sujeito que faz borda. Essas bordas dão suporte à circulação do corpo na medida em que se trata de um ego corporal, que possibilita a emergência de um Eu, pelo recorte que a pulsão faz desse corpo e entrega ao olhar do Outro como forma de troca.

É assim que um certo número de elementos todos ligados à estatura corporal, e não simplesmente à experiência vivida do corpo, constituem elementos primeiros, tomados de empréstimo à experiência, mas completamente transformados pelo fato de serem simbolizados. *Simbolizados* quer dizer que eles são introduzidos no lugar do significante como tal, que se caracteriza pelo fato de articular-se segundo leis lógicas. (LACAN, 1956-1957/1995, pp. 50-1, grifo nosso).

Logo, a experiência corporal é tomada pela simbolização, em que não sendo o corpo natural, não há sua correspondência exata em termos de representação, logo, é a questão do furo do Real que se implica nesse corpo imaginarizado. Dessa forma, tem-se um resto que tenta ser abarcado pelo registro do simbólico, na escrita, produzindo novas formas de circulação, ou seja, como tentativas de circunscrever o Real. Porém, esse resto sempre vai deixar um resto.

O corpo é tido como suporte de inscrição de significantes, em que o olhar do Outro se imprime e produz recorte, no qual se imprimem significantes e confere a esse corpo valor de troca na relação ao Outro e aos semelhantes. Poderíamos dizer que a função erótica da tatuagem diz respeito ao investimento libidinal do órgão em questão e a tomada do Outro como participante deste seu circuito libidinal, há esse ser para o Outro, esse endereçamento de si ao Outro, ou seja, um traço singular que também é da ordem do cultural.

Apesar de já nascermos com essas bordas e com a capacidade de que elas funcionem, sua atividade não se dá de forma natural. Por não funcionarem de forma natural elas precisam ser recortadas. Essa necessidade não diz respeito a um mau funcionamento, se não que respondem à nossa condição de desnaturação, de determinações heterogêneas – simbólicas/imaginárias/reais. (COSTA, 2002, p. 57).

A partir da releitura lacaniana da constituição corporal em Freud, somos levados a abordar a implicação dos três registros fundamentais do R-S-I à constituição desse eu corporal. Tem-se um corpo erógeno que é delimitado e bordeado pela apresentação e presentificação da pulsão (*Darstellung* pulsional), um Real imaginarizado que só é abordado pela representação (*Vorstellung*) dessa pulsão impressa nesse monumento corpo, isto por meio do simbólico. Assim a emergência de um eu (*moi*) e de um corpo se dá na relação do pulsional com a linguagem.

3.3– A relação do corporal com os três registros

A partir da concepção de sexualidade, a psicanálise sustenta uma nova concepção de corpo, simbolicamente delineado através dos significantes que delimitam o regime da erogeneidade, igualmente súbdita ao jogo imaginário das trocas e das posições entre eu e outro e fundamentalmente sustentada no que o gozo indica do Real enquanto perda. Temos, assim, a destituição do corpo natural como organizador do campo e a sua retomada pelo Outro para, por sobre seus escombros, operar a criação de um corpo pulsional súbdito à lógica do significante, no qual:

Essa imagem produzida pela percepção de meu corpo, [...] só existe com a condição de que esse corpo percebido seja habitado pela presença do Outro, que ele vibre no seio da relação linguageira [...]. Nossos sentidos percebem nosso corpo, decerto, mas nunca o corpo em sua natureza real, uma vez que ele é percebido através de uma profusão de condições: [...] percebido, sobretudo, como acabo de apontar, segundo o contexto de minha relação com o Outro. (NASIO, 2009, p. 215).

O corpo natural é abordado por meio dos significantes, logo na sua relação com o Outro, investido e erogeneizado por ele e, este investimento recorta novas bordas e as atrela a novas produções discursivas. Essas bordas dão suporte à circulação do corpo na medida em que se trata de um ego corporal, que possibilita a emergência de um eu, pelo recorte que a pulsão faz desse corpo e entrega ao olhar do Outro como forma de troca, entregando-se ao Outro enquanto objeto de desejo, posto que “[...] é no outro, pelo outro, que o desejo é

nomeado.” (LACAN, 1953-1954/1986, p. 206). Logo, o desejo é significado no campo do Outro e nomeado na cadeia significante.

Nesse sentido, o simbólico se constitui atrelado à falta real que implica na inexistência de referenciais naturais que permitam o acesso à realidade numa dimensão diferente daquela constituída no campo da linguagem. Por consequência, o desamparo inicial da criança humana, em seu caráter faltante, levará a uma articulação entre apelo e demanda no qual o outro imaginário surgirá como suporte da relação com a alteridade mais radical, a do Outro enquanto regime do significante. É nesse sentido que a amarração dos três registros – Real, Simbólico e Imaginário – se dá em torno de um objeto que não corresponde ao acesso a uma materialidade objetiva, o objeto a (o objeto causa do desejo).

Lacan em seu texto “O estágio do espelho como formador da função do eu” (1949/1998) vai defender que a formação do eu vai depender da imagem virtual do corpo, atravessado pelo desejo do outro, em que, o olhar do cuidador é que vai bordeá-lo e assim possibilitar a visão unificada de si: “a estruturação imaginária do eu se efetua em torno da imagem especular do próprio corpo, da imagem do outro. Ora, a relação do olhar e do ser olhado envolve justamente um órgão, o olho, para chamá-lo pelo seu nome” (LACAN, 1954-1955/1985, p. 125).

Sendo assim, o processo de bordeamento passará pela incidência do desejo de um semelhante sobre esse corpo, ou seja: “o desejo é profundamente modificado em sua ênfase, subvertido, tornado ambíguo ele mesmo por sua passagem pelas vias de significante” (LACAN, 1957-1958/1999, p. 93), já que está relacionada à linguagem, ao Outro. A relação entre desejo e demanda implica a relação eu e outro, na qual se busca engajar o outro no desejo do eu, desejo este que foi nomeado pelo outro enquanto mediador da relação entre eu e o registro do simbólico, posto que, “toda satisfação é permitida em nome de um certo registro que faz intervir o Outro para além daquele que demanda, e é exatamente isso que perverte profundamente o sistema da demanda e da resposta à demanda.” (LACAN, 1957-1958/1999, p.93). O que subverte a condição da demanda para o humano é sua alteridade, ou seja, estar para além do outro.

A relação entre o eu e o outro semelhante nos remete ao par ver e ser visto, ao se dar a ver como objeto de desejo. Nessa relação podemos abordar a tatuagem na sua função de véu demarcando que há ali um objeto, posto que “sobre o véu pode se estampar, isto é, instaurar como captura imaginária e lugar do desejo, a relação a um mais-além, que é fundamental em toda instauração da relação simbólica”, (LACAN, 1956-1957/1995, p. 159). Há entre um sujeito e um mais-além um objeto, logo, “trata-se aqui na descida ao plano imaginário do

ritmo ternário sujeito-objeto-mais além, fundamental da relação simbólica. Em outras palavras, na função do véu, trata-se da projeção da posição intermediária do objeto.” (Idem).

Ainda nessa relação ver e ser visto, a tatuagem estaria ordem do imaginário, mas necessitaria do simbólico para fazer a comunicação entre eu e outro.

Portanto, somos uma falta na estrutura, tanto do ponto de vista da linguagem (somos um S barrado, registro do simbólico), quanto do ponto de vista do desejo (“a” falta, objeto a, registro do imaginário alçado pelo simbólico). Mas quem é esse novo registro, o imaginário? Somos nós constituídos *moi*, na identificação cheia de alteridade com a nossa imagem no espelho, identidade esta cuja garantia se funda não em nós mesmos, mas no olhar do outro. Neste espelho, o mesmo e o outro, o júbilo narcísico e a perda testemunhada pelo “outro” olhar, espelho plano, alça simbólica. (RODRIGUES, COSTA et al, 2005, p. 104).

É na relação simbólica que se tem a passagem de outro especular ao eu, reconhecido enquanto alteridade. E assim, o simbólico tentará traduzir o imaginário que veio para tamponar o furo do Real. Ou seja, “[...] é importante ressaltar que, para Lacan, o estádio do espelho não consiste em uma etapa a ser superada, mas em uma situação que coloca o eu como um *outro*, dimensão essencial, responsável pela estruturação da fantasia. O sujeito aqui se constitui, separando-se.” (CHAVES, 2002, p. 69).

E assim, no que tange a dimensão da simbolização enquanto mediadora poderíamos admitir como uma das funções da escrita, para Costa (2008): que “nesses elementos estão estabelecidas as relações entre inscrição e endereçamento que podem ser suportadas por uma escrita” (p. 51). Para Lacan:

O significante, disse-lhes eu a certa altura, é um traço, porém um traço apagado. O significante, eu lhes disse em outra ocasião, distingue-se do signo por que o signo é o que representa alguma coisa para alguém, ao passo que o significante é o que representa um sujeito para um ser significante. (1962-1963/2005, p. 73).

Dessa forma, o traço dá suporte para a inscrição da letra, sendo o seu endereçamento suportado por uma escrita e, nesse sentido, a escrita faz-se um ato indeterminado do sujeito, em que o mesmo não se reconhece n’isso.

O sujeito é a experiência que decai entre dois significantes, “a experiência produz a borda de um real do discurso, fazendo-o passar pelo corpo” (COSTA, 2008, p. 50). Já a letra, inscrita e endereçada, é o que produz o sujeito simbólico e tenta dar sustentação ao sujeito imaginarizado, logo, se situa na insistência do real que não cessa de não se inscrever, sendo da ordem da Verdade, do furo. Lacan, em relação a este Real vai dizer que “[...] justamente, entre eles e o real, existe o campo do significante, porque foi a partir desse aparelho do traço unário que eles se constituíram como sujeitos.” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 31). Posto que, só

adquirimos conhecimento do Real por intermédio do registro simbólico, que por sua vez tenta abordar o registro do imaginário, haja vista que os três registros são como uma trama indissociável e que possuem estreita relação.

Em relação ao estatuto do corpo em Lacan, David-Ménard vai pontuar que ele é “determinado pelo recobrimento *suposto* de três hiências”, que seriam:

- A incompletude de todo ser vivo, pelo fato de a reprodução biológica ser sexuada;
- A divisão de todo sujeito, que é constituída pelos vazios que a distribuição dos investimentos significantes nele instaura;
- A falta que está em jogo na variabilidade do objeto de uma pulsão, variabilidade esta que Lacan transforma em indiferença completa quanto ao objeto, substituindo o vazio. (DAVID-MÉNARD, 2000, p. 175).

Sendo assim, a questão do corporal em Lacan relaciona-se à questão da desnaturalização do corpo pela sua inserção no mundo do significante. Logo, o sujeito (aquele do inconsciente) vai ser produzido nas lacunas do discurso do sujeito do enunciado, um sujeito alienado em si, enquanto outro (alteridade) e no Outro (alteridade radical). Porém isso não implica na superação do Real, mas sim na sua continua incidência não inscrita, no vazio que pulsa por formas de expressões e impressões (como no caso da tatuagem no corpo).

A tatuagem, enquanto uma forma simbólica de abordar o furo imaginário desse Real no corpo, a inscrição de uma representação (*Vorstellung*), produz uma nova camada discursiva, uma nova produção de sujeito que é dada metonimicamente (nas hiências da cadeia discursiva). Mas também, enquanto presentificação e apresentação desse Real no corpo (*Darstellung*), essa figura impressa que, a partir dela, se tem uma nova produção discursiva que recobre simbolicamente essa projeção da falta que foi imaginarizada. Temos assim, um corpo recoberto pela linguagem, na qual a tatuagem faz recortes diferenciados na sua relação à *Vorstellung* e à *Darstellung*, na sua dimensão de recurso linguageiro.

4-ENTREVISTA EM PSICANÁLISE.

Ao se fazer pesquisa, faz-se necessário uma busca pela forma apropriada a sua produção; e nessa busca, deve-se atentar para a metodologia que a norteará e que deve ser condizente com a teoria que abarca o objeto. Entendendo-se a trajetória epistemológica, vemos que na ciência positivista Comte (PINTO, 2012) irá considerar apenas o mundo físico, haja vista ser esse o único passível de observação, e assim, ignorando a subjetividade já este acredita que o fenômeno independe do observador. O pesquisador apenas registraria o fenômeno tal como ele se apresenta e a observação seria independente da teoria a qual destina prestar uma contribuição; “o método se considerava adequado se garantia ‘a objetividade’ dos dados, abstendo-se de interferir em suas características básicas” (IBÁÑES, 1992, p. 16, tradução nossa). Sendo assim:

A construção do paradigma científico atual baseia seus fundamentos históricos e epistemológicos no discurso empírico-positivista que define o objeto da ciência enquanto fato publicamente observável. Isto lhe atribuiria independência de qualquer influência subjetiva e de qualquer hipótese não fundamentada apenas sobre este mesmo fato. [...] o organismo vira garantia de cientificidade, pois constitui o objeto publicamente visível por excelência. [...] O fenômeno bruto, reificado, existiria de fato, [...], e a realidade seria assim considerada tangível. (PINTO, 2012, pp. 406-7).

O cientista ocuparia inteiramente a posição do saber, fazendo com que os princípios e leis da realidade estudada fossem precisamente nomeados permitindo um futuro aperfeiçoamento. Nesse sentido, o pesquisador apenas observaria a realidade que estaria posta independente dele e, então, a sistematizaria evidenciando suas leis; o conhecimento seria, portanto, puramente objetivo e imparcial. Nessa vertente de abordagem do conhecimento, Celes (2000) vai afirmar que a pesquisa científica seria um procedimento de fazer ver e, a metodologia, o método de observação. A observação seria relacionada com o alicerce da pesquisa científica e a metodologia nortearia a observação do fenômeno de forma objetiva.

Surgiria, então, o empirismo enquanto defesa da experiência sensorial como a única capaz de chegar à realidade tal como se apresentava, “assim, o espírito humano receberia passivamente os dados dos objetos externos e sensíveis que as observações lhe ofereceriam” (PINTO, 2012, p. 408). Nessa lógica o homem seria, então, um receptáculo vazio preenchido passivamente pelas experiências sensoriais, e qualquer tentativa de subjetivação não faria alusão alguma à realidade, posta que a mesma deveria apenas ser relatada, logo não se levaria em conta a subjetivação, mas sim, a objetividade dos fatos.

De acordo com essa premissa, qualquer relato imparcial da experiência sensorial objetiva seria a-teórica, ou seja, não comportaria explicação prévia para a elucidação do fenômeno e nesse sentido, se houvesse “algo” que o explicasse anteriormente que não fosse pautado apenas na observação, faria com que o dado coletado deixasse de ser puro e passasse a depender da teoria que o construiu. Nessa lógica, Pinto (2012) diz que:

[...] uma orientação assim definida é rigorosamente impraticável, pois existe sempre, na base de uma pesquisa e qualquer que seja ela, uma escolha epistemológica. Olhar tudo, sem um quadro epistemológico definido *a priori* faz pender o campo semântico do tudo ao nada, já que não existe objeto de pesquisa sem uma teoria que o defina enquanto tal. (p. 409).

Para iniciar uma pesquisa em psicanálise, antes de se definir o método, deve-se levar em consideração a teoria psicanalítica e seu campo de estudo fundamental: o Inconsciente. Assim, Freud ao se deparar com fenômenos que não possuíam causa aparente, indagou-se sobre a existência de uma instância que, até então, não havia sido delimitada, mas que poderia determinar o surgimento de tais fenômenos. Freud, então, inicia suas investigações que, mais tarde, culminariam na justificativa do conceito de Inconsciente (FREUD, 1915a/2006). Instância que seria ao mesmo tempo como um recipiente de informações “ocultas” do indivíduo¹⁶, e como algo dinâmico que demandaria certos impulsos que motivariam a expressão desses fenômenos (FREUD, 1915b/2006).

Em seu Texto “O Inconsciente” (1915a/2006), Freud apresenta o conceito ora pontuando como referente ao seu sentido descritivo, nesse caso tratando-se de um material inconsciente que pode se tornar consciente ou não, ora em seu sentido sistemático, ou seja, que pode passar de um sistema a outro – e é aqui que entra sua outra definição, no que tange o termo Inconsciente do ponto de vista metapsicológico. Assim, um material inconsciente pode “tentar” acessar a consciência e ser barrado pela censura, ou, caso passe pela censura, terá acesso a outro sistema: o Pré-Consciente (*Pcs.*), transformando-se então em material latente, o que não o torna consciente, porém sob certas condições pode vir a ser objeto da consciência¹⁷.

¹⁶Lacan no Seminário 11 (1953/1998), ao abordar o conceito de Inconsciente em Freud, faz crítica à noção de inconsciente enquanto recipiente de conteúdos. Segundo ele, “o inconsciente de Freud não é de modo algum o inconsciente romântico da criação imaginante. Não é o lugar das divindades da noite.” (p. 29), dessa forma, o termo em Freud se distanciaria dos termos cunhados anteriormente a ele. E assim, para Lacan, o conceito em Freud estaria para além do simples armazenamento estático de informações, mas sim, ele seria estruturado como uma linguagem na qual “ele se situa nesse ponto em que, entre a causa e o que ele afeta, há sempre claudicação.” (p.29).

¹⁷Para maior aprofundamento deste tema, ler o texto II “Vários Significados de ‘O Inconsciente’ O Ponto de Vista Topográfico” de “O Inconsciente” (1915a/2006).

O acesso a este material não seria dado de forma direta, se não por meio do estudo de suas manifestações/expressões, tais quais: sintoma, sonho, chiste e o ato falho.

Dessa maneira, ao delimitarmos como objeto de estudo o fenômeno sobre a tatuagem como uma possível expressão de linguagem no corpo, utilizamos de metodologias que nos auxiliassem na sua apreensão, formas de compreensão do fenômeno possibilitadas pela teoria psicanalítica. Para Freud, pesquisa e teoria andariam juntas na sua construção de uma clínica ampliada, tanto pelo estudo de fenômenos psicopatológicos, quanto pela análise de fenômenos psíquicos normais, como a sua obra “Sobre a psicopatologia da vida cotidiana” (FREUD, 1901a/2006). Devendo-se estudar tanto os fenômenos, causa de adoecimento, trazidos à clínica quanto àqueles que extrapolam as demandas do consultório. E assim, devemos compreender

[...] quais ferramentas deixadas por Freud possibilitam a realização de estudos pautados no método psicanalítico na medida em que pretendemos sublinhar algumas de suas contribuições para a realização de pesquisas, sobretudo aquelas cujo objeto extrapola o que comumente entendemos como clínica, ou seja, que extrapola a atividade de consultório. (COELHO & SANTOS, 2012, p. 92).

Para elucidar os fenômenos, tanto psicopatológicos como da vida cotidiana, devemos estudar o percurso epistemológico freudiano, nesse sentido, como pontuado por Conte (2004), vemos que no início enquanto Freud desenvolvia seus trabalhos junto a Charcot, o método era o da hipnose e a técnica da sugestão; posteriormente com a iniciativa da “Interpretação dos Sonhos” (1900/2001) o método foi substituído pela interpretação e a técnica passou a ser o da associação-livre.

Assim, a construção de uma pesquisa deve levar em consideração não apenas o método para a apreensão do conhecimento, mas, sobretudo, a teoria que embasa essa busca e o objeto a ser estudado. Desse modo, “o método psicanalítico vai do fenômeno ao conceito, e constrói uma metapsicologia não isolada, mas fruto da escuta psicanalítica, que não enfatiza ou prioriza a interpretação, a teoria por si só, mas integra teoria, prática e pesquisa.” (ROSA, 2004, p. 341).

Ao utilizarmos os constructos propostos por Freud: interpretação, associação-livre e atenção flutuante – enquanto técnica que preconiza que o analista, pesquisador, deixe sua atenção suspensa, abandonando suas influências conscientes para trabalhar com o caótico e desconexo, com as lacunas da consciência (FREUD, 1912a/2006) –, vemos que ao se pesquisar, teorizar ou clinicar de acordo com os pressupostos psicanalíticos, devemos levar em consideração suas construções, seus pressupostos epistemológicos. Assim formulamos

técnicas que deverão ser necessariamente aplicáveis aos seus novos estudos ou construções, que se utilizem dos constructos reconhecidos teoricamente, como os acima citados. Logo, essas construções teóricas embora partam de formulações técnicas, são a princípio conjecturas,

o progresso no trabalho científico é o mesmo que se dá numa análise. Trazemos para o trabalho as nossas esperanças, mas estas necessariamente devem ser contidas. Mediante a observação, ora num ponto, ora noutro, encontramos alguma coisa nova; mas, no início, as peças não se completam. Fazemos conjecturas, formulamos hipóteses, as quais retiramos quando não se confirmam, necessitamos de muita paciência e vivacidade em qualquer eventualidade, renunciemos às convicções precoces, de modo a não sermos levados a negligenciar fatores inesperados, e, no final, todo o nosso dispêndio de esforços é recompensado, os achados dispersos se encaixam mutuamente, obtemos uma compreensão interna de toda uma parte dos eventos mentais, temos completado nosso trabalho e, então, estamos livres para o próximo trabalho. (FREUD, 1933[1932]/2006, pp.169-170).

Pautando-se na teoria psicanalítica – em Freud e Lacan –, buscamos estudar o fenômeno da tatuagem em dois momentos, num primeiro momento com uma revisão bibliográfica, sendo que: “Por ora, podemos concluir que a exigência – proveniente da prática clínica – de que o analista mantenha uma atenção suspensa (ou flutuante) deve inclusive ser aplicada quando se pretende realizar uma pesquisa bibliográfica.” (COELHO & SANTOS, 2012, p.95). Assim, o pesquisador no levantamento bibliográfico seria guiado pelas impressões transferenciais em relação ao material lido, o que implicaria diretamente na forma da análise e produção do material oriundo desse material pesquisado. “[...] Por seu turno, o pesquisador é guiado pelo objeto, utilizando-se da sua associação livre, demonstrando assim o papel ativo que exerce no processo de construção do estudo.” (idem).

Ou seja, exigência que surgiu dos estudos clínicos de Freud e que estão relacionados de maneira fundante na pesquisa, seja bibliográfica ou de campo. Segundo Echer (2001), é pela revisão bibliográfica que teremos a articulação das ideias dos autores e a temática pesquisada, abrindo caminho então para novas produções de conhecimento. E assim, no embasamento teórico estruturado pela bibliografia levantada, de acordo com conceitos relacionados à apreensão do fenômeno pesquisado, tais quais: tatuagem, corpo, linguagem, narcisismo, pulsão, significante, representação, dentre outros, foi realizado um levantamento e leitura de obras freudianas, lacanianas e de autores contemporâneos, de forma a interligar os conceitos supracitados para a compreensão efetiva do fenômeno da tatuagem, possibilitada por uma impressão transferencial dos textos lidos/ouvidos.

Na realização da pesquisa de campo junto à população alvo da pesquisa (tatuadores e tatuados), levamos em consideração o fato de que não se observa o fenômeno, haja vista que a

dinâmica inconsciente se dá pela relação. Logo, o fenômeno é conhecido pela posição do pesquisador/sujeito frente a sua relação com os sujeitos. Posto que a experiência de sujeito é o que decai entre dois significantes, e o significante "é aquilo que representa o sujeito para um outro significante" (LACAN, 1960/1998), sua relação de pesquisador enquanto significante frente a um sujeito é o de se colocar enquanto testemunha da repetição, do deslizamento metonímico de sua cadeia significante.

Segundo a leitura freudiana a construção de uma teoria, de uma ciência começaria pela descrição dos fenômenos, para depois a elaboração de conceitos precisos. Na busca pela definição de um conceito percebe-se que seu significado pode até parecer que foi fruto de observação, mas na verdade, foram impostas, ou seja, são da ordem das convenções (1915d/2006).

Ouvimos com frequência a afirmação de que as ciências devem ser estruturadas em conceitos básicos claros e bem definidos, de fato, nenhuma ciência, nem mesmo a mais exata começa com tais definições. O verdadeiro início da atividade científica consiste antes na descrição dos fenômenos, passando então a seu agrupamento, sua classificação e sua correlação. (FREUD, 1915d/2006, p. 123).

Freud vai atentar para a questão de que qualquer observação será precedida de alguma ideia, ou seja, uma teoria, logo, não é uma simples descrição de um fenômeno, mas sim uma imposição, por parte do observador. Dessa maneira, “uma apreensão maior do significado das coisas constitui motivo perfeitamente justificável para ir além dos limites da experiência direta” (FREUD, 1915b/2006, p. 172). Assim, Freud difere a psicanálise da psicologia da consciência descritiva, e dá um passo a mais ao trabalhar principalmente com seu conceito dinâmico dos processos psíquicos (FREUD, 1912b/2006).

Freud pontua que para apreender os fenômenos inconscientes devemos ser levados “[...] da visão puramente descritiva à visão dinâmica do fenômeno” (FREUD, 1912b/2006, p. 280), ou seja, devemos passar do observar os fenômenos e descrevê-los para o ato de investigar a sua dinâmica, como diria o autor à ‘arte de descobrir os pensamentos residuais’, haja vista que estes, ao estarem à parte da consciência, não seriam objetos da observação consciente.¹⁸ Logo, os métodos de acesso aos materiais da consciência também vão diferir dos do inconsciente, o campo de estudo da psicanálise.

¹⁸“E aqui temos a oportunidade de aprender o que não podíamos ter adivinhado pela especulação, ou por outra fonte de informação empírica – que as leis da atividade inconsciente diferem amplamente daquelas da consciência” (FREUD, 1912a/2006, p. 284). Ou seja, que elas são regidas por diferentes processos.

Segundo Celes (2006), na psicanálise, busca-se o *fazer falar* e o *fazer ouvir* que tem como efeito o *fazer ver*, ou seja, notar as manifestações dos processos anímicos, pela escuta diferenciada. Dessa maneira, não seria apenas uma metodologia de observação já que não é uma observação pura, em que o espírito humano receberia passivamente os dados dos objetos externos e sensíveis que as observações lhe ofereceriam, em que apenas se registraria o fenômeno bruto na forma em que esse se apresenta. Na pesquisa psicanalítica, o entrevistador se implicaria nas reticências, haja vista que, essas reticências seriam, segundo o autor, o espaço entre o *fazer falar* e *fazer ouvir* ocupado pelo analista. “A função do analista não é ‘descobrir’. Não é investigar ao modo em que uma investigação policial se procede, isto é, sabendo o que se quer achar esquadrinhando.” (CELES, 2006, p. 14). Na lógica apresentada, a psicanálise não teria uma intenção simplesmente visualizadora (observadora), enquanto algo independente daquele que vê, sem interferência do pesquisador, pelo contrário, teria uma intenção de escuta, um ouvir, possibilitado pela relação na qual se encontra (um sujeito suposto saber, por parte do analisado).

Dessa maneira, a metodologia não seria independente de teoria, ou seja, não haveria um dado puro. Na lógica metodológica adotada aqui “[...] nenhum método poderia ser considerado como neutro [apenas observável] posto que todos eles pressuporiam uma teoria, ou conjunto de teorias que possibilitavam precisamente sua construção [metateoria]. (IBÁÑES, 1992, p. 16, tradução nossa).”

Na pesquisa psicanalítica, buscam-se as formas de expressões da dinâmica psíquica, em interação com a teoria que a precede, logo, sendo esta dinâmica inacessível à observação, abordam-se então as manifestações dessas dinâmicas que pulsam em direção a formas de expressão.

Na Psicanálise, não há como se ter um dado objetivo, porque dentro de sua própria construção teórica não se tem como acessar objetivamente um dado, logo sua metodologia de pesquisa não tem como ser direcionada à busca objetiva de uma resposta, todas as construções psicanalíticas são relacionais, todavia, deve-se levar em consideração a interferência do pesquisador na resposta do pesquisado. (ROSA & DOMINGUES, 2010, p. 185).

Costa & Poli (2006) vão salientar que o dado a ser coletado do entrevistado não será algo a ser colhido pelo entrevistador, posto que, situando-se no campo transferencial, onde o “insabido” se expressa como formações do inconsciente, incluiria o pesquisador nessa formação. Ou seja, o dado se construiria na relação, na escuta em foco na relação psicanalítica que “[...] implica que o analista suporte a transferência, ou seja, ocupe o lugar de suposto-

saber sobre o sujeito – uma estratégia para que o sujeito, supondo que fala para quem sabe sobre ele, fale e possa escutar-se e apropriar-se de seu discurso.” (ROSA, 2004, p. 343).

Sendo assim, o método da pesquisa psicanalítica deve ser orientado pela escuta e transferência. A escuta, na clínica, tem como base a teoria e a atenção flutuante à fala do analisando. Seguindo essa lógica, trabalhar-se-ia o texto escrito, aquele coletado pela entrevista, com o intuito de “identificar significantes cujo sentido assume o caráter de uma contribuição original para o problema de pesquisa norteador da investigação” (IRIBARRY, 2003, p. 129).

Porém, como pontua Costa e Poli, não se pode deixar de ser levado em conta que deve ser preservar a experiência psicanalítica também nos contextos exteriores à clínica, já que ao falar em pesquisa psicanalítica, fala-se de uma pesquisa clínica, pois esse é o método de acesso ao sujeito do inconsciente/sujeito de desejo, logo, sujeito da pesquisa.

Toda pesquisa em psicanálise é clínica porque, radical e estruturalmente, implica que o pesquisador-analista empreenda sua pesquisa a partir do lugar definido no dispositivo analítico enquanto o lugar do analista, lugar de escuta e, sobretudo de causa para o sujeito, o que pressupõe o ato analítico e o desejo do analista. (COSTA & POLI, 2006, p. 23).

A transferência seria o desejo do analista posto à disposição do desejo do analisando e, esta seria a possibilidade para a passagem de objeto de pesquisa a sujeito. Ao passo que, se tornaria sujeito ao se constituir através da linguagem e na linguagem dentro de um universo discursivo, ou seja, um laço discursivo que será reproduzido na transferência. Haja vista que, como defende Rosa (2004), no discurso enunciado estará presente à enunciação, ou seja, há a manifestação do sujeito do inconsciente. Logo, isto possibilitaria trabalhar o enunciado em entrevistas e depoimentos com vistas à enunciação.

Diante destas questões, Costa e Poli (2006) apontam para a possibilidade de entrevista preliminar. Neste modelo de entrevista, o entrevistado chegaria na condição de queixa – em que ele situa o saber ao lado do entrevistador –, e passaria para a condição de demanda, em que ocorreria o reconhecimento do sujeito nas formações do Inconsciente, que seriam trabalhadas, em análise, por meio da palavra, possibilitando a confiança na fala e na escuta (transferência).

Tomando essa possibilidade como saída, uma possível limitação desse modelo seria que aqui a demanda situar-se-ia ao lado do entrevistador e não do entrevistado, seria então, como pontuado por Costa e Poli (2006), uma inversão do modelo clínico. Para tal, deveria se levar em consideração os preceitos éticos da transferência, de modo que as hipóteses

formuladas não atuem a favor da resistência. Ou seja, que a narrativa tenha alguma utilidade ao sujeito da pesquisa, que ele possa tê-la como sua demanda, sem imposição por parte do entrevistador. Desta maneira, a hipótese se construiria no próprio processo de entrevista. Ao analisar os modelos de entrevista, Costa e Poli (2006) e Rosa (2004) apontam para a possibilidade de trabalhar conjuntamente com entrevistado e entrevistador parceiros produzidos por um terceiro elemento que parece ausente, velado, não explicitado, em que ao ser correlacionado ao chiste, apresenta esse terceiro elemento como a estrutura do “terceiro ausente” de Freud (1905a/2006), logo:

A estrutura do ‘terceiro ausente’ pode ser ampliada para todas as situações de entrevistas em psicanálise. Ela é operativa em situações nas quais a comunicação fixa sujeito e objeto como presenças na realidade. Tanto as entrevistas preliminares, quanto as entrevistas-testemunho permitem uma quebra dessa fixidez e a permeabilidade à inclusão do jogo simbólico. (COSTA & POLI, 2006, p. 19).

Assim, “mais do que pelo tema e lugar, a pesquisa em psicanálise se define pela maneira de formular as questões” (ROSA & DOMINGUES, 2010, p. 182). E nessa lógica, segue-se aparte de como elaborar um instrumento de pesquisa que seja ao mesmo tempo demanda do pesquisador e do pesquisado, e que possibilite uma incursão pelas cadeias associativas do entrevistado, tentando assim não se deixar barrar pela censura e tornar acessível à enunciação. Para tanto, por meio da utilização de perguntas orientadas por tópicos, conduzimos as entrevistas tendo em foco uma “fala mínima”, de forma a evitar atuar a favor dos aspectos imaginários, buscando prestar testemunho ao discurso do sujeito. Celes (2000) pontua que a associação livre é um convite explícito para que se fale, no caso o entrevistado, ou seja, que fale de acordo com uma maneira específica, fale em associação livre, convite este que em Freud: “[...] mostra que, afora o vínculo que fornecemos com a ideia inicial, essas associações são dependentes também de grupos de ideias e de interesses intensamente emocionais, os ‘complexos’[...]” (1915-1916b/2006, p. 113). Assim sendo, para procurar fazer ser ouvido esse não dito (as lacunas do discurso, o furo), haveria formas de busca pela Verdade do sujeito que podem ser reencontradas, pois

[...] frequentemente já está escrita em Outra parte. Ou seja:
 - nos monumentos: meu corpo, isto é, o núcleo histérico da neurose onde o sintoma histérico mostra a estrutura de uma linguagem e se decifra como uma inscrição que, uma vez recolhida, pode, sem perda grave, ser destruída; [...].
 - nos rastros, enfim, que conservam inevitavelmente as distorções, necessárias para emendar o capítulo adulterado nos capítulos que o enquadram, e das quais minha exegese restabelecerá o sentido. (LACAN, 1953/ 1998, p. 124).

Nesse sentido, a busca pela Verdade do fenômeno da tatuagem tornou-se a abordagem deste não dito, inscrita no monumento corpo, enquanto uma possível expressão de linguagem nesse monumento.

4.1- Coletando e analisando os dados

A coleta dos dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, com perguntas abertas orientadas por temas, como: *a relação entre corpo e tatuagem; tatuagem e elaboração, tatuagem e outro e Outro e falar livremente sobre tatuagem*. Assim, por meio do discurso sobre o fenômeno abordado em temas, buscamos estudar a tatuagem na sua relação com sua função no campo da linguagem. Assim, a pesquisadora foi até o local da pesquisa, ou seja, os estúdios de tatuagem do município de Campo Grande – MS. Dessa forma, demandou-se ao entrevistado que falasse sobre sua(s) tatuagem(nas), haja vista que, foi trabalhada com a população da pesquisa onde a mesma demanda sua busca pela expressão do fenômeno (estúdios de tatuagens). Naquele momento, foram lançadas perguntas que pudessem situar a produção do discurso a ser pesquisado em sua cadeia de significantes, e tendo sido abrangentes, visavam não atuar a favor da censura.

Com esse intuito, buscamos *ouvir* os significantes mais marcantes, as suas lacunas, seus tropeços no discurso. E então, o respaldo nesse fenômeno enquanto expressão consciente de fenômenos inconscientes, ou seja, um saber que toca a Verdade, apontando a incidência desse Real¹⁹ que não cessa de não se inscrever.

Para tanto, as entrevistas coletadas, por meio de gravações, foram trabalhadas com a intenção de ultrapassar a experiência da consciência e buscar os tropeços do discurso. Pois, como nos aponta Iribarry (2003) em sua leitura de Juranville, o inconsciente ultrapassaria o mundo como sendo correspondente à experiência consciente. Assim, buscamos trabalhar com os significantes presentes nos discursos, em oposição a uma concepção de realidade objetiva a ser supostamente observada.

Buscamos destacar, pela sua escuta, as hiências e lacunas no discurso das entrevistas dirigidas pela atenção flutuante da pesquisadora e, levando-se em consideração a associação-livre a qual foi submetida à condição da produção discursiva, segundo as condições

¹⁹Há uma diferenciação de realidade, enquanto materialidade, e Real enquanto aquilo que não cessa de não se inscrever, a lacuna, a falha, o furo da trama da linguagem, que de forma alguma seria objeto de observação. Este seria apenas sujeito da escuta, que em seus saltos, em suas faltas, produziriam borda.

estipuladas pelo campo em que se tem como base a experiência clínica. Já que é no furo, na falta, que está à experiência do inconsciente.

Uma escuta, na clínica psicanalítica está ligada a uma via de mão dupla: por um lado, o psicanalista escuta apoiado na teoria e, por outro, fica atento ao desfile de significantes que o analisante realiza com sua fala. [...] São os significantes introduzidos pela experiência do pesquisador com o texto que irão oferecer novas significações, novos sentidos para o dado coletado e transformado em texto. A responsabilidade é inteiramente do pesquisador psicanalítico e cada termo novo acrescentado ao texto e divulgado pelo ensaio metapsicológico alarga o horizonte de compreensão e explicação da temática investigada. Quando o pesquisador psicanalítico dirige-se ao texto que seu dado representa, ele o faz já tendo sido constituído pela ação de significantes que lhe permitem estar situado como sujeito em relação a outros significantes [...]. (IRIBARRY, 2003, pp. 126-7).

Ainda segundo Iribarry (2003), é pela leitura dessas transcrições dirigida pela escuta, e pela transferência instrumentalizada, conjuntamente com as implicações do pesquisador, que o dado poderá ser transformado em texto, e assim, esperamos poder ter contribuído para a discussão do fenômeno da tatuagem.

4.2- Sujeitos

O universo da pesquisa fora constituído por tatuadores e tatuados do município de Campo Grande – MS (local de execução do projeto), maiores de 18 anos, com disponibilidade, interesse e tempo para participar da entrevista.

A população da pesquisa – ou seja, o recorte do universo –, foi composta por tatuadores e tatuados, que se dispuseram a participar da pesquisa, atuantes nos 11 estúdios de tatuagem, que se situam no centro do município, pelo fato de ser de grande circulação de pessoas e de fácil acesso. Estúdios regularmente inscritos na Coordenadoria de Vigilância Sanitária do município de Campo Grande – MS, segundo dados fornecidos pela referida coordenadoria, por meio do Relatório de Estabelecimentos²⁰.

Foi realizado convite via postal solicitando a participação, ou não, da pesquisa, com a disponibilização do ambiente físico para a coleta das entrevistas. Depois das cartas postadas, apenas um estúdio entrou em contato manifestando interesse, os demais não entraram em contato nem mesmo para recusar a proposta. Tendo o estúdio definido e com a devida autorização do dono do estabelecimento, foi realizada a coleta dos dados com o tatuador do

²⁰Esses dados foram obtidos através de solicitação via e-mail, junto ao órgão em questão. O relatório encontra-se nos anexos do projeto.

estúdio e com tatuados que apareceram no estúdio. A princípio havia sido estipulado o prazo de 02 (dois) dias de pesquisa no local, porém o mesmo foi revisto conjuntamente com o responsável pelo estabelecimento. As entrevistas e questionários foram realizados com os tatuados após a realização do procedimento, com o intuito de não atrapalhar ou atrasar o trabalho realizado no local. Com o tatuador a entrevista foi realizada de acordo com a disponibilidade de tempo do mesmo.

Todos os sujeitos envolvidos nesta pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) contidos na Resolução 466/2012 – CNS, que autoriza as pesquisas com seres humanos e é requisito básico para futuras publicações dos resultados obtidos neste estudo. As identidades dos pesquisados serão mantidas sob sigilo.

4.2.1- Critérios de inclusão de sujeitos

Tatuadores e tatuados, que:

- a) Possuíam disponibilidade de tempo e interesse em participar da entrevista;
- b) Maiores de idade;
- c) Aqueles que se encontravam no estúdio de tatuagem que participou da pesquisa no momento da coleta de dados;
- d) Os que concordaram em participar da pesquisa mediante assinatura do TCLE.

4.2.2- Critérios de exclusão de sujeitos

- a) Aqueles que não atenderem a pelo menos um dos critérios de inclusão acima elencados.

4.3- Riscos e benefícios

4.3.1- Riscos

Foi elencada como risco a possibilidade de os entrevistados terem um pequeno dispêndio de tempo. De maneira geral, como se tratava de uma entrevista de curta duração e como não havia uma finalidade terapêutica, não foi levado em consideração à possibilidade de danos ou implicação de riscos.

4.3.2- Benefícios

Quanto aos benefícios, direto e/ou indireto, que estavam previstos aos participantes da pesquisa:

- a) escuta sobre o fenômeno em questão, sem qualquer juízo de valor ou moral, possibilitando assim que a pessoa falasse e também se escutasse.
- b) possibilidade de compreensão do objeto de estudo, tanto pelo pesquisador quanto pelo pesquisado.

4.4 – Lócus de pesquisa

A pesquisa foi realizada em 01 estúdio, dentre os 11 estúdios de tatuagem no Centro do município de Campo Grande – MS, pelo fato de ter sido único a ter respondido a carta convite.

4.5- Procedimentos

Após a anuência do CEP/UFMS (Comitê de Ética para Pesquisa em Humanos), foi enviado um convite, via postal, para a participação da pesquisa aos 11 (onze) estúdios de tatuagem eleitos. Com o estúdio definido – o único que aceitou participar no intervalo de 60 dias após a postagem dos convites foi então realizada uma pesquisa exploratória com o dono do estabelecimento para ver a disponibilidade de uso do espaço físico de seu estúdio para as entrevistas, mediante assinatura de um termo de autorização para a coleta dos dados, além de uma conversa prévia com o tatuador para entrar em contato com sua posição privilegiada de inserção nesse universo discursivo.

Posteriormente, foi apresentado o questionário de identificação (baseado no modelo utilizado no SAPS – Serviço de Atendimento Psicossocial da UFMS) para o preenchimento do entrevistado e, depois, foi realizada a entrevista norteadas por um roteiro e gravada em áudio. Após a anuência o dono do estabelecimento, foi realizado o preenchimento dos questionários e as entrevistas com os tatuados, que foram gravadas para posterior transcrição. E então, as mesmas foram analisadas a partir das teorias lacaniana e freudiana, o que resultou em uma produção textual.

Assim, buscamos abordar a tatuagem constituída pelos mesmos mecanismos dos processos oníricos, entendida como uma expressão pulsional de linguagem no corpo, produtora de um recorte corporal diferenciado que faz borda, ao circunscrever a pulsão nele, por meio de seus representantes.

5- O FENÔMENO DA TATUAGEM: IMPLICAÇÃO DISCURSIVA

No intuito de buscar uma possibilidade de abordagem do fenômeno da tatuagem – na sua dimensão de ato discursivo –, fomos direcionados pela nossa pesquisa a uma aproximação entre nosso objeto de estudo e os processos oníricos em um primeiro momento, tendo como meio de aproximação dos fenômenos a questão da figurabilidade (*Darstellung*), sem desconsiderar a importância da metáfora e da metonímia. Trabalhamos com o conceito de *Darstellung* segundo a leitura de David-Ménard (1989, 2000), naquilo que ela o difere do conceito de *Vorstellung* (representação), porém levando-se em conta que, mesmo sendo conceitos heterogêneos, ambos estão presentes nos fenômenos em questão: o sonho e a tatuagem. Assim, buscamos a aproximação entre sonho e tatuagem a partir de seus processos constitutivos, o que nos possibilitou também a aproximação de seus processos interpretativos. Não buscamos aqui uma interpretação das tatuagens, mas sim, defender que a escuta do fenômeno em questão se daria de forma semelhante a dos processos oníricos, que estaria na base da escuta dos demais fenômenos, mas que aqui, teria a *Darstellung* como aproximação entre o fenômeno da tatuagem e dos sonhos, diferenciação entre as demais formas discursivas.

[...] o que Lacan escreveu sobre a noção de *Darstellung* – “apresentação plástica e figurativa” –; essa é a palavra que designa tanto o estatuto da pulsão na histeria quanto o estatuto das imagens no sonho. *Darstellungsfähigkeit*, é a figurabilidade, ou ainda como traduz Lacan, no artigo “L’instance de laletredansl’inconscient ou laraisondepuis Freud”: considerações para com os meios da encenação. (DAVID-MÉNARD, 1989, p. 81).

Como escreve Lacan (1957/1998), no texto citado por David-Ménard (1989), o que difere justamente o sonho das demais formas discursivas é a figurabilidade. Que é justamente o que aproxima o sonho da tatuagem. Não somente pelo seu caráter figurável, ou por essa dimensão de uma outra cena, mas também pelo seu papel de apresentação e presentificação de uma vazia.

A partir dessas aproximações buscamos elaborar uma forma de abordagem do fenômeno da tatuagem, para tanto nos utilizamos de entrevistas. Já que toda pesquisa em psicanálise é clínica por excelência (COSTA & POLI, 2006), pois se atenta para uma escuta diferenciada, buscamos transpor constructos teóricos de um método a outro (transferência, associação-livre, atenção flutuante, dentre outros), levados então aonde há demanda, nos estúdios de tatuagem a fim de não inferir dados, mas sim construí-los em uma produção relacional. Logo, com a realização das entrevistas buscamos abordar questões referentes à

relação entre corpo e tatuagem, tatuagem e representação, a tatuagem na sua relação com o outro e o Outro, tendo como guia questões-chaves (como: tatuagem, corpo, outro, etc.), das quais destas surgiram às questões abertas a serem feitas, não respeitando necessariamente uma ordem, mas aparecendo de acordo com o caminhar das entrevistas. Desse modo, algumas perguntas elencadas a partir dos tópicos em algumas entrevistas não foram realizadas, haja vista que já haviam sido “respondidas” em outras questões, bem como o surgimento de questões que não estavam no roteiro norteador, mas que surgiram no decorrer da coleta. Com isso, nos orientamos de forma a fazer dessas questões-tema o norte na elaboração das perguntas a serem feitas à população-alvo, mas não de forma fechada e engessada. Entretanto, algumas das respostas obtidas, em alguns casos, não faziam relação (direta) com o eixo temático da qual eram parte, levando-nos a ouvir a entrevista no seu todo. Os trechos extraídos para análise compreendem relatos das três entrevistas realizadas e, para conservar a dimensão de sujeito, demarcar que ali havia um sujeito do enunciado, optamos por utilizar pseudônimos ao falar dos entrevistados. E assim, nos tropeços do enunciado abordar a enunciação com vistas a entender o fenômeno da tatuagem na sua relação com seus processos constitutivos e, logo, na relação com a linguagem.

Dessa maneira, a partir da utilização das entrevistas, fomos encaminhados a questões que não levaram a abordar pontos que se destacaram, a saber: a dimensão de ato, a nova dimensão de corpo e a prevalência do significante em detrimento do sentido. Com isso não buscamos esgotar as possibilidades trazidas pelo discurso, mas abordar aquelas que faziam relação com temáticas da nossa pesquisa.

5.1- Dimensão de ato

Por meio de trechos extraídos das entrevistas foi possível abordar alguns dados referentes à tatuagem e ao processo de se tatuar naquilo que implica a dimensão de sujeito (enunciado/enunciação) na sua relação com a teoria psicanalítica (freudiana e lacaniana). Nesse sentido, pelos relatos vimos que a tatuagem, na fala dos sujeitos, relaciona-se a questão da impulsividade, ou seja, está diretamente relacionada a uma dimensão de ato. E,

Se devemos introduzir, e necessariamente, a função do ato no nível da psicanálise, é enquanto este fazer psicanalítico implica profundamente o Sujeito. Que, para dizer a verdade, e graças a essa dimensão do sujeito, que renova para nós completamente o que pode ser enunciado do assunto, como tal, e que se chama o inconsciente, este sujeito, na psicanálise, está, como já formulei, colocado em ato. (LACAN, 1967-1968/, p. 4)

Podemos evidenciar isto em alguns trechos extraídos, como na seguinte fala de Carlos²¹: “as minhas tatuagens, foi mais no impulso mesmo que eu fui fazendo, entendeu. [...] Eu acho que foi por impulso mesmo, eu tava com vontade de fazer e fui fazendo.” ou no trecho dito por Antônio²², “Ahm, ela foi feita na empolgação”. Assim, podemos abordar a tatuagem na sua dimensão de ato, em que no instante do ato não há a necessidade do sujeito do enunciado enquanto organizador ou referência, dado o fato de que ele pode estar presente enquanto objeto. Logo, o sujeito do enunciado encontrar-se-ia após a elaboração do sentido. E, assim, “[...] é somente quando Dora passa pela estrutura do significante que ela sai da *Darstellung* do seu desejo” (DAVID-MÉNARD, 2000, p. 119), ou seja, é quando se entra na significância (no sujeito do enunciado) que se sai da presentificação do desejo (enunciação), logo a experiência de sujeito se dá no só-depois. Sobre isto se pode dizer que: “[...] o sujeito é uma vacilação entre dois significantes” (DAVID-MÉNARD, 2000 p. 19), posto que o sujeito decai da relação entre dois significantes.

A tatuagem enquanto ato, na sua relação com o significante encarnado, impresso em sua pele, estaria na posição de S^1 que engendraria um S^2 (uma cadeia discursiva) e, assim, a experiência de sujeito se daria na hiância entre o S^1 e o S^2 . Dessa maneira, “[...] o que está claramente implicado nesta experiência é a possibilidade de algo que demonstra a função do significante e sua relação ao sujeito [...]” (LACAN, 1967/68 p. 14), ao passo que o sujeito é determinado pelos significantes que advém do Outro. É nesse sentido que “[...] o sujeito joga simbolicamente com sua identidade sobre seu próprio corpo, porém não somente na representação, no elemento, mas, antes, na *Darstellung* [no ato]” (DAVID-MÉNARD, 2000, p. 127). O jogo simbólico de sua identidade corporal se dá antes no ato, e só depois acende ao mundo significante e se torna passível de representação (a tentativa da abordagem pelo simbólico da incidência do Real no corpo).

[...] esse elemento da *Darstellung*, quando pode ser analisado num tratamento, o é em sua ordem própria, não se resolvendo pela problemática da perda, da qual depende a problemática fálica, mas sim, confrontando o sujeito com o risco de uma experiência de ausência de si, ou melhor, de abolição das referências imaginárias e simbólicas, que só pode se resolver ao se dizer. O dizer essa experiência, em certas condições, permite emergir dela e tornar representável esse risco de perda de si. Mas no fundo, eu diria a *Darstellung* é capaz do mesmo... (DAVID-MÉNARD, 1989, pp. 80-1).

²¹Nome fictício dado ao sujeito 2 da pesquisa (tatuador).

²²Nome fictício dado ao sujeito 1 da pesquisa (tatuado).

Este elemento da *Darstellung* de apresentação demonstra que, no momento desse ato, há uma ausência de si, para uma emergência de um [eu] (*Je*), dando-se no banimento do referencial simbólico e imaginário. Podemos então dizer que é no só-depois – com a experiência do dizer sobre –, que haverá a experiência de sujeito (daquele que decai entre dois significantes e que se desdobra em um eu ‘moi’, nos seus processos identificatórios, no seu endereçamento ao outro). Ou seja, “é no só-depois, após o corte que o ato produz que há, então, a reconfiguração do Outro e a realocização do sujeito. Aí sim, *a posteriori*, o sujeito pode e deve se haver com seu ato.” (GUIMARÃES, 2009, p. 297).

Podemos ainda dizer que a dimensão de ato coloca em cena uma alteridade outra que não o sujeito (moi) como autor do mesmo, sendo que é possível abordar isto na fala do Jorge²³ quando ele diz que “[...] eu queria já fazer ela, mas eu fiz na hora da raiva, fui lá falei ‘ah eu vou fazer então essa tatuagem agora’ e acabou e, fui lá e fiz.” Aqui a raiva é tomada nessa condição de alteridade, podendo ser entendida como a ruptura do enunciado. “Vê-se, assim, que não está em questão, entre o sujeito e o Outro, a disputa pela autoria do ato. Isso porque, no instante do ato, não há sujeito nem Outro.” GUIMARÃES, 2009, p. 297). Logo, é após o ato que se dá a entrada da significância e, portanto, a dimensão de sujeito enquanto possibilitada na amarração feita no Outro, na linguagem. Assim, “podemos dizer que ao corte produzido pelo ato segue uma costura no Outro” (GUIMARÃES, 2009, p. 299) segue uma costura no campo da linguagem, posto que a significação é dada no e pelo tesouro da linguagem. Antes da inserção da significação da cadeia, a dimensão de ato estaria na ordem da *Darstellung* (na encarnação do significante), assim, a tatuagem enquanto dimensão de ato psicanalítico é da ordem da *Darstellung*, mas é só pela costura no Outro, pela *Vorstellung*, no ‘só depois’, se tem uma nova dimensão de sujeito.

Temos, então, a passagem do sujeito do enunciado para o sujeito da enunciação, em sua dimensão evanescente e efêmera, na sua condição de palavra plena, ou seja, aquela que faz ato. Nessa lógica, a palavra plena, visa um vir-a-ser sujeito, enquanto aquele que se reconhece no reconhecimento do outro, o que se dá após o ato, transformando-se em um sujeito diferente daquele que era antes.

A palavra plena é a que visa, que forma a verdade tal como ela se estabelece no reconhecimento de um pelo outro. A palavra plena é palavra que faz ato. Um dos sujeitos se encontra, depois, outro que não o que era antes. É por isso que essa dimensão não pode ser eludida da experiência analítica. (LACAN, 1953-1954/1986, pp. 128-129).

²³Nome fictício dado ao sujeito 3 da pesquisa (tatuado).

E isso, percebe-se na tatuagem no discurso do ser tatuado, um sujeito diferente daquele que era antes do ato de se tatuar, naquilo que se relaciona com a ausência e presença da marca, a presença de uma marca que delimita que ali há uma ausência, uma falta projetada.

5.2- Nova dimensão de corpo: da ordem de um vazio

Um corpo que é desnaturalizado (NASIO, 2009) precisa ser recortado para ser abordado pelo Outro na sua relação de troca, de demanda e desejo. Sendo ele um corpo com furos, é necessário seu bordeamento para dessa forma inserir os vazios na trama que o recobre e o acessa. Assim, quando Carlos diz que “É acho que nunca, nunca, nunca vai terminar né cara. Porque sempre tem alguma coisa a mais que você quer fazer, complementar, isso aquilo né. Acho que, você chega no limite mesmo quando tá 100% do corpo tatuado né.” ou, quando Jorge afirma que “eu vou fechar o corpo inteiro ainda”, isto nos remete ao fato de o Real desse corpo não poder ser apreendido, assim, tem-se uma incessante não inscrição dessa falta de referências. Logo, ele é tido como um corpo sem ‘acabamento’, um corpo que ainda não está fechado, terminado, no qual o Real não foi inscrito pela sua própria impossibilidade de inscrição. Dessa maneira, temos apenas a abordagem desse Real no corpo pelos contornos que o simbólico faz desse furo imaginarizado do corpo, ou seja, aquilo que sempre incide, mas que necessita do simbólico para que possa ser (a)bordado, posto que o é não-todo, mas sim bordeado e delimitado, sendo que os limites se configuram em enigma.

O Real que implica no corpo – o impossível de ser dito –, que é abordado pela tatuagem por seu bordeamento simbólico desse furo do imaginário, como demonstrado na fala de Antônio “[...] como enigma né. Uma coisa inacabada, que não sabe o sentido, o significado. Então é um enigma, uma coisa meio sem fundamento né, talvez assim um vazio né.” Tem-se assim a tatuagem na sua relação à *Darstellung* nessa tentativa de presentificar esse vazio, de projetar na pele sua falta. E, ao tentar se abordar o vazio, a hiância, tem-se como resposta um enigma, uma Verdade que é desconhecida pelo sujeito que faz borda, que tenta ser acessada, então, pelo saber sobre essa Verdade, por meio de seus representantes.

Pude articular para vocês o inconsciente como se situando nas hiâncias que a distribuição dos investimentos significantes instaura no sujeito, e que se figuram no algoritmo em um losango [◇] que eu ponho no coração de qualquer relação do inconsciente entre a realidade e o sujeito. Muito bem! É no que algo no aparelho do corpo é estruturado da mesma maneira, é em razão da unidade topológica das hiâncias em jogo, que a pulsão tem seu papel no funcionamento do inconsciente. (LACAN, 1964/1988, pp. 171-2).

Logo, o papel da pulsão no funcionamento do inconsciente, na produção de bordas do corpo natural (corpo orgânico) pela abordagem possibilitada pelo corpo erógeno, demonstra na relação entre ambos, o corpo natural e o erógeno (o da pulsão), que há entre eles a presença de uma lacuna – uma ausência –, haja vista que o corpo erógeno é marcado pela linguagem e, a possibilidade de abordagem do natural se dá pelo erógeno, tem-se, então, a questão da não apreensão do Real do corpo pela linguagem, pela própria pulsão.

5.3- Prevalência do significante.

Sendo o inconsciente estruturado como uma linguagem, e sendo o inconsciente aquilo que rege a vida consciente, o sujeito é marcado, apreendido e delimitado na e pela linguagem. Quando Lacan vai falar de linguagem, ele toma emprestado de Saussure seus conceitos de significante e significado, porém não da mesma forma. Para Lacan, o significante não é significante de um significado e nem o significado é um significado de um significante, não haveria essa relação ponto a ponto. Para ele, o significante seria da ordem do engano e o significado o que deslizaria da cadeia significante de forma retrograda. Pode-se dizer que, para o autor, há a prevalência do significante em relação ao significado, posto que a própria condição de sujeito é uma consequência do significante. Entre o S^1 e o S^2 decai uma experiência de sujeito²⁴.

O inconsciente é, no fundo dele, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem. E não somente o significante desempenha ali um papel tão grande quanto o significado, mas ele desempenha ali o papel fundamental. O que com efeito caracteriza a linguagem é o sistema do significante como tal. [...] vocês entreviram sobre isso bastante até aqui para saber que a relação do significante e do significado está longe de ser, como se diz na teoria dos conjuntos, biunívoca. (LACAN, 1955-1956/1988, p. 139).

É nesse sentido em que, não havendo essa relação unívoca entre referente (mundo das coisas) e referencial (linguagem), que se entende que a linguagem deforma o Real, ao tentar abordá-lo. Posto que, “todas as coisas do mundo vêm colocar-se em cena segundo as leis do

²⁴ Estamos aqui, fazendo uma abordagem dos primórdios da obra lacaniana no que diz respeito a sua teoria do significante e consequentemente de sua constituição de sujeito. Contudo, notamos que a incursão de Lacan pela linguística saussuriana está presente desde o Seminário 3. Entretanto, cabe ressaltar que a posição lacaniana sofre alterações ao longo da construção de sua teoria, o que acarreta na “divisão” da obra do autor por alguns de seus predecessores, como podemos notar em Miller (1998) que pontua a divisão da obra lacaniana em três momentos: o imaginário, o simbólico e o real e, em Milner (1996) para o qual a obra de Lacan se divide em dois momentos, de acordo com sua leitura epistemológica da obra lacaniana (primeiro e segundo classicismo).

significante, leis que de modo algum podemos tomar de imediato como homogêneas às do mundo.” (LACAN, 1962-1963/2005, pp. 42-3).²⁵

Assim, a partir de trechos das entrevistas, buscamos abordar a prevalência do significante em relação ao significado, também na constituição desse fenômeno, levando-se em consideração essa não relação unilateral entre significante e significado.

No trecho extraído da fala de Carlos: “Ah, eu desde a minha primeira eu fiz porque eu gosto de *tattoo* né, e depois cada... geralmente tatuagem... cada um faz pelo significado, eu é porque eu gosto de desenho, do desenho em si”, já que segundo ele “eu acho que eu vi o bonito vou e faço, não tem muito de explicar o desenho, isso e aquilo, não procuro fazer muito não. Se eu gosto do desenho eu vou e faço.” Nota-se que a prevalência que é dada no ato de tatuar-se é de ter a tatuagem enquanto inscrição corporal, um encarnar o significante no corpo e produzir um novo recorte, e não na significação que, a propósito, só é dado *a posteriori*. Haja vista que, como dito anteriormente, na relação Significante/Significado não há aí uma relação ponto a ponto, não há *um* significado para *um* significante, mas sim cadeias significantes, ou ainda, entendendo-se o significante.

O significante produzindo-se no campo do Outro faz surgir o sujeito de sua significação. Mas ele só funciona como significante *reduzindo* o sujeito em instância a não ser mais do que um significante, *petrificando-o* pelo mesmo movimento com que o chama a funcionar, a falar, como sujeito. (LACAN, 1964/1988, p. 197, grifo do autor).

E, assim, temos o sujeito enquanto produto de sua relação pulsional com o Outro, dado pelo significante oriundo do campo do Outro. Assim, o sujeito no interior da linguagem torna-se um significante para outro significante. E, “o que se exprime no interior do aparelho e do jogo do significante, é algo que sai do fundo do sujeito, que pode chamar-se de seu desejo. Desde o momento em que esse desejo é preso no significante, é um desejo significado.” (LACAN, 1955-1956/1988, p. 270). Ou seja, trata-se de um desejo passível de significação, de maneira metonímica, por meios de seus representantes em sua cadeia discursiva.

Com os dados coletados pelas entrevistas podemos notar que a relação ao enunciado da tatuagem, a partir das teorias freudiana e lacaniana, nos possibilitou abordar o fenômeno da tatuagem naquilo que ela remete ao sujeito da enunciação, no que evidência a sua dimensão de ato analítico, produtor de uma nova camada discursiva desse corpo desnaturalizado que

²⁵ Para quem quiser aprofundar a questão à crítica ao realismo sugerimos a leitura de Beividas e Ravanello (2006a, 2006b, 2010).

busca ser recortado e delimitado, utilizando-se da *Darstellung* e da *Vorstellung*, respectivamente nesta ordem. Demarcando com isso que se trata de um ato significativo, com a apresentação do vazio, e sua abordagem por seus representantes dados *a posteriori* na cadeia discursiva. Temos com isso, então, a tatuagem enquanto a tentativa de elaboração de uma falta, da falta de um objeto para a pulsão e, da falta da inscrição do Real, demarcando assim sua condição de projeção de um vazio pela impressão da presentificação da falta no corpo.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando buscamos abordar o fenômeno da tatuagem em psicanálise, iniciamos nossa discussão em Freud e, posto que o campo freudiano vai se tramando e estruturando-se na medida em que os conceitos se entrelaçam, logo somos levados a caminhar de conceito a conceito, já que a relação entre os conceitos é tão estreita e dependente. Com vistas a não nos perdermos na definição dos mais variados constructos freudianos, optamos por delimitar como fio condutor da nossa abordagem aqueles faziam fronteira ao nosso objeto de estudo e nos possibilitasse sua abordagem. Seja na relação com os processos oníricos, seja na relação mais estreita com o corporal.

Sendo assim, nos aproximamos dos processos oníricos são entendemos que ambos os fenômenos apresentam um conteúdo manifesto e um latente, o que nos direcionou a discussão própria à teoria lacaniana a respeito da relação entre saber e Verdade e, também, da relação enunciado e enunciação. Posto que, para Lacan, o que estaria na base do processo de deformação atuante na passagem de um conteúdo latente para um manifesto seria da ordem da linguagem, de um sujeito alienado em si, que fala do que não sabe (a relação enunciado/enunciação). Desse modo, o sujeito do inconsciente – aquele da enunciação –, falaria sobre si nos tropeços, na descontinuidade do enunciado.

Dessa forma, estariam presentes mecanismos de linguagem, a metáfora e a metonímia, que em Freud são respectivamente formulados como condensação e deslocamento. E assim, ao abordarmos a tatuagem pelo viés da metáfora e da metonímia notamos que: em relação à metonímia ela se relacionaria ao deslizamento de significantes na cadeia a na substituição de um pelo outro – remetendo continuamente a um mais além –, a significação que é dada de uma forma retrógrada, logo, na sua relação à representação; já na sua relação com a metáfora, o fenômeno da tatuagem aponta para uma tentativa de basta no deslizar da cadeia. Quando Lacan (1957/1998) vai dizer que todo fenômeno discursivo tem por base a metáfora e a metonímia, isto nos possibilitou aproximar o sonho da tatuagem. Porém, aquilo que Lacan pontua como sendo pertencente aos processos oníricos que o distinguiria dos demais discursos seria os meios de encenação – a consideração à figurabilidade em Freud. O que a nosso ver também estaria presente no fenômeno da tatuagem, enquanto ideias de caráter figurável e, também, relacionado ao seu caráter de presentificação – daquilo que lhe falta –, reforçando assim nossa tentativa de aproximação dos dois discursos.

Dessa maneira, buscamos abordar o fenômeno da tatuagem em Freud por meio dos processos oníricos e conceitos que lhe fossem pertinentes. E, nas possibilidades fornecidas

pela teoria dos processos oníricos – seus mecanismos constitutivos e interpretativos –, buscamos uma forma de abordar a tatuagem na sua constituição. Fomos direcionados, com isso, a uma escuta do discurso por meio de um tipo de entrevista que não fosse contrária à forma apresentada por Freud de uma escuta privilegiada, que partiu, sobretudo, de sua “Interpretação dos Sonhos” (1900/2001). Dessa maneira, buscamos atentar para o fato de utilização das construções teóricas utilizadas por Freud na sua prática clínica, como no caso da atenção flutuante, da associação livre e da transferência, transpor para a realização das entrevistas de outros fenômenos, os ditos exteriores a clínica.

Seguindo a investigação do fenômeno da tatuagem em Freud, deparamo-nos com a implicação do corpo no fenômeno supracitado, ao passo que ao estudá-lo pela via dos sonhos, foi levantada a questão do sujeito que sonha e de seu circuito pulsional. Desta maneira, ao abordar a constituição do corpo em Freud, atrelada à constituição de um eu, fomos direcionados a constituição do corporal em Lacan, relacionada aos registros do simbólico, do imaginário e do Real.

Sendo assim, abordando a tatuagem na sua relação com os três registros, enquanto inscrição que produz borda em um sujeito que nada sabe sobre *isso*²⁶, produzindo uma nova camada discursiva na sua relação com o outro e o Outro – um sujeito relacional e faltante. Assim, vimos à tatuagem enquanto tentativa de enlace com o Outro; de elaboração de uma falta radical e da tentativa de inscrição do Real no corpo, o que demonstrou algumas das possibilidades de abordagem da tatuagem, não esgotando de forma alguma o assunto.

As possibilidades trabalhadas foram instigadas teoricamente e buscamos respaldo para nossas conclusões com as entrevistas realizadas, o que a princípio levantou tantas outras questões, mas que contribuíram sobremaneira com nossas indagações, como o fato de que para os entrevistados o interesse deles pela tatuagem não estarem relacionados ao sentido, primordialmente, indo também para além da significação, demarcando para nós a questão da prevalência do significante em relação ao significado. Assim, estariam elas (as tatuagens) atreladas a vontade em fazer (uma arte, como foi pelos entrevistados), sendo da dimensão de um ato, um discurso da enunciação, na qual após a passagem do ato e a entrada na significação tem-se a produção de um novo sujeito, um novo significante da sua cadeia discursiva, que é dada pelo Outro. A partir da emergência de um [eu] (*Je*), tem-se a produção de um novo eu (*moi*) e, na implicada relação eu-corpo, quando se tem um novo eu, há uma

²⁶ O termo “*isso*” aqui destacado em *itálico*, faz referência ao conceito freudiano do Id.

nova produção corporal, que é possibilitada por esse novo recorte. Trata-se então de uma nova dimensão de corpo.

Vimos, contudo, que na relação com a linguagem, à tatuagem enquanto atuante na constituição de uma borda corporal apareceu para nós como a inscrição de um significante encarnado, ora abordado enquanto representação (*Vorstellung*), ora na impressão da falta, na presentificação do inatualizável(*Darstellung*), o que nos remeteu de forma contundente à metáfora e à metonímia e, sobremaneira, à figurabilidade.

Com isso, não queremos confundir, ou demonstrar inconclusão, mas pelo contrário: delimitar que a tatuagem enquanto recorte desse corporal desnaturalizado, já barrado pela linguagem, logo imaginarizado, sem acesso ao Real do corpo, produz uma nova borda na sua tentativa de abordar, significar esse entalhe simbólico. Ou seja, a tatuagem na sua dimensão de representação e apresentação (simultânea e indissociada), relaciona-se aos três registros e é a partir da relação desses que se tem sua constituição e forma de abordagem, assim como os demais atos de enunciação. A tatuagem é a marca desse sujeito cindido e alienado, essa escrita que é endereçada ao Outro e que possibilita a emergência de um novo eu, após seu ato de linguagem que é discursivizado.

Dentre as questões trabalhadas e as levantas pela busca de abordagem do fenômeno da tatuagem, uma nos suscitou especial atenção à relação o fenômeno com a questão da autoria, naquilo que ela nos indica uma possibilidade de discussão com as formas contemporâneas de subjetivação, entretanto não havendo tempo hábil para o desenvolvimento da temática, demarcamos sua incidência e possibilidade de um estudo futuro.

7- REFERÊNCIAS

ASSOUN, P.- L. (1996). **Metapsicologia freudiana: uma introdução**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

BEIVIDAS, W. (2003). Corpo, semiose, paixão e pulsão. *Semiótica e metapsicologia. Perfis Semióticos*, Mérida - Venezuela, v. 1, n. 1, p. 43-61, 2003.

__, W. (2004). O sonho de Freud: semiótica do discurso onírico. **Psicologia USP**, São Paulo - SP, v. 14, n. 3, pp. 137-162, 2004.

BEIVIDAS, W. & RAVANELLO, T. (2006a) . Reflexões sobre o discurso: a linguagem como re-criação do mundo. In: Glaucia Muniz Proença Lara. (Org.). *Lingua(gem), Texto e Discurso: entre a reflexão e a prática*. 1ª Ed. – Rio de Janeiro: UFMG-FALE Editorial Lucerna, 2006, v. 1, p. 117-137.

__, W. & __, T. (2006b). Para uma Abordagem Alternativa da Linguagem (e do Real) em Psicanálise. In: Angélica Bastos. (Org.). **Psicanalisar hoje**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2006, v. 1, p. 210-235.

__, W. & __, Tiago (2009). Linguagem como alternativa ao aspecto quantitativo em psicanálise. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 21, n. spe, 2009.

__, W & __, T. (2010). Considerações sobre a imanência da linguagem no inconsciente. In: Richard Theisen Simanke, Ada Jimena García Menéndez, Fátima Caropreso, Izabel Barbelli e Josiane Cristina Bocchi. (Org.). **Filosofia da psicanálise: autores, diálogos, problemas**. São Carlos: Edufscar, 2010, v., p. 97-110.

BIRMAN, J. (1993). **Ensaio de teoria psicanalítica**, 1. Parte: metapsicologia, pulsão, linguagem, inconsciente e sexualidade/ Joel Birman. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

__, J. (1997). **Estilo e modernidade em psicanálise**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

CELES, L. (2000). Da Psicanálise à metapsicologia: uma reflexão metodológica. **Estados Gerais da psicanálise**, São Paulo, 2000.

CHAVES, W. C. (2002). A noção lacaniana da subversão do sujeito. **Psicologia Ciência e Profissão**. 22 (4), pp. 68-73, 2002.

COELHO & SANTOS (2012). Apontamentos sobre o método na pesquisa psicanalítica. **Revista de Psicanálise: Analytica** (São João del-Rei), v.1, n.1, 90-105, 2012.

CONTE, B. de S. (2004). Reflexões sobre o método e a metodologia em Psicanálise. **Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre - RS, v. 1, n.03/jun., p. 06-10, 2004.

COSTA, A (2002). “Se fazer tatuar”: traço e escrita das bordas corporais. **Estilos da Clínica**. 2002, v. VII, n. 12, p. 56-63.

COSTA, A. (2006). **Sonhos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

COSTA, A (2008). Relações entre letra e escrita nas produções em psicanálise. **Estilos da Clínica**. v. XIII, n. 24, p. 40-53.

COSTA & POLI (2006). Alguns fundamentos da entrevista na pesquisa em psicanálise. **Pulsional: Revista de Psicanálise**, 19(188), 14-21, 2006.

DAVID-MÉNARD, M (1989). O corpo: uma questão crítica para a psicanálise. **In O objeto em psicanálise: o fetiche, o corpo, a criança, a ciência / Marc Augé ... [et al.]**; apresentação de Maud Mannoni; tradução Regina Steffen. – Campinas, SP: Papirus, 1989.

_, M. **A histérica entre Freud e Lacan: corpo e linguagem em psicanálise**. – São Paulo: Editora Escuta, 2000.

DOR, J. (1989). **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem**. Porto Alegre: Artes médicas, 1989.

ECHER, I. C (2001). A revisão de literatura no trabalho científico. **Revista Gaúcha de enfermagem**, vol. 22, n.2, 2001.

FERREIRA, N. P. (2002). Jacques Lacan: apropriação e subversão da linguística. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. V, n. 1, pp. 113-132, jan-jun 2002.

FOUCAULT, M. (1969/2009). O que é um autor. In **Estética: literatura e pintura, música e cinema** (coleção Ditos e Escrito III). – 2ª Ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. (Original de 1969).

FREUD, S. (1891/1977). **A Interpretação das Afasias**. São Paulo: Edições 70 (Original publicado em 1891).

_, S. (1950[1896]/2006). **Carta 52**. In *Edição standard brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. I). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1896).

_, S. (1900/2001). **A Interpretação dos sonhos**. In *Edição Comemorativa – 100 anos*, Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1900).

L

_, S. (1901/2006). **Sobre os sonhos**. In *Edição standard brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. V). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1901).

_, S. (1901a/2006). **Sobre a psicopatologia da vida cotidiana**. In *Edição standard brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. VI). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1901).

_, S. (1905/2006). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In *Edição standard brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol.VII). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1905).

_, S. (1905a/2006). **O chiste e sua relação com o inconsciente**. In *Edição standard brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol.VII). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1905).

_, S. (1908/2006). **Moral Sexual Civilizada**. In *Edição standard brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. IX). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1908).

_, S. (1910[1909]/2006). **Cinco lições de psicanálise: Terceira Lição**. In *Edição standard brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. XI). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1910[1909]).

_, S. (1910/2006). **A significação antitética das palavras primitivas**. In *Edição standard brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. XI). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1910).

_, S. (1911/2006). **Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental**. In *Edição standard brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. XII). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1911).

_, S. (1912a/2006). **Recomendações aos médicos que exercem psicanálise**. In *Edição standard brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. XII). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1912).

_, S. (1912b/2006). **Uma nota sobre o Inconsciente na Psicanálise**. In *Edição standard brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. XII). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1912).

_, S. (1914/2006). **Sobre o narcisismo: uma introdução**. In *Edição standard brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1914).

_, S. (1915a/2006). **O Inconsciente: II Vários Significados de ‘O Inconsciente – O ponto de vista topográfico**. In *Edição standard brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915).

_, S. (1915b/2006). **O Inconsciente: V - As características especiais do sistema Ics**. In *Edição standard brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915).

_, S. (1915c/2006). **O Inconsciente: VI – Comunicação entre os dois sistemas**. In *Edição standard brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915).

_, S. (1915d/2006). **O Inconsciente: Apêndice C – Palavras e coisas**. In *Edição standard brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915).

_, S. (1915e/2006). **O instinto e suas vicissitudes**. In *Edição standard brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915).

__, S. (1915f/2006). **Repressão**. In *Edição standard brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915).

__, S. (1915-1916/2006). **Conferências introdutórias sobre a psicanálise (Partes I e II)**. In *Edição standard brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. XV). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915-1916).

__, S. (1915-1916a/2006). **Conferências introdutórias sobre a psicanálise (Partes I e II): V Dificuldades e abordagens iniciais**. In *Edição standard brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. XV). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915-1916).

__, S. (1915-1916b/2006). **Conferências introdutórias sobre a psicanálise (Partes I e II): VI Premissas e Técnicas de Interpretação**. In *Edição standard brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. XV). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915-1916).

_____, S. (1915-1916c/2006). **Conferências introdutórias sobre a psicanálise (Partes I e II): VII O conteúdo manifesto dos sonhos e os pensamentos oníricos latentes**. In *Edição standard brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. XV). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915-1916).

__, S. (1915-1916d/2006). **Conferências introdutórias sobre a psicanálise (Partes I e II): VIII Sonhos de crianças**. In *Edição standard brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. XV). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915-1916).

__, S. (1915-1916e/2006). **Conferências introdutórias sobre a psicanálise (Partes I e II): IX A censura dos sonhos**. In *Edição standard brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. XV). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915-1916).

__, S. (1915-1916f/2006). **Conferências introdutórias sobre a psicanálise (Partes I e II): XII A elaboração onírica**. In *Edição standard brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. XV). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915-1916).

__, S. (1915-1916g/2006). **Conferências introdutórias sobre a psicanálise (Partes I e II): X Simbolismos nos sonhos**. In *Edição standard brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. XV). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915-1916).

__, S. (1917[1915]/2006). **Suplemento metapsicológico a teoria dos sonhos**. In *Edição standard brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1917[1915]).

__, S. (1919/2006). **O estranho**. In *Edição standard brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. XVII). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1919).

__, S. (1920/2006). **Além do princípio de prazer**. In *Edição standard brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1920).

__, S. (1921/2006). **Psicologia de grupo e análise do ego**. In *Edição standard brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1921).

__, S. (1923/2006). **O ego e o id**. In *Edição standard brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1923).

__, S. (1930[1929]/2006). **O mal-estar na civilização**. In *Edição standard brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1930[1929]).

__, S. (1933[1932]/2006). **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise: XXXI A dissecação da personalidade psíquica**. In *Edição standard brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1933[1932]).

GARCIA-ROZA, L. A. (2008). **Introdução à metapsicologia freudiana**, volume 3: artigos de metapsicologia: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente (1914-1917). 7ª Ed., Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

GODINO CABAS, A. (1982). **Curso e discurso da obra de Jacques Lacan**. – São Paulo: Moraes, 1982.

GUIMARÃES, M. C. P. (2009). O estatuto renovado da passagem ao ato. **Ágora**. – Rio de Janeiro. V. XII, n. 2, pp. 291-306, 2009.

IBÁÑEZ, T. (1992). **Introducción**. In: PÁEZ; VALENCIA; et al. Teoría e método en psicología social – Barcelona: Anthropos, 1992.

IRIBARRY, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica? **Agora**, 6 (1), 115-138, 2003.

KAFKA, F. (2013). A Coleirain **Aforismo de Zürau**. – Campinas, SP: Editora Medita, 2013.

LACAN, J. (1948/1998). A agressividade em psicanálise in **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. (Original de 1948).

__, J (1949/1998). O estádio do espelho como formador da função do eu. in **Escritos**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. (Original de 1949).

__, J. (1953/1998) Função e campo da linguagem psicanálise in **Escritos**. Rio de Janeiro: Perspectiva. (Originalmente publicado em 1953).

__, J (1953-1954/1986). **O seminário 1: Os escritos técnico de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. (Original de 1953-1954).

__, J (1954-1955/1985). **O seminário 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. (Original de 1954-1955)

__, J. [1957/1998]. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud in **Escritos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. (Original de 1957).

__, J. (1957-1958/1998). **Seminário 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. (Original de 1957-1958).

- __, J. (1960/1998). **Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano** in *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. (Original de 1960).
- __, J. (1962-1963/2005). **Seminário 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. (Original de 1948).
- __, J. (1964/1988). **O seminário 11: os quatros conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. (Original de 1964).
- __, J. [1965-1966/1998]. A ciência e a verdade *In Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. (Original de 1965-1966)
- __, J. (1967-1968). **Seminário 15: O ato psicanalítico**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora. (Original de 1967-1968).
- __, J. (1968-1969/2008). **Seminário 16: de um Outro ao outro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. (Original de 1968-1969).
- __, J. (1972-1973/1985). **O seminário 20: Os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. (Original de 1972-1973).
- __, J. (1974/1993). **Televisão**. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1993.
- __, J. (1975-1976/2007). **Seminário 23: o sinthoma**. Jorge Zahar Editora. (Original de 1975-1976).
- __, J. (1998). O seminário sobre “a carta roubada” *in Escritos*. Jorge Zahar Editora. (Original de 1975-1976).
- LAZZARINI & VIANA (2006). O corpo em psicanálise. **Psicologia: teoria e pesquisa**. Vol. 22 n. 2, pp. 241-250 Brasília, DF, Mai-Ago 2006.
- LISE, M. L. Z. et al. Tatuagem: perfil e discurso de pessoas com inscrição de marcas no corpo. **An. Bras. Dermatol.**, Rio de Janeiro, v. 85, n. 5, Oct. 2010 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0365-05962010000500006&lng=en&nrm=iso>. access on 18 June 2011. doi: 10.1590/S0365-05962010000500006.
- MILLER, J. A. (1998). **Los signos del goce**. – Buenos Aires: Paidós, 1998.
- MILNER, J.-C. (1996). **A Obra Clara: Lacan, a ciência, a filosofia**. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.
- MONZANI, L. R. (1989). **Nos confins do prazer** *In* Freud: O movimento de um pensamento. Campinas: Editora da Unicamp, 2ª Ed, 1989.
- MOREIRA, J. O.; TEIXEIRA, L. C.; NICOLAU, R. F (2010). Inscrições corporais: tatuagens, *piercings* e escarificações à luz as psicanálise. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fun.** São Paulo, v. 13, n. 4, p. 585-598, dezembro 2010.

NASIO, J-D (2009). *Meu corpo e suas imagens*. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

SELIGMANN-SILVA M (2000). A história como trauma *in Catástrofe e representação: ensaios*/NESTROVSKI, A.; SELIGMANN-SILVA M (orgs.). – São Paulo: Escuta, 2000.

QUEIROZ, E. F. (2012). Dor e gozo: de Freud a Lacan. **Rev, Latinoam. Psicopat. Fund.**, São Paulo, v. 15, n. 4, pp. 851-867, dez 2012.

PARENTE, A. A. M. (2014). A encenação dos sonhos. **Ágora** (Rio de Janeiro), v. XVII, n. 1, pp. 9-24, jan-jun 2014.

PINTO, C. (2012). Crítica do empirismo aplicado à psicopatologia clínica. **Ágora** (Rio de Janeiro), v. XV, n. Especial, 412-420, 2012.

RODRIGUES, A. C.; COSTA, C. A. R. et al (2005). Psicanálise, saber e conhecimento. **Revista do Departamento de Psicologia - UFF**, v. 17 - n. 2, p. 99-108, Jul./Dez. 2005.

ROSA& DOMINGUES. (2010). O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. **Psicologia & Sociedade**, 22(1), 180-188, 2010.

ROSA, M. D. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, 4(2) 329-348, 2004.

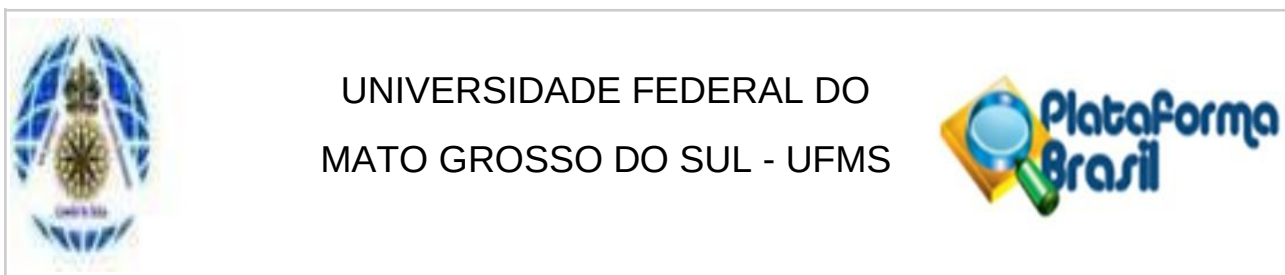
ROZENTHAL, E. (1992). **A construção do conceito de pulsão na obra de Freud**. Dissertação de Mestrado apresentada ao corpo docente do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ –. Março de 1992.

SALES, S. L. (2005). Posição do estádio do espelho na teoria lacaniana do imaginário. **Revista do departamento de psicologia – UFF**, v. 17, n. 1, pp. 113-127, jan-jun 2005.

SAUSSURE, F. de (1915/2006). **Curso de linguística geral**. – São Paulo: Ed. Cultrix, 2006. (Original de 1915).

VIOLA& VORCARO. A formulação do objeto *a* a partir da teorização lacaniana acerca da angústia. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 9, n. 3, set. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000300006&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 28 jul. 2015.

ANEXO A: Aceite da Plataforma Brasil.



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Uma perspectiva freudiana e lacanian na datatuação: implicações entre corpo e linguagem.

Pesquisador: Lorannoelly Vargas Costa Paz

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 34016714.6.0000.0021

Instituição Proponente: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

Patrocinado Principal: financiamento próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 773.386

Data da Relatoria: 11/08/2014

Apresentação do projeto:

Ao se abordar a teoria freudiana, pode-se pontuar que suas construções teóricas foram baseadas, sobretudo, no entrelaçamento de sua visão clínica com a inspiração de fundamentar um novo campo científico que possibilitasse a abordagem de fenômenos variáveis, no sentido da constituição de uma clínica ampliada. Dessa forma, Freud demonstrava interesse por fenômenos psicopatológicos, como o caso da Histeria, e em fenômenos ditos “normais”, como o caso dos sonhos. Com esse intuito, propomos abordar a atuação, enquanto fenômeno. Porém, não tendo sido encontrada uma abordagem direta desse fenômeno nas teorias freudianas e lacanianas, para tanto, buscamos questionar se a teoria freudiana dos processos oníricos e seu modo de interpretação se, a teoria laciana do significante, permitiram uma abordagem diferenciada do fenômeno. E assim, buscamos notar a atuação como expressão da linguagem no corpo, haja vista que, entendendo o inconsciente, segundo Lacan, estruturado como linguagem, a atuação seria uma expressão dessa linguagem no corpo.

Endereço: Pró Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação/UFMS

Bairro: Caixa Postal 549

CEP: 79.070-110

UF: MS

Município: CAMPO GRANDE

Telefone: (67)3345-7187

Fax: (67)3345-7187

E-mail: bioetica@propp.ufms.br

Continuação do Parecer: 773.386

Objetivo da Pesquisa:

Abordar o fenômeno da tatuagem sobre o prisma das teorias Freudiana e Lacaniana, visando sustentar o discurso da tatuagem como expressão da linguagem no corpo e, portanto, subdito ao axioma do inconsciente estruturado como uma linguagem.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os entrevistados poderão experimentar constrangimento ao responder algumas perguntas, além de ter um pequeno dispêndio de tempo.

Quanto aos benefícios:

- a) Escuta sobre o fenômeno em questão, sem qualquer juízo de valor ou moral. Possibilitando assim que a pessoa fale o que lhe vem à mente.
- b) Possibilidade de compreensão do objeto de estudo, tanto pelo pesquisador quanto pelo pesquisado.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-

se de pesquisa em psicologia, tratando de tema contemporâneo (tatuagem), buscando pesquisar a partir das referências de Freud e Lacan.

A pesquisa está bem estruturada, ainda que a descrição da metodologia está equivocada ao procurar criticar as propostas de pesquisa empírica, objetiva e científica.

Apenas mais abaixo no projeto, ao falar do tratamento dos dados, que apresenta alguns procedimentos metodológicos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos obrigatórios estão sendo apresentados.

Recomendações:

Após a crítica aos modelos tradicionais de pesquisa objetiva, acrescentar qual a base teórico-metodológica desta pesquisa.

Quanto ao aspecto ético, sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Endereço: Pró Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação/UFMS

Bairro: Caixa Postal 549

CEP: 79.070-110

UF: MS

Município: CAMPO GRANDE

Telefone: (67)3345-7187

Fax: (67)3345-7187

E-mail: bioetica@propp.ufms.br

ANEXO B: Relatório de atividades (Secretária Municipal de Vigilância Sanitária – CG/MS).**PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE****Secretaria Municipal de Saúde Pública****Coordenadoria de Vigilância Sanitária****RELATÓRIO DE ESTABELECIMENTOS POR SETOR E ATIVIDADE****Setor:** 1

Código	Razão Social	CNPJ/CPF	Insc. Municipal	Endereço
33452	AUGUSTO JOSÉ RIANCHE	256.929.091-20	011796701-8	RUA 1 14 DE JULHO, 1944 CENTRO CEP: 79023336
	Atividades do Estabelecimento	CNAE	Tipo Atividade	
	SERVIÇOS DE TATUAGEM E COLOCAÇÃO DE PIERCING	9609-2/06-000	Principal	
35512	LEONILDO DONIZETE BARATELLA	071.343.828-26	0009655800-7	RUA MARECHAL RONDON, 1900(CASA06) - V. CIDADE
	Atividades do Estabelecimento	CNAE	Tipo Atividade	
	SERVIÇOS DE TATUAGEM E COLOCAÇÃO DE PIERCING	9609-2/06-000	Principal	
37019	ELLEN JAQUELINE DA SILVA			RUA DOM AQUINO, 1397 CENTRO
	Atividades do Estabelecimento	CNAE	Tipo Atividade	
	SERVIÇOS DE TATUAGEM E COLOCAÇÃO DE PIERCING	9609-2/06-000	Principal	
38091	FABIO LONGO	07.728.232/0001-00	0012335200-9	AV AFONSO PENA, 2326 VILA CIDADE
	Atividades do Estabelecimento	CNAE	Tipo Atividade	
	SERVIÇOS DE TATUAGEM E COLOCAÇÃO DE PIERCING	9609-2/06-000	Principal	
40004	NEUSA COELHO RAFAEL – ME	00.271.645/0001-69	0007845300-1	RUA RUI BARBOSA 2454 CENTRO
	Atividades do Estabelecimento	CNAE	Tipo Atividade	
	SERVIÇOS DE TATUAGEM E COLOCAÇÃO DE PIERCING	9609-2/06-000	Principal	
40023	MOACYR CORONEL			RUA 14 DE JULHO, 444 VILA GLÓRIA
	Atividades do Estabelecimento	CNAE	Tipo Atividade	
	SERVIÇOS DE TATUAGEM E COLOCAÇÃO DE PIERCING	9609-2/06-000	Principal	
40100	LENON RAINCHE	005.215.091-73	00124811007	AVENIDA AFONSO PENA 2081 LOJA 15 CENTRO
	Atividades do Estabelecimento	CNAE	Tipo Atividade	

11/02/2014 17:27

	SERVIÇOS DE TATUAGEM E COLOCAÇÃO DE PIERCING	9609-2/06-000	Principal	
41180	KALLEL HENRIQUE RECHE SILVESTRE			RUA 25 DE DEZEMBRO, 924
	Atividades do Estabelecimento	CNAE	Tipo Atividade	
	SERVIÇOS DE TATUAGEM E COLOCAÇÃO DE PIERCING	9609-2/06-000	Principal	
41621	LUIZ EDUARDO DA COSTA RUIZ	CPF 037.256.981-12	136922009	AVENIDA AFONSO PENA 2051 CENTRO
	Atividades do Estabelecimento	CNAE	Tipo Atividade	
	SERVIÇOS DE TATUAGEM E COLOCAÇÃO DE PIERCING	9609-2/06-000	Principal	
58952	RODRIGO DE MIRANDA MARTINS			AV JOSÉ NOGUEIRA VIEIRA, 430 - SALA 06
	Atividades do Estabelecimento	CNAE	Tipo Atividade	
	SERVIÇOS DE TATUAGEM E COLOCAÇÃO DE PIERCING	9609-2/06-000	Principal	
Setor:	2			
Código	Razão Social	CNPJ/CPF	Insc. Municipal	Endereço
41969	MARIO CESAR FONSECA BOTELHO	CPF 809.614.601-72	132537003	RUA RIO GRANDE DO SUL 1798 VILA GOMES
	Atividades do Estabelecimento	CNAE	Tipo Atividade	
	SERVIÇOS DE TATUAGEM E COLOCAÇÃO DE PIERCING	9609-2/06-000	Principal	
Setor:	4			
Código	Razão Social	CNPJ/CPF	Insc. Municipal	Endereço
2710	J. L. COMERCIO DE BIJUTERIAS LTDA – EPP	08.911.394/0001-41	0012828000-6	AVENIDA AFONSO PENA 4909 1219/1220 SANTA FE
	Atividades do Estabelecimento	CNAE	Tipo Atividade	
	SERVIÇOS DE TATUAGEM E COLOCAÇÃO DE PIERCING	9609-2/06-000	Principal	
3457	ALEXSANDER SOARES DE ALMEIDA			RUA SALSA PARRILHA, 349 - SALA 01 CARANDA BOSQUE
	Atividades do Estabelecimento	CNAE	Tipo Atividade	
	SERVIÇOS DE TATUAGEM E COLOCAÇÃO DE PIERCING	9609-2/06-000	Principal	
3470	ARNALDO RADEKE DE CARVALHO	691.234.891-20	100431009	RUA FREDERICO SOARES 512 SANTA FE
	Atividades do Estabelecimento	CNAE	Tipo Atividade	
	SERVIÇOS DE TATUAGEM E COLOCAÇÃO DE PIERCING	9609-2/06-000	Principal	
Setor:	6			
Código	Razão Social	CNPJ/CPF	Insc. Municipal	Endereço
83383	CESAR DA SILVA DONTACHEF	855.747.831-34	0011472600-1	AVENIDA VARGAS Nº 609 VILA DUQUE DE CAXIAS
	Atividades do Estabelecimento	CNAE	Tipo Atividade	

11/02/2014 17:27

	SERVIÇOS DE TATUAGEM E COLOCAÇÃO DE PIERCING 9609-2/06-000		Principal	
Setor:	9			
Código	Razão Social	CNPJ/CPF	Insc. Municipal	Endereço
94133	ALEX FERREIRA DE SOUZA			RUA SOUTO MAIOR, 961
	Atividades do Estabelecimento	CNAE	Tipo Atividade	
	SERVIÇOS DE TATUAGEM E COLOCAÇÃO DE PIERCING 9609-2/06-000		Principal	
Setor:	10			
Código	Razão Social	CNPJ/CPF	Insc. Municipal	Endereço
32619	JOÃO MARCELINO	596.260.201-30		RUA GOIATUBA 218 JARDIM MORENAO
	Atividades do Estabelecimento	CNAE	Tipo Atividade	
	SERVIÇOS DE TATUAGEM E COLOCAÇÃO DE PIERCING 9609-2/06-000		Principal	
Setor:	10			
Código	Razão Social	CNPJ/CPF	Insc. Municipal	Endereço
32887	ANDERSON DA SILVA SANTOS	819.506.831-68		RUA BERNARDO GUIMARAES 435 UNIVERSITARIO
	Atividades do Estabelecimento	CNAE	Tipo Atividade	
	SERVIÇOS DE TATUAGEM E COLOCAÇÃO DE PIERCING 9609-2/06-000		Principal	

11/02/2014 17:32

IMTI - Instituto Municipal de Tecnologia da Informação

11/02/2014 17:27

IMTI - Instituto Municipal de Tecnologia da Informação
sosestatvrel.rptdesign

**PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE**

98

Secretaria Municipal de Saúde Pública**Coordenadoria de Vigilância Sanitária****RELATÓRIO DE ESTABELECIMENTOS POR SETOR E ATIVIDADE**

Setor:	1			
Código	Razão Social	CNPJ/CPF	Insc. Municipal	Endereço
38855	THOMAS DA COSTA RECH	015.332.671-97	0016146500-3	AV. AFONSO PENA, 2081 - SALA 16 TERREO CENTRO
	Atividades do Estabelecimento	CNAE	Tipo Atividade	
	TATUAGEM; SERVIÇOS DE	9609-2/06-002	Principal	
Setor:	6			
Código	Razão Social	CNPJ/CPF	Insc. Municipal	Endereço
31265	RENATO LUIS LINO	005.090.701-83		RUA JUSSARA 595 GUANANDI
	Atividades do Estabelecimento	CNAE	Tipo Atividade	
	TATUAGEM; SERVIÇOS DE	9609-2/06-002	Principal	
Setor:	7			
Código	Razão Social	CNPJ/CPF	Insc. Municipal	Endereço
34900	ALINE FARIAS MARQUES	12.054.176/0001-05		RUA CUBATAO 17 JARDIM JOQUEI CLUB
	Atividades do Estabelecimento	CNAE	Tipo Atividade	
	TATUAGEM; SERVIÇOS DE	9609-2/06-002	Principal	
Setor:	8			
Código	Razão Social	CNPJ/CPF	Insc. Municipal	Endereço
34741	NIKYSON MICHAEL GUESSO	701.358.061-94		RUA PALMITO 154 LOTEAMENTO ALTO DA BOA VISTA
	Atividades do Estabelecimento	CNAE	Tipo Atividade	
	TATUAGEM; SERVIÇOS DE	9609-2/06-002	Principal	
Setor:	11			
Código	Razão Social	CNPJ/CPF	Insc. Municipal	Endereço
32701	LAVISSE TEIXEIRA COSTA	034.657.524-90		AVENIDA CAFEZAIS 2291 JARDIM CENTRO OESTE
	Atividades do Estabelecimento	CNAE	Tipo Atividade	
	TATUAGEM; SERVIÇOS DE	9609-2/06-002	Principal	
Total de registros:				5

11/02/2014 17:27

ANEXO C: Termo de consentimento livre e esclarecido.**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você esta sendo convidado (a) a participar em uma pesquisa. Você precisa decidir se quer participar ou não. Por favor, não se apresse em tomar a decisão. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte ao responsável pelo estudo qualquer dúvida que você tiver. Este estudo está sendo conduzido pela acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado Lorannoelly Vargas Costa Paz.

Porque o estudo esta sendo feito?

A finalidade deste estudo é coletar dados que possam auxiliar na pesquisa de dissertação de Mestrado da referida acadêmica acerca do discurso da tatuagem segundo a perspectiva da Psicanálise.

Quem participará deste estudo? Quais são os meus requisitos?

Poderão participar deste estudo pessoas que tenha disponibilidade de tempo para conversar sobre suas tatuagens.

Quem não pode ou não deve participar deste estudo?

Menores de idade sem a autorização de pais ou responsáveis, além de pessoas que não atendam a critérios técnicos estipulados pela pesquisa.

O que serei solicitado a fazer?

Você preencherá um questionário de identificação e será submetido(a) à entrevista que será gravada; e o que você disser será registrado para posterior estudo. Sem intuito de avaliação quanto a suas capacidades ou afins.

O que se sabe sobre este assunto:

O inconsciente não pode ser observado, para isso é necessário à análise de suas manifestações, dos discursos das pessoas para que se tenha acesso a produção dessas formas de expressões.

Quanto tempo estarei no estudo?

Você participará deste estudo durante os minutos necessários para a realização da entrevista e do preenchimento do questionário.

Quantas outras pessoas estarão participando deste estudo?

Um grupo de aproximadamente 20 pessoas.

Assinatura do Voluntário

Assinatura do Pesquisador

Que prejuízos (ou eventos adversos) podem acontecer comigo se eu participar deste estudo?

Os entrevistados poderão ter um pequeno dispêndio de tempo.

Se eu tiver algum prejuízo (ou evento adverso), quem pagará pelo médico e a conta do hospital?

De maneira geral, como se trata de uma entrevista de curta duração e como não há um intuito de finalidade terapêutica, não foi levado em consideração à possibilidade de prejuízo ou evento adverso.

Que benefício eu posso esperar?

Escuta sobre fenômeno em questão, sem qualquer juízo de valor ou moral. Possibilitando assim que a pessoa fale e também se escute. Além da possibilidade de compreensão do objeto de estudo, tanto pelo pesquisador quanto pelo pesquisado.

Quem poderá ver os meus registros / respostas e saber que eu estou participando do estudo?

Se você concordar em participar do estudo, seu nome e identidade serão mantidos em sigilo. A menos que requerido por lei, somente o pesquisador (seu médico ou outro profissional), a equipe do estudo, Comitê de Ética independente e inspetores de agências regulamentadoras do governo (quando necessário) terão acesso a suas informações para verificar as informações do estudo.

Eu serei informado do surgimento de informações significativas sobre o assunto da pesquisa.

Sim, você será informado periodicamente de qualquer nova informação que possa modificar a sua vontade em continuar participando do estudo.

Quem devo chamar se tiver qualquer dúvida ou algum problema?

Para perguntas ou problemas referentes ao estudo ligue para (067) 9671-5634, Lorannoely V. C. Paz. Para perguntas sobre seus direitos como participante no estudo chame o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMS, no telefone (067) 33457187.

Eu posso recusar a participar ou pedir para sair do estudo?

Sua participação no estudo é voluntária. Você pode escolher não fazer parte do estudo, ou pode desistir a qualquer momento. Você não perderá qualquer benefício ao qual você tem direito. Você não será proibido de participar de novos estudos. Você poderá ser solicitado a sair do estudo se não cumprir os procedimentos previstos ou atender as exigências estipuladas. Você receberá uma via assinada deste termo de consentimento.

Assinatura do Voluntário

Assinatura do Pesquisador

Declaro que li e entendi este formulário de consentimento e todas as minhas dúvidas foram esclarecidas. E que sou voluntário a tomar parte neste estudo.

Aceito participar da pesquisa: () com gravação () sem gravação

_____ data ____ de _____ 20____.

Assinatura do Voluntário

e-mail: _____

_____ data ____ de _____ 20____.

Assinatura do Pesquisador

e-mail: loranpaz@yahoo.com.br

ANEXO D: Ficha de identificação.

UFMS				Programa de Pós-Graduação em Psicologia – PPPSI			
Mestrado em Psicologia				Ficha de Identificação			
Data/Número da identificação:				Responsável pela identificação:			
Data da identificação:				Orientação:			
Nome:							
Idade:			RG:				
Sexo:		() Masculino () Feminino		Estado Civil:		() Solteiro () Casado () Outro () Separado () Viúvo	
Data de nascimento:		Nacionalidade (país):					
		Naturalidade (cidade):					
Filiação Pai:				Mãe:			
Idade:				Idade:			
Profissão:				Profissão:			
Endereço:							
Bairro:		Cidade:		CEP:			
Tel. Residencial:		Tel. Comercial:		Celular:			
Profissão:			Email:				
Reside com (cônjuge, sozinho, pais, responsável):							
Grau de		() Analfabeto		() Ensino Fundamental		() Ensino Superior	
Escolaridade		() Educação Infantil		() Ensino Médio		() Pós-Graduação	
Nome do estúdio:							
Renda familiar (em salário mínimo):							

APÊNDICE A: Convite para a participação da pesquisa.

Convite Para Participação de Pesquisa Acadêmica

Prezado(a) Senhor(a)

Convidamos o(a) Senhor(a) à participar da pesquisa intitulada: “*Uma perspectiva freudiana e lacaniana do discurso da tatuagem: implicações entre corpo e linguagem*”, com a finalidade de abordar questões referentes a forma de produção e ao discurso sobre o fenômeno da tatuagem.

A pesquisa será realizada nos estúdios de tatuagem convidados, com tatuadores e tatuados pelo período de 02 (dois) dias, sendo este período a ser definido em comum acordo. Mediante termo de autorização para a utilização do seu espaço físico e o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). O TCLE deverá ser assinado por todos os participantes da pesquisa.

Os dados coletados, mediante questionário de identificação e entrevista gravada, receberão tratamento científico e estarão sob sigilo. O resultado obtido ao final da pesquisa resultará na produção de uma dissertação de mestrado e artigos visando publicação.

Pedimos a gentileza de que confirmem ou recusem previamente sua participação através do e-mail loranpaz@yahoo.co.br, para que, visando seu conforto, sejam operacionalizadas as devidas providências. Agradecemos sua participação. Atenciosamente,

Lorannoelly Vargas C. Paz
(Psicóloga – Mestranda responsável pela pesquisa)
CRP 14ª 05371-9

Dr. Tiago Ravanello
(Professor orientador da pesquisa)

Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado de Psicologia

APÊNDICE B: Termo de autorização para uso do estabelecimento comercial.**Autorização para realização da pesquisa**

Eu _____ portador do documento de identidade nº _____ responsável pelo estabelecimento comercial situado no endereço _____

Rua: _____ Nº _____ Bairro: _____

Cidade: _____ UF: _____, autorizo a pesquisadora Lorannoelly Vargas Costa Paz, Psicóloga – Mestranda em Psicologia, a realizar a coleta de dados da pesquisa intitulada “*Uma perspectiva freudiana e lacaniana do discurso da tatuagem: implicações entre corpo e linguagem*” no referido estabelecimento comercial.

Declaro estar ciente e de acordo com as etapas de pesquisa que serão realizadas presencialmente no estabelecimento.

Campo Grande ____ de _____ de 20__.

Responsável pelo estabelecimento Lorannoelly Vargas Costa Paz – pesquisadora
(CRP 14ª 05371-9)

Dúvidas ou informações
e-mail: loranpaz@yahoo.com.br
fone: (67) 9671-5634

APÊNDICE C: Roteiro da entrevista

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- **Sobre tatuagem ou tatuagens:**

1. Quantas tatuagens você possui?
2. Fale-me sobre a(s) sua(s) tatuagem(s)?
3. O que você considera que a(s) sua(s) tatuagem(ns) diz(em) de você?

Finalidade de demarcar os significantes e a forma de estruturação do discurso sobre o fenômeno.

- **Sobre corpo:**

1. Em qual local do corpo você possui tatuagem(s)?
2. Qual a relação entre sua(s) tatuagem(s) e seu corpo?

Intuito de buscar a relação da tatuagem com o corpo, enquanto produção de borda diferenciada.

- **Olhar do outro:**

1. Como você acha que as demais pessoas vêem sua(s) tatuagem(s)?
2. Como você gostaria que os outros as vissem?
3. Como está presente o olhar do outro para você?

Ver a tatuagem na sua função de troca com o outro; e também a questão da pulsão escópica.

- **O que o levou a se tatuar:**

1. Como iniciou o seu interesse por tatuagem(s)?
2. Fale sobre sua 1º (primeira) tatuagem?
3. Você tem interesse em fazer novas tatuagens?

O indagar sobre o seu desejo.

- **Tatuagem relacionada a momentos específicos da vida:**

1. Tem alguma tatuagem que o recorde algo?
2. Em que momentos da sua vida você fez sua(s) tatuagem(s)?

Identificar a relação da tatuagem como possibilidade de elaboração de um objeto perdido.